

**MARIA ALEJANDRA ROSALES VERA BARBOSA**

**CURANDEIRISMO E CURANDEIROS EM CURITIBA (1899-1912):  
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO NO “DIÁRIO DA TARDE”**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Siqueira

CURITIBA  
2001

**MARIA ALEJANDRA ROSALES VERA BARBOSA**

***CURANDEIRISMO E CURANDEIROS EM CURITIBA (1899-1912):  
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO NO “DIÁRIO DA TARDE”***

**Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção  
do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História Social,  
Linha de pesquisa História, Cultura e Poder da Universidade Federal  
do Paraná, pela Comissão formada pelos professores:**

**Orientador: Profa. Dra. Márcia Dalledone Siqueira  
Depart. de História da Pós-Graduação, UFPR**

**Prof. Dr. Euclides Marchi  
Depart. de História da Pós-Graduação, UFPR**

**Prof. Dra. Sandra Jacqueline Stoll  
Depart. de Antropologia Social da Pós-Graduação, UFPR**

**Curitiba, Setembro de 2001**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**MARIA ALEJANDRA ROSALES VERA BARBOSA**

***CURANDEIRISMO E CURANDEIROS EM CURITIBA (1899-1912):  
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO NO “DIÁRIO DA TARDE”***

**Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:**

**Orientador:**    **Profa. Dra. Márcia Dalledone Siqueira**  
                         **Departamento de História, UFPR**

**Prof. Dr. Euclides Marchi**  
**Departamento de História, UFPR**

**Profa. Dra. Sadra Jacqueline Stoll**  
**Departamento de Antropologia, UFPR**

**Curitiba, Setembro de 2001**

*A la memoria de mi madre Nelly Marina,  
Quien entendía y vivía lo real como imaginario,  
Y a mi hija Janaina,  
Quien entiende y vive lo imaginario como real.*

## **AGRADECIMENTOS**

Como é natural, toda pesquisa consome um tempo considerável durante o qual não só se procuram soluções a um problema teórico ou metodológico, senão que também se estabelecem valiosas relações humanas em diversos contextos. É quase impossível agradecer a todos sua contribuição, mas não temos duvida que cada um deixa uma marca que pode reconhecer ao ler o produto final.

Sou grata principalmente a minha orientadora Dra. Márcia Siqueira quem me motivou desde o inicio da caminhada no curso de pós-graduação do Departamento de História da UFPR. Ao Prof. Dr. Euclides Marchi devo a minha curiosidade e estímulo para trabalhar com estudos de análises do discurso como forma de entender junto com a metodologia histórica, a interação humana e o fenômeno de suas representações. Ao Prof. Carlos Balhana da Pós- de Antropologia, quem me deu interessantes e valiosas referências e observações desde o inicio desta aventura acadêmica .

Também devo expressar minha gratidão aos colegas do Mestrado, principalmente a Ingrid e a Elena, com quem compartilhei e dividi angustias, duvidas e sugestões próprias do desenvolvimento das investigações. Agradeço aos funcionários da Biblioteca Pública á paciência e o auxilio prestado nas longas horas na sala da Divisão de Estudos Paranaenses, em frente ao aparelho de microfilmagem.

Agradeço a solidariedade e compreensão demonstrada por parte de meu companheiro Beethoven e de minha filha Janáina, nas horas mais criticas frente aos livros e ao computador. Ao Beethoven também agradeço os momentos de comentários, leitura e revisão da versão final, que permitiu o melhor desenvolvimento e culminação da Pesquisa.

Finalmente agradeço ao Centro Nacional de Pesquisas (CNPq) pela auxilio financeiro outorgado com a Bolsa de Mestrado para completar as derradeiras fases da Dissertação.

*“ Um Curandeiro*

*Já parece passado nesta cidade  
o tempo dos cartomantes,  
ainda não passou porem o das bruxarias.  
A prova vai ver o leitor.  
Pedro –o curandeiro- assim é conhecido  
um velho herbolario que nos dizem residir  
numa casinhola para as bandas de S. Francisco.  
Trata de todas as doenças por meio  
de medicamentos que sabe preparar e  
dos quaes, com cautella, guarda os segredos.  
De todas as bandas accorrem doentes  
à casa de Pedro e à todos,  
em troca de qualquer 100 reis,  
vai elle prestando o auxilio da sua sciencia (...)”*

*Diário da Tarde, Curitiba, 07/11/1899, p. 02.*

## SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS .....	i
LISTA DE TABELA .....	i
LISTA DE FIGURAS .....	ii
AGRADECIMENTOS .....	
RESUMO .....	iv
ABSTRACT .....	v
INTRODUÇÃO .....	1
 CAPITULO 1: FONTES E METODOLOGIA .....	 12
1.1.1 Apresentação e Crítica da Fonte .....	12
1.1.1 Importância do estudo das Fontes Periódicas Impressas .....	
nas Ciências Humanas e Sociais .....	14
1.1.2 Ano 1899: O ano do <i>Diário da Tarde</i> .....	17
1.2 Metodologia e Técnicas .....	21
1.2.1 Levantamento Documental e Bibliográfico .....	21
1.2.2 Arrolamento e Ordenação das Fichas de Conteúdo das Fontes .....	23
1.2.3 Classificação do Material .....	24
1.2.4 Técnicas de Análise Utilizadas .....	24
 CAPITULO II: CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL E RELIGIOSO DE CURITIBA ENTRE OS ANOS 1899-1912 .....	 27
2.1 A Cidade de Curitiba e sua Formação .....	27
2.1.1 Os Brasileiros de Curitiba .....	29
2.1.2 A Curitiba da Primeira República e do Livre-Pensamento .....	30
2.1.3 O Positivismo: “Ordem e Progresso” .....	33
2.1.4 Movimentos Anticlericais: Ocultistas e Espiritualistas .....	34
2.2 Evolução do Pensamento Científico e Médico .....	
em Curitiba entre os anos 1899-1912 .....	38
2.2.1 O Negro como um problema nacional e a vinda do Branco .....	
europeu como salvação .....	39
2.2.2 O Discurso Cientificista e o Discurso Médico .....	43
2.2.3 O Saber e a Prática Médico como Monopólio .....	
Científico da Sociedade .....	44
2.2.4 Fundação da Universidade Federal de Paraná: uma necessidade .....	50
 CAPITULO III: MEDICINA POPULAR EM CURITIBA ENTRE OS ANOS 1899-1912: CURANDEIRISMO OU FEITIÇARIA? .....	 54
3.1 Medicina Popular e/ou Curandeirismo .....	54
3.1.1 Raízes da Medicina Popular no Brasil e em Curitiba .....	55
3.1.1.1 Influência Indígena .....	56
3.1.1.2 Influência Africana .....	59
3.1.1.3 Influência do Imigrante Europeu .....	60
3.2 O Curandeirismo e as Práticas mágico-religiosas .....	62

3.2.1	Filtros, Mezinhas e Garrafadas em Curitiba .....	65
3.2.2	Beneduras, Orações e Palavras Cabalísticas .....	71
3.2.3	Outras práticas de cura de tipo mágico-religioso .....	76
	relacionadas ao Curandeirismo .....	76
3.2.3.1	Curandeirismo/Espiritismo .....	76
3.2.3.2	Curandeirismo/Objetos e Fetiches de caráter mágico .....	79
3.2.3.3	Curandeirismo/Fluidos Magnéticos .....	80
3.2.4	Irmandade do Pala Branco .....	86
3.3	O Curandeirismo como prática ilegal da Medicina .....	87
3.4	De Curandeiras a Feiticeiras .....	94
3.5	Gênero: Por quê as mulheres feiticeiras ? .....	100
3.5.1	Alguns casos de bruxaria ligada às feiticeiras .....	101
	e às práticas de curandeirismo .....	101
3.5.2	Algumas Representações estereotipadas das Bruxas .....	108
	na prática do Curandeirismo .....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS: O CURANDEIRISMO .... UM MAL NECESSÁRIO....		112
REFERÊNCIAS DAS FONTES E DA BIBLIOGRAFIA .....		117
ANEXOS .....		126



## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 -	“Sistema de Saúde em Curitiba” (1899-1912): Percentagens de ocorrências no <i>Diário da Tarde</i> de praticantes da Medicina ...	126
GRÁFICO 2 -	“Curandeirismo em Curitiba (1899-1912)”: Número ..... de ocorrências .....	127
GRÁFICO 3 -	Reconstrução Antropológica das Raízes e Influências do Curandeirismo em Curitiba entre os anos 1899-1912 .....	128
GRÁFICO 4 -	Reconstrução do Sistema de Saúde de Curitiba ..... entre os anos 1899-1912 .....	129

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	Relação de Doenças mencionadas no <i>Diário da Tarde</i> (1899-1912) relacionadas ao Curandeirismo .....	130
------------	--	-----

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	DIÁRIO DA TARDE, 18/03/1911 .....	16
FIGURA 2 -	DIÁRIO DA TARDE, 04/01/1910 .....	18
FIGURA 3 -	MODELO DE FICHA DO .....	
	LEVANTAMENTO DAS FONTES.....	23
FIGURA 4 -	DIÁRIO DA TARDE, 18/03/1907 .....	35
FIGURA 5 -	DIÁRIO DA TARDE, 05/10/1907 .....	36
FIGURA 6 -	DIÁRIO DA TARDE, 28/02/1903 .....	37
FIGURA 7 -	DIÁRIO DA TARDE, 06/07/1901 .....	40
FIGURA 8 -	DIÁRIO DA TARDE, 29/10/1900 .....	42
FIGURA 9 -	DIÁRIO DA TARDE, 27/06/1912 .....	46
FIGURA 10 -	DIÁRIO DA TARDE, 07/01/1905 .....	47
FIGURA 11 -	DIÁRIO DA TARDE, 03/12/1912 .....	51
FIGURA 12 -	DIÁRIO DA TARDE, 29/11/1912 .....	53
FIGURA 13 -	ILUSTRAÇÃO <i>DANÇA ASTROMÁGICA DE</i> <i>CURANDEIROS DOS INDIOS NORTEAMERICANOS</i> .....	58
FIGURA 14 -	DIÁRIO DA TARDE, 21/07/1903 .....	59
FIGURA 15 -	DIÁRIO DA TARDE, 25/05/1899 .....	64
FIGURA 16 -	DIÁRIO DA TARDE, 14/06/1904 .....	65
FIGURA 17 -	DIÁRIO DA TARDE, 10/10/1907 .....	68
FIGURA 18 -	TRATADO SOBRE MEDICINA POPULAR .....	
	DE 1912 <i>MAGIA NATURAL</i> .....	70
FIGURA 19 -	DIÁRIO DA TARDE, 06/07/1899 .....	74
FIGURA 20 -	DIÁRIO DA TARDE, 29/12/1899 .....	78
FIGURA 21 -	DIÁRIO DA TARDE, 07/10/1912 .....	84
FIGURA 22 -	DIÁRIO DA TARDE, 12/09/1901 .....	91
FIGURA 23 -	DIÁRIO DA TARDE, 05/05/1910 .....	92
FIGURA 24 -	DIÁRIO DA TARDE, 09/10/1900 .....	92
FIGURA 25 -	DIÁRIO DA TARDE, 10/05/1899 .....	95
FIGURA 26 -	ILUSTRAÇÃO DE 1514 <i>O SABÁ DAS FEITIÇEIRA</i> .....	
	<i>E DAS CURANDEIRAS</i> .....	97
FIGURA 27 -	DIÁRIO DA TARDE, 22/05/1899 .....	98
FIGURA 28 -	DIÁRIO DA TARDE, 22/05/1899 .....	99
FIGURA 29 -	DIÁRIO DA TARDE, 08/05/1899 .....	102
FIGURA 30 -	ILUSTRAÇÃO DA REVISTA “OLHO DA RUA” .....	
	PARA O CONTO <i>Feitiço contra o Feiticeiro</i> .....	109
FIGURA 31 -	DIÁRIO DA TARDE, 22/04/1899 .....	131
FIGURA 32 -	DIÁRIO DA TARDE, 07/11/1899 .....	132
FIGURA 33 -	DIÁRIO DA TARDE, 30/10/1900 .....	133
FIGURA 34 -	DIÁRIO DA TARDE, 18/10/1901 .....	134
FIGURA 35 -	DIÁRIO DA TARDE, 23/05/1902 .....	135
FIGURA 36 -	DIÁRIO DA TARDE, 21/02/1903 .....	136
FIGURA 37 -	DIÁRIO DA TARDE, 01/06/1903 .....	137

FIGURA 38 -	DIÁRIO DA TARDE, 02/10/1903 .....	138
FIGURA 39 -	DIÁRIO DA TARDE, 02/10/1903 .....	139
FIGURA 40 -	DIÁRIO DA TARDE, 19/03/1907 .....	140
FIGURA 41 -	DIÁRIO DA TARDE, 03/12/1908 .....	141
FIGURA 42 -	DIÁRIO DA TARDE, 24/01/1912 .....	142

## RESUMO

O presente estudo analisou no discurso jornalístico do *Diário da Tarde* as diversas representações sociais feitas ao curandeiro e as suas práticas populares em Curitiba de finais do século XIX e início do XX. A análise foi realizada sob um enfoque teórico-metodológico da chamada *Nova Historia Cultural*, que inclui perspectivas do estudo das *Representações Sociais* e da *Análise do Discurso*. A finalidade básica do trabalho foi identificar no discurso do jornal escolhido, suficientes elementos que permitissem caracterizar tal representação. Para tanto, privilegiou-se o discurso teórico e social de Curitiba imersa em um contexto sócio-cultural do Livre Pensamento, da Ordem e Progresso, e de uma nascente República, em que a conscientização do papel profissional e acadêmico do médico e do farmacêuta, principalmente, passou a ser significativa e geradora de expectativas no resto da sociedade curitibana da virada do século XIX para o início do século XX. Estas expectativas criavam disputas pelo predomínio das práticas de cura e propiciavam polêmicas, baseadas em princípios morais e éticos que irmanavam com Livre-Pensamento e com o lema Ordem e Progresso. Partiu-se do pressuposto que a representação social se mediatizou pela linguagem e pelo discurso. O discurso, a sua vez, foi a condição essencial para qualquer comunicação social, que permitiu o desenvolvimento das próprias representações sociais. Para o desenvolvimento dessa análise, optou-se pela reconstrução e interpretação dos textos jornalísticos relacionados com o Curandeiro e suas práticas nas diversas dimensões. Procurou-se também, abranger as transformações ocorridas nas suas práticas, bem como demonstrar a inter-relação entre saber e monopólio do científico médico e das conseqüentes atitudes da população, como respostas a esse debate histórico-cultural e social. O plano de pesquisa obedeceu a uma distribuição em 3 capítulos além da Introdução. A) O primeiro se referiu à questão das Fontes, Crítica e Tipo das Fontes e Metodologia utilizada, constituindo-se no instrumento principal do qual foi possível o estudo e a análise das representações sociais no discurso jornalístico do *Diário da Tarde*. B) O segundo capítulo referiu-se a uma síntese bibliográfica sobre o contexto histórico, socio-cultural e religioso de Curitiba entre os anos 1899-1912. C) O terceiro capítulo foi específico sobre a Medicina Popular em Curitiba no período; e sobre o Curandeirismo como prática médico-mágica-religiosa. Nele analisaram-se as diversas representações sociais feitas no discurso do jornal escolhido, assim como também caracterizou-se os seus principais agentes: os Curandeiros. Concluiu-se que, quando se representava ao curandeiro e as suas práticas, estava-se também representando o pensamento da medicina oficial, de setores acadêmicos e profissionais da sociedade Curitibana em geral. Todos eles muito preocupados em marginalizar e abolir a figura do curandeiro e ao praticante da medicina popular em geral, por constituir uma séria ameaça à hegemonia do monopólio científico e médico da época. Com isso, os recém médicos diplomados e profissionais da saúde tinham de disputar a preferência da população com as práticas populares do curandeirismo. Essa preocupação e disputa do espaço foi aumentando progressivamente, o que pode ser constatado nas fontes e nos exemplos analisados na Dissertação.

## ABSTRACT

This study analysed the journalistic discourse of the newspaper *Diário da Tarde*, the different social representations made about the witch-doctor/healer and his popular practices in Curitiba in the end of the 19th century and beginning of the 20th century. The analysis was realized under the theoretical and methodological view of the so-called "Cultural New History", that includes studies of Social Representations and Discourse Analysis. The main purpose of this work was to identify sufficient elements in the source paper that could characterize such representation. To achieve that, Curitiba's theoretical and social discourses were favored, taking into consideration that it was immersed in a social and cultural context of Free Thinking, of Order and Progress, and in a nascent Republic, in which the conscientiousness of the professional and academic roles of the doctor and pharmacist, in special the late, began to be significative and generative of expectations in the rest of Curitiba's society upon the turning of the 19th to the 20th century. These expectations raised disputes for the predominancy of the healing practices and propitiated polemics, based on moral and ethic principles that fell in with Free Thinking and with the motto Order and Progress. It was presumed that social representation was mediated by the language and by the discourse. The discourse, by its own merit, was the essential condition to any social communication, which permitted the development of social representations. To the development of this analysis, it has been made the option for the reconstruction and interpretation of the articles related with the witch doctors/healers and their practices in the many different dimensions. It was also the intention to include the transformations occurred in their practices, as well as demonstrate the inter-relations between the popular knowledge and the monopoly of the medic-scientific knowledge and the consequent attitudes of the people, such as answers to this historic-cultural and social debate. The research plan followed the distribution in 3 chapters apart from the Introduction. A) The first referred to the question of the sources, criticism and type of the sources and methodology used, being in the main instrument from which it was possible the study and analysis of the social representations in the journalistic discourse of the *Diário da Tarde*. B) The second chapter referred to a bibliographic synthesis about historical context (social, cultural and religious) of Curitiba between the years 1899-1912. C) The third chapter was specific about popular medicine in Curitiba at that period; and Healing as medical, religious and magical practices. In it, the different social representations made on the discourse of the chosen newspaper were analyzed, as well as it was characterized their agents: the witch doctors/healers. It has been concluded that, when the witchdoctor and their practices were represented, in general, it was also represented the thought of the official medicine, of the academic and professional sectors of the Curitiba's society. All of them were much too worried in making the witchdoctor's figure marginal and abolish the popular medicine practitioner, since it represented a serious threat to the hegemony of the scientific and medical monopoly of that time. With this, the newly qualified doctors and professionals who ventured in the same field had to dispute the preference of the population with the popular practices of the witchdoctor/healer. This worry and dispute of the space increased progressively, what can confirmed in the sources and in the analysed examples in this Dissertation.

*“A História leva a tudo,  
com a condição de se entrar nela”*

*Jacques Le Goff*

## **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

O tema do curandeirismo e da medicina popular na historiografia brasileira apresenta na atualidade uma grande fonte de pesquisas nestes últimos anos. O crescente interesse pelo assunto por parte de historiadores, antropólogos, psicólogos e outros cientistas humanistas tem-se adensado progressivamente com a realização de novas pesquisas e debates. Este fato estimula cada vez mais a realização de pesquisas interdisciplinares que envolvam diferentes enfoques e perspectivas.

A pesquisa intitulada *Curandeirismo e Curandeiros em Curitiba (1899-1912): Discurso e Representação no Diário da Tarde* têm como objetivo fundamental identificar e analisar no discurso jornalístico do *Diário da Tarde* as representações sociais feitas ao curandeiro e as suas práticas populares, em uma Curitiba de finais do século XIX e início do XX. O tratamento analítico utilizado consta de uma ótica e um enfoque teórico-metodológico da chamada “Nova História Cultural”<sup>1</sup>, que inclui perspectivas do estudo das Representações Sociais e da Análise do Discurso<sup>2</sup>

A intenção principal dos objetivos da pesquisa é entender e analisar os diferentes relatos e as diferentes representações sociais feitas no jornal escolhido; não só na dimensão pragmática, isto é, não tratá-las como meras informações onde a linguagem principal é a tradução do sentido, mas também como a linguagem que diz por si mesma. Os discursos impressos levantados em nossa fonte no período de 1899-1912 são analisados enquanto expressão relevante e representativa de alguns segmentos culturais e sociais da sociedade de Curitiba dessa época. Desse modo pode-se aproximar de uma análise histórica cultural das opiniões dos Médicos, Farmacêutas, Jornalistas, Universitários e Humanistas, em relação à figura dos curandeiros e suas práticas. Em uma cidade imersa no contexto sócio-cultural do Livre Pensamento, da Ordem e do Progresso e de uma nascente República.

---

<sup>1</sup> Roger CHARTIER. (*A Nova História Cultural*”, SP, 1992) Herdeiro da História das Mentalidades define uma História Cultural a partir do conceito de representações. Com a nova História Cultural se propõem novos temas de investigação abrindo o rico universo teórico-metodológico de outras áreas afins à história, questionando-se os métodos e objetivos de estudo da história em geral.

<sup>2</sup> A corrente metodológica da Análise do Discurso utilizada nesta pesquisa é principalmente a francesa.



A periodização 1899-1912 proposta na presente pesquisa de Dissertação está relacionada ao fato de ser o início das primeiras edições e publicações de um dos principais jornais e que tinham maior difusão popular de Curitiba: o periódico vespertino *Diário da Tarde*. Além disso, marca a transição da cidade e de sua sociedade para o início de outro século. É de notar também, que no levantamento da fonte e de seu fichamento, encontrou-se um incremento relevante da aparição de artigos e notícias relacionadas aos curandeiros e a outros praticantes da medicina popular nesse período.

No início do século, o Estado do Paraná e principalmente a cidade de Curitiba apresentavam-se integrados a um quadro econômico e político nacional. Esta se demonstrava crescente e com um padrão cultural urbano cada vez mais elevado. Uma emergente burguesia começava a investir em vários e diversos setores, dando ênfase a algumas profissões liberais, o que conduzia a um nível mais aguçado de consciência das questões sociais (SIQUEIRA, M:1993). Em Curitiba este processo foi acelerado graças à fundação da Universidade Federal de Paraná no ano de 1912 com a criação de vários cursos, entre os mais importantes, o de Medicina. Este fato fez da cidade um centro de convergência de diferentes profissionais especializados nacionais e estrangeiros, criando um clima apropriado para a discussão de temas relacionados com o exercício ilegal da medicina.

A conscientização do papel profissional e acadêmico do médico e do farmacêuta, principalmente, passou a ser significativa e geradora de preocupação naquele contexto da sociedade curitibana de início do século XX. Na época, o grande problema a ser enfrentado como diz a historiadora Márcia D. SIQUEIRA (1993) era o charlatanismo e o curandeirismo, ambas formas de exercício ilícito da medicina que deviam ser combatidas e eliminadas; contra o que, alguns anos mais adiante, a Associação Médica do Paraná propunha nos seus princípios e fundamentos como causa principal de sua fundação. A partir desse momento histórico no Paraná e na Curitiba de transição de século; a opinião de cientistas, jornalistas e pensadores humanistas relacionados a esse assunto eram plasmada com frequência nos diferentes jornais e periódicos, principalmente no jornal *Diário da Tarde*; órgão institucional de postura política independente como eles mesmos se denominavam. Estas opiniões e críticas feitas por essa nova classe social emergente

interferia na opinião do resto da sociedade e inclusive nas políticas de saúde pública e da reorganização urbanística da cidade.

Neste contexto, a *Coritiba* da época -como era anteriormente chamada e escrita nas fontes originais estudadas- era uma capital ainda provinciana que pouco a pouco era cenário de intensos debates tanto econômicos, como religiosos e ideológicos. Esse embate entre estruturas tradicionais de pensamento gerou múltiplos contrastes e conflitos entre as diversas camadas sociais. O chamado *livre pensamento*, por exemplo, que a partir de literaturas e das artes em geral, alcançava posicionamentos políticos e doutrinários da religião e de qualquer tema a ser debatido. Como será abordado nos próximos capítulos, estes e outros debates eram característicos da Primeira República.

Curitiba era uma cidade que crescia e se reestruturava do ponto de vista estético, sanitário, urbanístico e cultural e, onde a disputa pelo predomínio do pensamento criava polêmicas baseadas em princípios morais e éticos que irmanavam do Livre-Pensamento e do lema Ordem e Progresso. Essa efervescência ideológica e cultural possibilitou também a formação de opinião de outros temas, entre eles, o do curandeirismo e de outras práticas de tipo mágico-religiosas. O jornal *Diário da Tarde*, em particular, não ocultava o despreço e o desejo de marginalizar ditas práticas, ponto fundamental a ser analisado na presente pesquisa e que pode-se constatar nas análises feitas às fontes.

Este último acerto se relaciona diretamente com a hipótese principal da pesquisa a ser respondida. O discurso jornalístico do *Diário* no período de 1899 a 1912 representou a pretensão da medicina oficial e do setor acadêmico da sociedade Curitibana em geral, de marginalizar e estigmatizar a figura do Curandeiro e suas práticas populares. Compreendeu-se assim, que a polêmica surgida nos jornais e na imprensa especializada sobre as práticas populares da medicina e sobre as atividades dos curandeiros, refletia um lado do embate que se tratava no período entre a cultura dominante e acadêmica, que se tentava impor à população e a cultura popular e tradicional.

O outro discurso, o do próprio afetado: o curandeiro, não se analisa nesta pesquisa devido à raridade deste tipo de registros. Ao longo do estudo se encontraram alguns anúncios de curandeiros oferecendo seus serviços, ou mesmo para contestar alguma acusação feita por pacientes insatisfeitos. Mas, os agentes populares da medicina no

período pesquisado não tiveram quase acesso aos jornais e revistas, aparecendo somente sob determinadas circunstâncias, nas fontes judiciárias e nos processos-crime. Fontes a serem analisadas em uma outra pesquisa.

Porém, as questões relativas a este interessante e polêmico tema têm sido investigadas direta e indiretamente por diversos teóricos e continua sendo motivo de análise nas diversas ciências sociais e humanas, inclusive objeto de estudo em algumas disciplinas e cursos de Medicina do país. Essa considerável bibliografia apresenta um volume maior nas questões relacionadas com a saúde e a doença das populações de tempos passados. Tal preocupação deu-se à medida que a atenção à saúde das populações passa a ser analisada sob o aspecto político-econômico, ligado diretamente aos interesses do Estado e de suas elites.

Neste sentido o excelente trabalho de Madel LUZ (1982) *Medicina e ordem política brasileira* forneceu uma importante sustentação teórica no contexto aonde se insere a pesquisa. A autora ao analisar concretamente a trajetória das instituições médicas desde meados do século passado até a constituição do Estado Nacional Brasileiro trabalhou o papel político do Estado e a institucionalização das ciências médicas intimamente comprometidas com a consolidação do Estado, estabelecendo uma relação de múltiplos interesses.

Entre as contribuições teóricas mais significativas em matéria de Medicina Popular está o clássico livro *Medicina Popular* de Maria CAMARGO (1976) que definiu e classificou os tipos de curandeirismo, o livro *O quê a Medicina Popular* de Elda RIZZO de OLIVEIRA (1985) conceitua a Medicina Popular como uma prática de cura voltada ao mágico-religioso, com concepções de vida e valores que possuem sentido e um significado verdadeiro para aqueles que a utilizam. Em matéria de Feitiçaria e Curandeirismo, nos primeiros anos de existência do Brasil, se tem os estudos de Laura de MELLO SOUZA, principalmente com o texto *O Diabo e a Terra de Santa Cruz* (1986). Uma análise bem atual foram os trabalhos da antropóloga Paula MONTEIRO com *Magia e Pensamento mágico* (1986) e *Medicina Popular e Relações de Poder* (s/d).

No âmbito da análise das notícias e dos textos jornalísticos, tem-se uma ampla gama de pesquisadores brasileiros que fundamentaram a metodologia e a perspectiva teórica

utilizada na presente Dissertação. Foi Gilberto FREYRE (1979) o primeiro estudioso brasileiro em chamar a atenção para a importância do estudo das notícias e anúncios de jornais nas pesquisas de história com o célebre e pioneiro trabalho intitulado *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros de século XIX*. Quase dez anos mais tarde apareceu o livro da antropóloga e historiadora Liliam SCHWARCZ (1987) com *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. Ambas as análises foram relacionadas aos textos jornalísticos sobre escravos no século XIX. O jornal foi aqui considerado como discurso institucional, e enquanto “produto social” como resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de posições e representações específicas.

Tratar de História Cultural, de Análise do Discurso e de Representações Sociais é, sem dúvida, adentrar em um terreno repleto de discussões e de debates teóricos. Situação própria das teorias que pretendem ser totalizadoras e que abre perspectivas para um olhar sob diversos ângulos, sob diversas metodologias.

Neste sentido, na pesquisa de Dissertação o autor escolhido para definir e tratar o conceito de representações sociais foi Serge MOSCOVICI (1994), porque apesar de possuir raízes em vários autores anteriores a ele, como DURKHEIM (1968), e suas idéias de ‘representações coletivas’ se diferenciaram em relação a que, o conceito de representações coletivas foi construído e referiu-se ao estudo do contexto de sociedades menos ‘complexas’. O conceito da representação social relaciona-se mais, às sociedades modernas caracterizadas pelo pluralismo e pelas rápidas transformações, denotando assim, a existência de poucas representações realmente coletivas.

Para complementar a definição e aplicação que Moscovici atribuiu ao conceito e teoria das representações sociais, se têm a Denise JODELET (1984) que complementou a idéia, quando ressaltou que a representação social faz significar qualquer coisa a qualquer um, revelando a interpretação de seu autor. Assim, ela não é simples reprodução, mas construção da realidade que se dissemina, por sua vez, através da comunicação. O ato da representação foi ainda, segundo JODELET (1984), um ato de pensamento pelo qual o sujeito se relacionou com um objeto. Representar então é: *ter lugar de, estar no lugar de*. Neste sentido, a representação é a representação mental de qualquer coisa: objeto, pessoa,

*acontecimento material ou psíquico, idéia, (...) A representação se assemelha ao símbolo, ao signo. Com eles, ela remete a outra coisa. Não existe representação social que não seja de um objeto, mítico ou imaginário.*

As representações sociais -no caso da representação dos curandeiros- participam de um contexto dinâmico no qual elas são construídas e reconstruídas pelos sujeitos sociais, que a transformam de acordo a suas necessidades. MOSCOVICI (1994) reforça ainda o papel da representação quando afirma que representar algo não é apenas repetir ou reproduzir esse objeto: representar é reconstruir, modificar, retocar. A representação é algo construído socialmente. É uma forma de conhecimento em que, o social intervém de várias maneiras, seja através do contexto em que os sujeitos o constroem, pela comunicação existente entre eles, ou pelos valores que possuem e que constituem suas bagagens culturais. A construção e comunicação de uma representação se dão no meio social, já que é através dela que *os sujeitos compreendem e interpretam diferentemente situações nas quais eles se encontram* (JODELET: 1984).

Desse modo o caráter social das representações foi algo fundamental para a compreensão da análise em questão. Entendeu-se que a característica de construir um discurso, comunicar e difundir socialmente as concepções e valorações de determinados grupos sócio-culturais foi o tema deste trabalho que se articulou com o conceito de representações sociais anteriormente expostas. Esta noção tornou-se primordial na medida em que se procurou analisar o discurso das representações sociais feitas aos curandeiros e suas práticas em Curitiba de final do século XIX e início do século XX.

Desta mesma forma, na busca de entender estas representações dos curandeiros e do curandeirismo nesse contexto, se fez necessário analisar os fundamentos ideológicos da sociedade implícitos no discurso que no início foi denominado de 'institucional', o dos jornais, especificamente do jornal *Diário da Tarde*. Para isso, utilizou-se a teorização proposta por Pierre BOURDIEU (1996,1998).

A obra de BOURDIEU (1996,1998) firmou-se ao longo dos últimos quarenta anos como uma das mais inovadoras na área das ciências sociais, influenciando numerosas pesquisas sociológicas, antropológicas e históricas em todo o mundo. Segundo Bourdieu, é possível distinguir posturas que lidam com sistemas de fatos e representações recobertos pelo conceito de cultura: de um lado se considerou a cultura em qualidade de instrumento

de comunicação e conhecimento responsável pelo consenso quanto ao significado dos signos e enquanto ao significado do mundo; de outro, tendeu-se considerar a cultura e os sistemas simbólicos –como a linguagem- como um instrumento de poder e de legitimação da ordem vigente.

Em relação a isso, tem-se que os jornais e a instituição que eles representavam e legitimavam como uma ordem arbitrária, no sentido de que a cultura dominante tinha uma função ideológica. Uma vez que a cultura só existe sob a forma de símbolos, de significantes e significados, a percepção dessa realidade simbólica que a cultura produz e inculca, parece indissociável de sua função política. BOURDIEU (1998) considerou os sistemas simbólicos e religiosos como veículos de poder e conservação da ordem social. A igreja como religião oficial é assim detentora do monopólio dos bens de salvação, através do corpo de especialistas religiosos que são os sacerdotes.

Transferindo essa idéia ao presente trabalho, o curandeirismo como prática médica mágico-religiosa, funcionaria como uma Instituição cultural que contesta assim, a lógica dos monopólios do saber acadêmico: aos dos médicos e demais cientistas. Neste contexto, modificou-se o conceito de religião oficial por ciência oficial, e no caso, monopólio científico.

O discurso institucional é representado pelos jornais e se constituem em uma ‘linguagem autorizada’<sup>3</sup>. Eles são o porta-voz dotado de poder pleno de falar e de agir em nome de um grupo social. O poder do discurso institucional está implicado na questão acerca dos usos da linguagem e das condições sociais da utilização desse discurso. Como ele mesmo disse: *Tentar compreender lingüisticamente o poder das manifestações lingüísticas ou buscar na linguagem o principio da lógica e da eficácia da linguagem institucional, é esquecer que a autoridade de que se reveste a linguagem vem de fora (...) pode-se dizer que a linguagem representa tal autoridade, manifestando-a e simbolizando-a* (BOURDIEU, 1998).

Juntando ambas as idéias de BOURDIEU (1996,1998), tem-se que, o uso da linguagem ou do discurso depende da posição social do locutor que a sua vez representa à instituição, ao discurso oficial, ortodoxo e legítimo. De modo que o Curandeirismo foi identificado nesse “discurso autorizado” e oficial a uma dimensão física, mas em seu

---

<sup>3</sup> Conceito utilizado por Pierre BOURDIEU. In *A Economia das trocas lingüísticas*. EDUSP. SP. 1996. p.85-96

universo simbólico-cultural, não se limitou ao relacionamento com a medicina popular, associando-se também com a magia e a religião popular e foi considerado então, pela sociedade como ameaça à ordem social.

Lembremos o que nos diz LOYOLA (1984), referente à definição de curandeiro: (...) *o curandeiro é um tipo de oficial sagrado que penetra no mundo sobrenatural*. Na verdade, o curandeiro foi uma confluência entre prático da medicina popular e de religioso também popular. Atende a necessidades físicas e espirituais ao mesmo tempo. Deste modo, medicina popular, magia e religião são intimamente ligadas e associadas na sociedade brasileira em geral.

Sobre o discurso ideológico, considerou-se que esta forma parte de um instrumento de alguma 'Instituição' para legitimar o poder de uma classe ou grupo social. Essa noção de ideologia foi desenvolvida por RICOEUR (1977). Ideologia segundo ele, é uma visão e uma concepção do mundo de uma determinada comunidade social numa determinada conjuntura histórica. De modo que um estudo do discurso e da representação como estratégia de controle e dominação social e cultural levou ao entendimento dos processos ideológicos imperantes numa sociedade específica e em um período estabelecido. Também esclareceu a visão e imagem que se tinha de determinados indivíduos ou grupos sociais. E foi ali, onde o estudo analítico dos periódicos e jornais possuíam uma grande relevância.

O curandeirismo e a medicina popular em contraste com a medicina acadêmica, apareceram com frequência e com certa prioridade nos jornais paranaenses e no jornal *Diário da Tarde*, em particular no contexto da transição do século XIX para o século XX. A crítica, perseguição, marginalização e denúncia foram apelativos dos grupos de elite da sociedade curitibana que utilizaram as imprensas periódicas de maior difusão para combater seus oponentes e competidores no campo da saúde. Dentro deste aspecto o problema consiste em identificar e analisar essas representações do discurso de um jornal específico de Curitiba, pesquisado na sua totalidade no período de 1899 até 1912. Através dessa análise pretendeu-se conhecer e entender as representações feitas aos curandeiros assim como também, compreender os fundamentos ideológicos que prevaleciam na sociedade curitibana de finais do século XIX e início do século XX.

Por tratar-se de um farto e rico material, no sentido qualitativo e quantitativo, restringiu-se o objeto de análise às notícias e artigos que tratavam o tema do curandeirismo e que faziam referência direta aos curandeiros, denominados assim pelo próprio jornal. É necessário esclarecer que muitas vezes o curandeiro era relacionado e comparado com outros tipos de praticantes da medicina e com outras terapêuticas, denominadas e representadas pela mesma categoria. Assim, uma curandeira podia ser ao mesmo tempo uma feiticeira ou uma bruxa e até uma espiritista. Denominações que serviram para classificar e analisar as diversas representações feitas ao Curandeiro e ao Curandeirismo de forma geral. Porém descartamos para a nossa análise as outras categorias da medicina popular que recebiam outras denominações pelo mesmo jornal estudado.

Considerando todos estes aspectos, a Dissertação de Mestrado *Curandeirismo e Curandeiros em Curitiba (1899-1912): Discurso e Representação no jornal Diário da Tarde* obedeceu a seqüência de três capítulos, assim discriminados: O primeiro capítulo privilegiou a crítica da fonte, a metodologia e as técnicas; por considerá-los itens fundamentais para a posterior análise e obtenção dos resultados. Nesta primeira parte detalhou-se e analisou-se o tipo de fonte escolhida para a pesquisa assim como sua importância no estudo das ciências sociais e humanas. Escolheu-se a análise das fontes impressas, especificamente o jornal *Diário da Tarde*, por ser o jornal que ofereceu maior quantidade e qualidade de dados para o estudo em questão, além de estar praticamente completas todas suas séries e estando todos seus números e edições microfilmadas, o que facilitou o desenvolvimento do trabalho. Em alguns momentos da pesquisa utilizou-se simultaneamente outras fontes impressas e bibliográficas para complementar as ditas fontes. No mesmo capítulo será exposta a metodologia utilizada para atingir os objetivos e os resultados.

Em um segundo capítulo, tomou-se como base principal da análise, o contexto sócio-histórico e ideológico da cidade de Curitiba, onde emergiram tais questionamentos a respeito da classe dos praticantes da medicina popular: os curandeiros. Estabeleceu-se uma segunda parte que iniciou-se com a constituição da cidade de Curitiba na transição e início do século XX. Nela se expôs e se analisaram os aspectos gerais de um contexto sócio-cultural e religioso, derivados do nascimento da chamada Primeira República, a corrente do



Livre Pensamento, a bandeira do Positivismo com o lema ‘Ordem e Progresso’; assim como alguns movimentos anticlericais de ocultistas e espiritualistas. Analisou-se também, o importante momento histórico e cultural de Curitiba, na evolução do pensamento científico e médico com a Fundação da Universidade Federal de Paraná e o início da Faculdade de Medicina. Contrastou-se com a análise do saber e a prática médica como principal monopólio científico na época e como mecanismo de controle de uma ordem social do resto da sociedade.

O terceiro e último capítulo da Dissertação foi a principal contribuição da pesquisa no tema proposto. Nela contextualizou-se o tema específico na medicina popular brasileira da época, além de analisar o discurso das representações feitas aos curandeiros e suas práticas. Consta de quatro sub-capítulos. O primeiro: A Medicina Popular: Curandeirismo ou Feitiçaria, em que se analisou as raízes do Curandeirismo no Brasil e em Curitiba, suas influências indígena, africana e europeia. A Medicina Popular e o Curandeirismo como fenômeno de resistência sócio-cultural; e como esta se recriou nas cidades brasileiras depois de ter surgido na área rural.

Uma segunda parte desse capítulo tratou do Curandeirismo, e das práticas mágico-religiosas em Curitiba. Neste se analisou, e foram dados exemplos das diversas técnicas aplicadas na prática popular de curar e sua relação com as práticas mágico-religiosas. Em um contexto do recorte histórico selecionado, se analisou também, o fato de ser a prática do curandeirismo uma prática ilegal da medicina. Imerso no contexto sócio-cultural e religioso anteriormente exposto, a figura do curandeiro e de suas práticas foram entendidas como atividades populares e ilegais. Estes eram vistos a maior parte das vezes como uma ‘praga’ e ‘chaga social’ que deveria ser eliminada.

Para finalizar analisou-se o surgimento dos estereótipos e posteriores estigmas dos curandeiros e principalmente das curandeiras. De mulheres sabias e conhecedoras da medicina passaram a ser feiticeiras e bruxas, estereótipos e representações estas que permitem sua perseguição e condenação. Foram inseridos na análise alguns casos de feitiçaria e bruxaria e, como estes se relacionaram com o curandeirismo de finais do século XIX e início do século XX em Curitiba.

A riqueza informativa da imprensa periódica em geral, notadamente dos jornais, para o estudo das representações sociais de uma História Cultura do curandeirismo residiu principalmente no fato de que, salvo os documentos dos órgãos oficiais, foi extremamente difícil encontrar qualquer outro tipo de fonte que permitisse conhecer tão amplamente como eram vistos e tratados esses indivíduos na sociedade paranaense de então.

No período aqui abordado, as posições políticas assumidas pelo jornal *Diário da Tarde* em torno da questão específica da Medicina Popular e de seus agentes, assim como as divergências e confrontos que esta originou entre vários setores da sociedade curitibana, provocando muitas vezes, debates violentos, polêmicos discriminatórios, foram bastante esclarecedores das proporções que o problema atingira.

Com relação à transcrição dos textos, foi conservadas a pontuação e ortografia original, assim como as expressões populares de uso corrente e as terminologias específicas do período. As palavras escritas em itálico ou colocadas entre aspas foram também mantidas na sua forma original.

## **CAPITULO 1: FONTES E METODOLOGIA**

## **CAPITULO 1: FONTES E METODOLOGIA**

### **1.1 Apresentação e Crítica da Fonte:**

Os documentos consultados com a finalidade de fazer a reconstituição da figura do curandeiro e de suas práticas provêm principalmente de uma origem, e esta pode fornecer dados sobre a forma como eram representados social e culturalmente, tendo por base o discurso do jornal *Diário da Tarde*. Trata-se de fontes ditas 'institucional', como artigos de jornais e revistas, bibliografia impressa, leis, dicionários e enciclopédias da época. Enfim, todo tipo de documentação capaz de fornecer elementos interessantes para a pesquisa no período abordado.

A documentação analisada para a Dissertação encontra-se em várias instituições em Curitiba. Dentre elas:

- Biblioteca Pública do Estado do Paraná. Divisão de Estudos Paranaenses.
- Museu Paranaense
- Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná
- Círculo de Estudos Bandeirantes
- Biblioteca da Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná
- Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná

Toda a documentação utilizada como fonte para a pesquisa foi encontrada impressa. A referida aos jornais e revistas, além de ter os originais no Museu Paranaense, encontrou-se também todas suas séries microfilmadas na Divisão Paranaense da Biblioteca Pública do Estado do Paraná.

Para elaborar o contexto histórico, sócio-cultural e religioso de Curitiba no período de 1899-1912, utilizou-se notícias e reportagens dos jornais, livros de História do Paraná das primeiras décadas do século XX, Teses de Dissertação e de Doutorado referidas a esse período e outros.

Na área da saúde, foram importantes os livros, revistas e teses encontradas na Biblioteca da Faculdade de Medicina, Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná. Assim como os jornais e revistas analisados como fonte principal. Livros e textos sobre a História das Medicinas, Manuais antigos sobre Medicina Popular, Teses e Artigos relacionados ao Curandeirismo e/ou Feitiçaria referentes às práticas populares médico mágico-religiosa acontecidas na época e na região. Embora tivessem sido encontradas coleções incompletas e em diferentes instituições. A coleção completa da principal fonte (o jornal *Diário da Tarde*) encontrou-se reunida e microfilmada na Biblioteca Pública do Estado de Paraná, e sua conservação apresentou-se em bom estado, faltando apenas as séries de julho a dezembro de 1902 e de janeiro a fevereiro de 1908. É necessário mencionar que a utilização destes arquivos históricos tem sido bastante ativa e dinâmica, pois seu uso é aberto a todo público pesquisador e estudantil.

Para compreender a imprensa desse período, tornou-se necessário frisar algumas de suas características peculiares, destacando principalmente o seu caráter recente e rudimentar, já que foi introduzida no Brasil tardiamente.

Ao trabalhar com esse tipo de fonte, dois elementos chamam a atenção do leitor e pesquisador de hoje: primeiro; os grandes jornais da época são fisicamente muito semelhantes entre si, e, em segundo lugar, que são basicamente diferentes dos que estamos acostumados a manusear.

Quanto ao aspecto visual, normalmente os periódicos do século XIX eram compostos por 2 ou 3 folhas de formato grande e de difícil manuseio. Essas folhas eram preenchidas em geral por artigos e anúncios sendo, que os primeiros vinham localizados em estreitas colunas que se iniciavam logo abaixo do cabeçalho, só terminando no final da página, o que obrigava o leitor a fazer um grande esforço na leitura. Além disso, quase não existiam ilustrações, os poucos desenhos encontrados normalmente se referem a remédios milagrosos ou lojas com seus preços especiais.

Esses jornais apresentavam geralmente uma clara divisão na distribuição interna das matérias. A primeira página era a mais organizada e constante, composta pela parte editorial. Assim como folhetins românticos escritos por autores reconhecidos e famosos.

No entanto, a partir da segunda folha, aparece uma diagramação desordenada e o conteúdo aparece disposto em 4 colunas de forma aleatória. Encontramos de lado a lado, sem qualquer separação mais rigorosa, matérias diversas e propagandas ou classificados. Misturam-se notícias relevantes junto com os inúmeros anúncios que variavam muito de tamanho, por exemplo como os dos produtos farmacêuticos oferecidos e as milagrosas curas que estes faziam.

Aos poucos, os periódicos curitibanos se constituíam em um veículo de comunicação eficiente; ganhando uma capacidade maior de penetração no interior da população alfabetizada da cidade, refletindo e produzindo valores e representações como constataremos no presente estudo.

Essas diferentes fontes aqui apresentadas foram selecionadas criteriosamente de modo a servirem à análise das representações sociais dos curandeiros e do curandeirismo, numa Curitiba de finais do século XIX e início do século XX. Assim, a pesquisa, após definir a problemática e as hipóteses do estudo em questão, partiu para a escolha das fontes, comparando e analisando com detalhe todo o concernente à temática proposta, com uma perspectiva e enfoque interdisciplinar da chamada 'Nova História Cultural'.

### **1.1.1 Importância do estudo das Fontes Periódicas Impressas nas Ciências Humanas e Sociais**

Ao prefaciар o trabalho de Amaro QUINTAS (1953), *Notícias e anúncios de jornais*, Gilberto Freyre afirmava que as notícias, os anúncios e os bens brasileiros “a pedidos” dos nossos jornais se prestam a uma série de ensaios de interpretação e refletem a realidade social nos seus aspectos mais cotidianos, mais gerais e mais socialmente significativos. O jornal nos oferece, diz textualmente FREYRE (1953): *um sentido do cotidiano de preferência ao do excepcional*.

Na verdade, como enfatizou Amaro QUINTAS (1953) naquele mesmo trabalho foi *incontestavelmente, Gilberto Freyre foi o primeiro estudioso em chamar atenção para a importância do estudo e análise de notícias e anúncios de jornais do passado, nas pesquisas históricas*.

Ele evidenciou que a imprensa periódica serve como instrumento de pesquisa e como fonte para a história social e cultural, sobretudo num país como Brasil, onde são enormes as lacunas existentes no campo documental. Freyre então, inicia uma nova etapa dos estudos sociais, culturais e históricos pela introdução de um material documental até então relegado a planos secundários, quando não desprezado inteiramente.

A utilização da imprensa periódica seguiu as pistas propostas por Etelvina TRINDADE (1996:03) em *Clotildes ou Marias* onde a autora afirma sobre a imprensa periódica o seguinte:

*o preconceito que discrimina as fontes periódicas, considerando-as contaminadas porque relatos de segunda mão, podem ser neutralizado à medida que sua utilização prendeu-se muito mais ao testemunho temporal que elas traziam do que a sua utilização enquanto expressão da realidade. Assim, justamente por serem relatos, eles desvendaram talvez mais efetivamente o que se pensava e se vivia na cidade nesse período.*

De modo que, a imprensa periódica, apesar de sua fragmentação, é uma fonte muito rica e fascinante para a história do curandeirismo. Nela se revela a sociedade de determinada época, seus discursos e representações.

Não só os historiadores, mas também os jornalistas tem-se interessado cada vez mais pelas publicações periódicas do passado, existindo uma vasta bibliografia sobre a imprensa periódica brasileira. Entretanto, continuam sendo raros os trabalhos feitos com um enfoque histórico, que seja utilizado de forma sistemática e exaustiva a imprensa periódica - principalmente os jornais- como fonte principal.

Além do trabalho de Gilberto FREYRE (1970) mencionado anteriormente, temos o intitulado *A Imprensa como objeto de estudo das ciências sociais* pode citar o trabalho um pouco mais recente de Maria B. NIZZA da SILVA (1970), sobre a primeira gazeta da Bahia, em que além de reconstituir a série dos números disponíveis daquele jornal, contribui, com sua experiência, para tornar mais sistemático o aproveitamento dos periódicos como documentos históricos. Faz-se necessário destacar o texto de Ana Maria de Almeida CAMARGO (1975), *A imprensa periódica como objeto de instrumento de trabalho*. Ali se evidencia também a enorme importância da imprensa periódica como

fonte documental. Por isso a importância das pesquisas deste tipo aumenta e se enriquece com novas e diferentes metodologias e técnicas de análise.

## O poder da imprensa?

A imprensa diária é um produto da vida moderna. Sabe-se que surgiu pela primeira vez quasi á nascença do século XVIII—em princípios de 1702—na terra de uma coisa que se aproxima da Liberdade, e de outra coisa que muito se parece com *opinião pública*.

Tote naturalmente o seu germen na vida official, no puro domínio das informações. Mas foi num relançar que ella passou da informação ao *commentario*, do *commentario* á *crítica*, da *crítica* á *sentença*, transformando-se assim numa força verdadeiramente formidável.

E' difficil encontrar na historia progressos que se assemelhe, em rapidez, pelo lado material e moral, ao da passagem do *Daily Courant*, com a sua meia folha impressa numa só pagina, ao *Times* no *New York Herald*, ao *Temps* e a alguns desses jornaes allemães de *TRÊS EDIÇÕES DIARIAS*.

O facto é realmente admiravel; mas está longe de ser miraculoso: tem a sua philosophia, tem o seu laço etiológico, tem a sua explicação. O que caracteriza a vida moderna, com todo o seu maldito movimento *industrial, scientifico, philosophico, religioso, artistico*, é um inqualificavel desbaratamento da Energia. Dir-se-hia que o homem de hoje necessita ver quanto antes *dissociado*, no sentido leboniano, a materia do seu organismo: quanto antes transformada em *cineticas* todas as suas energias *potenciaes*... Dir-se-hia que elle se quer ver, e mais breve possível, restituído ao oceano insondavel da energia—ether—ponto de partida, origem, nos dominios do relativo, das quatro grandes evoluções que resumem todo o processo cosmico. Nos varios pontos dos aris dominios da actividade humana acima enumerados, surgem a cada instante milhares de novos consumidores invisíveis da Energia. Tudo passa com uma

Não podiam portanto, ser mais vantajosas as condições em que a Republica veio encontrar o jornal no Brasil—pela tradição e pelas circumstancias do momento. Quiz ainda o destino que os legisladores constituintes concorreram, com a monstruosidade de 24 de Fevereiro, para que essas condições se tornassem *excepcionalmente* vantajosas. E foi assim que as sanções historicas de poderio da imprensa no meio brasileiro se vieram juntar causas de ordem politica e moral.

Semelhante situação é toda favoravel á imprensa, que repete não só o clamor geral da Republica, mas tambem os clamores parciais das vultas *republikanas*, dilatando assim cada vez mais a sua autoridade moral. E está em suas mãos levar ao auge essa autoridade, hostando para isso, que não venda nem *alugue* a consciencia; que preserve de suas paginas a calumnia e a mentira, a injuria e o desaeiro, os ataques e queixas de ordem meramente *prassoal*, a linguagem indecorosa, enfim.

E' facil o accordo das opiniões no tocante a certos pontos do enunciado acima. Todos, com effeito, estão convencidos de que ao jornal é indigno tentar sequer outra fonte de renda que não a assinatura, a venda avulsa e a publicidade; todos, entretanto, accordam que o jornal *mentiroso* é jornal suicida... Respeito, porém, á *maneira de dizer as verdades que devam ser ditas*—com todos os espiritos estão em harmonia. Homens ha—ninguém o contesta—que se comprazem de *esquadrado*. Momento é preciso não levar muito alto o numero desses homens, havendo muitas vezes simples *curiosidade* onde se suppon existir *predilecto*.

Seja como for, é dever do jornalista não se deixar seduzir pela contença do anfractuoso Schopenhauer: Diga-se a verdade, embora se commetta um escandalo. Deve o jornalista procurar ser verdadeiro, evitando, porém, o mais possível *escandalizar*. Não é bello estar com a *logica*, muito mais bello ainda é estar com a *moral*.

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 18/03/1911, p. 02

Figura nº. 1



### 1.1.2 Ano 1899: O ano do *Diário da Tarde*

No período que antecedeu e sucedeu ao movimento republicano, o pesquisador historiador do Brasil encontra um grande número de jornais, revistas e outros veículos de comunicação impressos, os quais, beneficiando-se do clima de agitação libertária da época, divulgavam toda sorte de idéias políticas, sociais, econômicas, etc. (BALHANA, C: 1981).

A presente pesquisa intitulada *Curandeirismo e Curandeiros em Curitiba (1899-1912): Discurso e Representação no Jornal Diário da Tarde*, que visou identificar e analisar as representações sociais contidas no discurso jornalístico das fontes impressas da época; privilegiou o estudo do *Diário da Tarde* (1899-1912). Neste recorte histórico selecionado, as posições políticas e sociais assumidas pelos jornais em torno ao Curandeiro e a suas práticas populares em geral originavam divergências entre os vários órgãos da imprensa, provocando às vezes debates polêmicos que hoje são esclarecedores das proporções e dimensões que o problema tinha na época.

É por isso que o historiador e antropólogo BALHANA (1981) disse que o jornal como expressão doutrinária, política e social é imagem da ideologia imanente que a sociedade propaga. O jornal como fonte constituiu então, um documento histórico e lingüístico completo e complexo, já que nele convergiam opiniões e contradições da cultura dominante. Outro aspecto interessante foi que nesse período de transição do século XIX e início do XX, aumentaram o número e qualidade de jornais e revistas, facilitando assim a escolha do recorte histórico e da fonte para ser analisada.

Assim, Liliam SCHWARCZ (1987) confirmou: *Esses momentos finais do século corresponderiam no período de formação da grande imprensa nacional (...) sem duvida envolvidos nesse debate enquanto segmentos da sociedade que se organizam, veiculando, refletindo e produzindo novas representações.*

O jornal *O Diário da Tarde* constitui a principal fonte gráfica imprensa utilizada na pesquisa. Começou a circular no dia 18 de março de 1899 e tinha como proprietário inicial a Estácio Correia, para anos depois ser Arthur Obino. O subtítulo do jornal era a “Folha de maior circulação”, as oficinas de redação estavam localizadas na Rua 15 de Novembro, casa n. 18 e tendo como custo da assinatura anual (em 1912) 24\$.000. O referido jornal foi considerado pelo pesquisador da Imprensa curitibana Osvaldo PILOTTO (1976) como o

periódico de mais prolongada circulação no Paraná, já que até o ano de 1975 ainda circulava, mas com o patrocínio da *Gazeta do Povo*.

O *Diário* de postura política independente era um periódico de caráter noticioso e pretendia entre as diversas lutas partidárias do momento, ser um elemento de ponderação e neutralidade. Mas com essa ponderação e neutralidade que divulgava suas páginas, esbarrou e condenou muitas vezes algumas classes que foram alvos de seus ataques em várias circunstâncias, como foi o caso dos curandeiros e de suas práticas. Este periódico trazia como marca distintiva de um estilo sensacionalista, caracterizado pelas notícias minuciosas e descritivas, além de ter um discurso bastante apegado aos valores mais conservadores da época.

## A imprensa neutra

Num daqueles sinistros dias de tropelias policiais, nesta cidade que todos suppunham curta, o órgão official, pretendendo rectificar ligeira noticia do *Diário da Tarde*, incluiu ironicamente esta folha na *imprensa neutra*. Por maior segurança, quanto ao effeito mirado, grifou esses dois vocabulos. Voltados para assumptos urgentes e que impunham preferencia, deixamos então, cair ao solo o remoque. Chegou, porém, a vez de breve commentario.

De ha muito sabemos a idéa da *Republica* relativamente á neutralidade da imprensa. Para ella, o jornal que tiver o animo de reprovar ou censurar qualquer acto máo do governo, tudo pode ser, menos neutro. Elle somente o é quando encomia a administração publica, nas raras occasiões em que esta, por descuido, produz alguma cousa utilitaria e applausivel.

Ora, temos da materia noção muito diversa. Entendemos que o jornal para ser neutro não precisa abdicar de seu direito da critica e de analyse. Precisa, sim, exercer esse direito criteriosamente, sem segundas intenções, sem primazias nem rancores, tendo por unico ponto de mira o interesse publico, que a tudo se superpõe. E' o programma do *Diário*, que jamais, sob nossa penna, serviu de vehiculo a sentimentos menos rectilíneos. Não tem predilecções politicas nem conhece desaffectedos; procura pairar acima dos embates partidarios, sempre cioso de sua independencia.

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 04/01/1910, p. 01

Figura nº. 2

Enquanto as ideologias de seus jornalistas, eles: (...) *buscavam apostolar a verdade. Como jornalistas seriam o nauta que conduz, o médico que cura e o juiz que julga*<sup>3</sup>

Porém em diversos momentos, este Jornal posicionou-se ao lado dos anticlericais, divulgando notícias relativas ao Oriente e publicando matérias contrárias a religião e às Igrejas. No entanto, as tensões e conflitos sociais e populares sempre foram destacados de forma desvalorativa e preconceituosa. Com exceção de artigos assinados por médicos, juristas ou policiais, não existia referência de autores nos artigos. Nesse sentido, a notícia poderia estar de alguma forma associada a uma idéia constantemente veiculada nesse período e por essa sociedade.

Foi de Euclides Bandeira uma crônica interessante que aqui reproduzo do texto do historiador Osvaldo PILOTTO (1976:31). Este declarou os fundamentos ideológicos do jornal analisado, assim como seus objetivos, alcances e alvo de venda. O parágrafo inicial explanou:

*Teve o seu ilustre fundador –E. Correia- a visão perfeita do panorama social: preparou-se para a rude batalha de abater o consuetudinário sistema (queria referir-se à distribuição de jornais somente a assinantes) e, por outros caminhos, introduzir o jornal nos hábitos populares. O que fazia mister, antes de tudo, era atrair a atenção pública. Estácio apelou para estratagemas inocentes, mas por fim inócuos: encheu a cidade de fantasmas, de preferência no alto de S. Francisco e atrás do cemitério. Notícias impressionadoras de aparições terríficas. A imaginação, em delírio de Poe e Hofmann perpassava nas 4 páginas. O artifício deu ponto. O Dr. Estácio Correia, porém, cometeu grave erro de psicologia: não procurou, concomitantemente, interessar o leitor assim desperto, em outros assuntos; sobreveio o fastio pelos lobis homens e a folha entrou em franco declínio, sendo o seu proprietário constrangido a tranzá-la. Contudo, aproxima-se o naufrágio.... Quis porém, o destino, a periclitante galera fosse ocupada por decidida equipe, valoroso contingente de uma das mais rútilas gerações literárias. Cheia de ardor e de novidades. (...)*

Referiu-se Euclides Bandeira uma das seções chamada *Vitrina do diabo* aonde também afirmou em outro parágrafo, que o jornal aproveitou o sucesso dessa seção para interessar de novo a todas as classes nos múltiplos assuntos que entreteciam a vida social de Curitiba nesse período. Continuando, expôs ainda:

*(...) Debates impávidos em torno de atos e fatos administrativos; sobre questões políticas, econômicas, religiosas, de letras, artes, ciências. Em vez de*

<sup>3</sup> DIARIO DA TARDE, Curitiba, N.1, 18/03/1899.

*fantasmas, a transcrição da realidade, em ocorrências dramáticas ou trágicas, catadas nas folhas dos Estrados, com o mesmo de Julio Verne na biblioteca de Nantes, para suas obras maravilhosas.*

Informou ainda no mesmo texto, o que foi de interesse para a presente análise, a publicação de reportagens sensacionais, porém verídicas.

Um outro comentário publicado por PILOTTO (1976) e que exemplificou também a linha e postura ideológica do *Diário* foi o comentário do nomeado decano da imprensa do Paraná, Raul Rodriguez Gomes. Este afirmou que antes de aparecer o referido jornal, o Paraná não conhecia o gênero de um diário impresso dedicado e absorvido inteiramente pela reportagem local, social e nacional e universal. Classificou-o como um órgão impresso que foi sempre um instrumento de divulgação honesta, variada, *proteiforme*, solícita e fascinante.

Com estes interessantes e ricos comentários acerca da fonte impressa, teve-se o desenvolvimento da pesquisa e a busca de entender as representações sociais que se faziam dos curandeiros e do curandeirismo no período em questão; justificou-se cada vez mais a utilização de técnicas de análise de discurso e de conteúdo nas notícias e reportagens selecionadas. Curitiba na Primeira República, como todo Brasil, passava por um momento de grandes transformações, quando convergiam muitos interesses políticos, econômicos e sociais que se fizeram presentes em intensos debates publicados na suas imprensas periódicas.

Nesta pesquisa reconhecemos a importância da imprensa gráfica curitibana através deste jornal de finais do século XIX e início do XX, como um legítimo fórum de debates e críticas centrais da época; muitas vezes tendo como objetivo a manipulação e construção das representações negativas sobre o curandeirismo e os curandeiros. De modo que a través da interpretação e análise do discurso desses textos se busca reconstituir as várias visões sobre o tema. Nesse sentido jornais são entendidos enquanto produto social; isto é como resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido. Constituindo-se assim em um objeto de expectativas, posições e representações específicas.

Foi pretensão da Dissertação entender os diversos enunciados da nossa fonte, não enquanto meros relatos jornalísticos que nada mais teriam a dizer além do que já está

circunscrito na objetividade da notícia. Buscou-se então a sobrecarga do sentido presente nas lacunas deixadas pelos textos e bibliografia de forma geral. O enfoque e postura diante dos relatos e notícias do jornal, foi de apreendê-los não como expressão verdadeira de uma época, ou como um veículo imparcial de transmissão de informação, mas antes sim, como segmentos localizados e relevantes da sociedade que produziam, refletiam e representavam percepções e valores de sua sociedade.

## **1.2 Metodologia e Técnicas**

Tendo em vista o tipo de fonte arrolada, foram necessários procedimentos metodológicos e técnicas diversas. O principal eixo foi o do método histórico convencional, além de incorporar alguns métodos e técnicas da Nova História Cultural. Delimitando o tema, elaborando as propostas de hipóteses possíveis à problemática escolhida, realizou-se o levantamento documental e das fontes impressas periódicas e bibliográficas.

### **1.2.1 Levantamento Documental e Bibliográfico**

A documentação utilizada enquadrou-se no tipo de fontes da História Social e Cultural que Adeline DAUMARD (1978) chamou de *conjuntos dos testemunhos contemporâneos* e do qual fizeram parte, além da imprensa periódica, as publicações literárias, os discursos, os relatórios, os relatos de viajantes e outros. Fontes estas que constituíam uma documentação qualitativa, mas que também permitem a quantificação, quando apresentavam séries completas e homogêneas de dados. Neste trabalho nem todos os dados e resultados alcançados foram expostos neste estudo e nem todos foram quantificados.

No que se refere mais especificamente as notícias e as reportagens sobre curandeiros e suas práticas, com base nos modelos metodológicos fornecidos pelo pioneiro Gilberto Freyre, Liliam Schwarcz e outros autores procurou-se concentrar toda a atenção no

processo de classificação da informação obtida através de uma recolha sistemática e exaustiva do material relacionado ao tema entre o período de 1899 até 1912.

Nessa primeira etapa de trabalho, relativa ao levantamento documental e bibliográfico, foram utilizadas fichas bibliográficas, tanto para os documentos impressos, como para a bibliografia de referência. No caso dos documentos impressos ou especificamente da fonte principal da pesquisa, que foi o jornal *Diário da Tarde*, as fichas continham informações quanto à data de publicação da notícia, palavras chaves que resumem o texto, o nome do jornal, o local, o número, a série do jornal e a página onde aparece a notícia. Numa segunda parte da ficha, temos o nome do autor e a função de quem assina a matéria, de que forma foi o destaque do relato na apresentação, o tipo de texto jornalístico, a categoria do curandeiro a que eles se referem, uma pequena síntese da matéria e espaço para observações (Ver figura nº. 3).

Em uma folha anexa às fichas se encontra um xerox do artigo ou texto microfilmado. No caso de documentos impressos, as fichas continham informações quanto ao nome do autor, título, local, editora, edição, ano, páginas, instituições e observações. No levantamento dos dados visou entre outras coisas, a construção de umas listas de fontes e de uma bibliografia geral que serviriam para o desenvolvimento e análise da Dissertação.

<b>Data:</b>		<b>Palavra Chave:</b>	
<b>Local: Curitiba – Paraná</b>			
<b>Data:</b>	<b>Número:</b>	<b>Página:</b>	
<b>Título da Matéria:</b>	<b>Autor:</b>		
	<b>Função:</b>		
<b>Tipo de Texto:</b>	<b>Artigo:</b>	<b>Notícia:</b>	
	<b>Propaganda:</b>	<b>Classificados:</b>	
	<b>Denuncia:</b>	<b>Outros:</b>	
<b>Categoria dada ao Curandeiro:</b>			
<b>Curandeira:</b>	<b>Curandeiro:</b>	<b>Ervateiro/a:</b>	
<b>Benzedeira:</b>	<b>Feiticeira/o:</b>	<b>Bruxa:</b>	
<b>Curador:</b>	<b>Curioso:</b>	<b>Prático:</b>	
<b>Espiritista:</b>	<b>Charlatão:</b>	<b>Outros:</b>	
<b>Síntese da Matéria:</b>			
<b>Observações:</b>			

Figura nº. 3

### 1.2.2 Arrolamento e Ordenação das Fichas de Conteúdo das Fontes

Em um segundo momento, o material coletado foi arrolado e ordenado nas fichas de conteúdo. Tratam-se de pastas e pequenos arquivos contendo resumos, xerox parciais de textos, livros referentes à pesquisa e ao período ou metodologia semelhante, algumas notícias, artigos de revistas, fotografias, mapas, gráficos e outros. Todo este material foi

arrolado e organizado cronologicamente e por assunto, para dessa maneira permitir uma melhor e eficiente utilização dos variados tipos de fontes a serem analisadas na pesquisa.

### **1.2.3 Classificação do Material**

Depois de cumprir com essas fases iniciais, foi possível estabelecer uma terceira etapa relacionada com a classificação e ordenação do material. Em termos de classificação, a documentação trabalhada apresenta uma natureza claramente mais qualitativa que quantitativa e, foi por essa razão que se privilegiou mais esse tipo de enfoque. Segundo uma classificação de Adeline DAUMARD (1984), se entende por dados qualitativos aqueles que fornecem testemunhos contemporâneos ao período e ao tema estudado. A documentação quantitativa refere-se a dados estatísticos ou a séries estatísticas como tabelas, mapas e outros. Deste modo, os documentos selecionados foram enquadrados principalmente numa análise temática do tipo qualitativo e usados de modo instrumental.

### **1.2.4 Técnicas de Análise Utilizada**

Para desenvolver a análise e interpretação dos dados da pesquisa, principalmente as do jornal, utilizou-se a metodologia e a técnica lingüística da análise do discurso. A análise do discurso atraiu por igual a investigadores de diferentes disciplinas: sociólogos, filósofos, antropólogos, historiadores, politólogos, jornalistas e lingüistas. Como era de se esperar, isto conduziu uma proliferação de metodologias e técnicas de análises e de interpretação, as quais ganharam suas próprias características segundo os objetivos de cada disciplina e de cada pesquisador.

A análise do discurso na lingüística de hoje oferece uma nova forma de estudar a interação humana, mas encontra-se em plena etapa de desenvolvimento e ainda não há logrado oferecer modelos gerais que integram, por exemplo, as descrições do discurso falado e o escrito ou que se apliquem a qualquer tipo de discurso. É por isso que se



trabalhou algumas formações discursivas<sup>4</sup> e algumas técnicas de análise do discurso da linha e escola francesa para a interpretação dos textos jornalísticos selecionados.

Toda representação social<sup>5</sup> se manifesta em palavras, sentimentos ou condutas e se institucionalizam. Portanto, poderão ser analisadas a partir da compreensão da análise do discurso como técnica metodológica e como teoria. Mesmo sabendo que a linguagem traduz um pensamento fragmentário e se limita a certos aspectos da experiência existencial, freqüentemente contraditória, é necessário reconhecer que esta possui graus diversos de clareza e de nitidez em relação à realidade, a um discurso qualquer.

A partir do pressuposto de que a técnica da análise do discurso aqui exposta propõe-se realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzissem o discurso escrito à análise de aspectos somente lingüísticos nem ideológicos, mas sim uma técnica de análise interpretativa e variada. Utilizaram-se alguns elementos do estudo das formações discursivas, da técnica de análise de conteúdo de jornais e revistas, próprios do referencial teórico escolhido, concernente à problemática da pesquisa. Portanto, através das análises dos textos jornalísticos, desses *pedaços de significação*, se busca reconstituir as várias visões e imagens da prática do curandeirismo e do próprio curandeiro em Curitiba na transição e início do século XX.

É fundamental destacar que pretendeu-se entender os enunciados e as formações discursivas presentes nos textos dos artigos do *Diário da Tarde*, no período de 1899-1912, não como meros relatos jornalísticos. Buscou-se sobretudo a *sobrecarga* de sentido presente. Procurou-se entender esses discursos de representação dos curandeiros e de suas práticas, não apenas na sua dimensão pragmática ou como informações onde a linguagem é a tradução de algum sentido, mas também como a “linguagem de silêncio”<sup>6</sup>, onde a linguagem diz por si mesma.

---

<sup>4</sup> BRANDÃO, Helena nos diz que as formações discursivas, de uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, são as que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. In *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.

<sup>5</sup> O termo é uma definição acunhada por Moscovici e adotada por mim na pesquisa atual.

<sup>6</sup> Expressão utilizada por Maurice Merleau-Ponty ao explicar que a linguagem diz peremptoriamente, mesmo quando renuncia a dizer a coisa mesma. (“De Mauss e Claude Lévi-Strauss”. In *Os Pensadores*, p. 144)

Foram também utilizadas algumas técnicas de análise da semiologia gráfica para os dados sujeitos à quantificação. Alguns autores a denominam *neográfica*.<sup>7</sup> Esta técnica tem como proposta fundamental converter o *gráfico ilustração* em uma *imagem viva* e ao mesmo tempo transforma uma *imagem figurativa* em uma *imagem operacional* (BERTIN, J.: 1986). Enfim, a neográfica permite que o pesquisador se beneficie do poder da própria percepção visual para captar o conjunto dos dados, além de oferecer novos meios de tratamento da informação.

Embora as fontes e as documentações sejam vastas, tem-se por vantagem oferecer dados de diferentes origens, levando à compreensão do assunto sob múltiplos aspectos. E para se ter uma noção do teor e da riqueza das fontes, pode-se consultar as tabelas e gráficos anexos para enriquecer a análises dos dados.

---

<sup>7</sup> A neográfica e o tratamento gráfico da informação. Seu criador foi Jacques BERTIN (1977). Para o autor a neográfica é uma construção móvel: não mais se desenha um gráfico de uma vez por todas, em definitivo; pelo contrário, se redesenha, se constrói, se reconstrói, manipulando-se dados até que a informação que o gráfico transcreve revele todas as relações nele contidas, uma vez que o olho humano é um computador sempre disponível e capaz de perceber os conjuntos, processando os dados.

## **CAPITULO 2: CONTEXTO SÓCIO-CULTURAL E RELIGIOSO DE CURITIBA ENTRE OS ANOS 1899-1912**

*“(...)Aqui, tudo parece normalizado,  
ninguém corre, ninguém se apressa,  
os factos se succedem como tinham  
de succeder-se, regularizados pela  
vontade do homem”*

*Gazeta da Tarde: “Em Viagem ao Paraná  
de Hoje: A cidade de Coritiba”, RJ, 1912*

## **CAPÍTULO 2: CONTEXTO SOCIO-CULTURAL E RELIGIOSO DE CURITIBA ENTRE OS ANOS 1899-1912**

### **2.1 A Cidade de Curitiba e sua Formação**

*(...) entramos na estação de Curitiba. Ahi, o movimento, a azafama da chegada, a luz, o barulho, natural de uma multidão que se transporta, deu-nos a consciência de ter entrado numa grande cidade, cheia de vida o progresso, Curitiba é, na verdade, uma grande cidade moderna, que vive de elementos próprios; suas ruas largas, verdadeiras avenidas, bordadas de casarias elegantes e vistosos palacetes, nos dão a impressão de um outro mundo diverso daquele em que vivemos ahi nesse Rio de Janeiro, de vida intensa e rápida, onde o corpo se abate no esforço diário, sob o abraçador calor tropical.(...).*

*Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 1912*

O final do século XIX e o início do XX foram marcados por intensas transformações políticas, econômicas e culturais ocorridas no mundo. Já nas primeiras décadas do século XIX começa a estruturar-se no Estado do Paraná uma economia de exportação que acabaria por substituir quase inteiramente a produção de subsistência, e nesse novo contexto histórico e econômico, a produção do mate para exportação constituía a atividade básica do litoral e primeiro planalto do Paraná. A erva-mate é uma planta nativa na região e de ampla ocorrência em grande parte de seu território naquela época. Sua colheita e beneficiamento exigiam pouco esforço, o que levou a sua população a dedicar-se às atividades ervateiras. Segundo Márcia Elisa de CAMPOS GRAF (1979):

*Até o início do século XIX a erva escolhida no planalto de Curitiba era transportada, semi-elaborada, para os engenhos de mate localizados no litoral, em Paranaguá, Antonina e Morretes, onde eram completados o beneficiamento e o produto era embarcado. Na primeira metade do século XIX os engenhos do litoral foram pouco a pouco sendo transferidos para Curitiba.*

Essas grandes transformações nas estruturas econômicas e sociais da nova Curitiba estavam intimamente relacionadas então, com a evolução da economia do mate. A esse fato se somou o comércio da madeira e incipiente agricultura de arroz e de cana-de-açúcar.

Um outro aspecto importante para mencionar na análise da formação da cidade é o crescente aumento de sua população devido aos imigrantes, principalmente europeus.<sup>8</sup>

Segundo CAMPOS GRAF (1979), a população da região paranaense só teve seu aumento na segunda metade do século XIX, em consequência da entrada de imigrantes europeus: (...) *Por ocasião do recenseamento de 1872, o Paraná contava com 126.722 habitantes. Sua população já era bem heterogênea e nela estavam elementos étnicos dos: índios, europeu de variadas regiões, negras e seus próprios mestiço.*

De modo que, a colonização européia desenvolvida no século XIX constituiu-se em um fenômeno que, por um lado, correspondia às novas exigências do sistema econômico da região paranaense e, por outro, proporcionava alterações naquele mesmo sistema, enriquecendo-o social e culturalmente.

Em decorrência dessas mudanças econômicas, sociais, culturais e políticas que começaram a ocorrer a partir dos meados do século XIX, os imigrantes europeus assumiram cada vez maior importância. Principalmente nas últimas três décadas daquele século, enquanto o trabalho escravo ia progressivamente perdendo sua força e importância. Ao mesmo tempo em que se modernizou a sociedade, também se modificaram os costumes e valorizaram o saber, ganhando os médicos principalmente, engenheiros e bacharéis em Direito, grande prestígio social (LUZ, M: 1982).

---

<sup>8</sup> Fato fundamental para a análise das representações feitas ao Curandeiro e ao Curandeirismo como veremos no desenvolvimento da pesquisa

### 2.1.1 Os Brasileiros de Curitiba

*(...) Em nenhuma parte do Brasil eu havia visto tantos homens verdadeiramente brancos como no distrito de Curitiba (...) são grandes e bonitos. Tem os cabelos castanhos e tez rosada.*

*SAINT HILAIRE, Auguste. Viagem à Comarca de Curitiba. São Paulo. Ed. Nacional.*

A população da Quinta Comarca de São Paulo –atual Estado de Paraná– até 1853 era constituída essencialmente por uma população indígena densa, por uma colônia importante de portugueses, negros e os próprios descendentes desses grupos étnicos. (MARTINS, R.:1933). Daí para frente, o surto imigratório iria aumentando até atingir o ponto mais alto, em pleno século XX, depois da Segunda Guerra Mundial. Assim, a expressão *brasileiros* é utilizada para diferenciá-la dos elementos étnicos que posteriormente formariam a Curitiba.

Temos que os ameríndios, africanos e alguns europeus, foram os principais formadores do povo paranaense antes da verdadeira imigração a grande escala. Após a emancipação da então Quinta Comarca de São Paulo, Curitiba começou a receber outros componentes étnicos europeus e asiáticos: italianos, poloneses, ucranianos, alemães, japoneses, coreanos, árabes, sírios e outros imigrantes em menor número. O maior contingente populacional da época era pobre, mas livre, resolvendo sua sobrevivência colhendo e plantando mate para venda e consumo, como foi exposto no início do capítulo. As principais colônias agrícolas em Curitiba foram as de Abranches, Santa Cândida e Santa Felicidade, estabelecidas por italianos, alemães, poloneses e outros. (MARTINS, R.: 1933:456). A maioria destes imigrantes dedicaram-se inicialmente à agricultura assim como seus descendentes, só alguns que mudaram a profissão para explorar produtos nativos da região como erva-mate e algumas madeiras nobres.

Africanos e descendentes de escravos participavam também na sociedade curitibana da época, no trabalho, no lazer, frequentando as ruas e tavernas da cidade, organizando batuques e festas. (PENA, E.:1988). Com a imigração, a população curitibana triplicou. De 1890 até 1896 vieram 28.000 imigrantes, e entre 1907 á 1914 mais uns 27.000.

(BEARZ, E.:1992). Um aspecto importante a considerar, foi que no momento da desagregação do escravismo no Paraná, a imagem construída sobre o imigrante se engrandeceu e com a população mestiça e a negra aconteceu o contrário. O negro e o índio começaram a sofrer os preconceitos e as estigmatizações.

A crescente competição do mercado do trabalho e as diferenças étnicas vieram a favorecer o surgimento de 'especialistas' e 'profissionais populares' em práticas médicas mágico-religiosa; como foi o caso dos agentes do curandeirismo. Segundo LANGER, J. (1992), nunca ficando fora do relacionamento imigrante-brasileiro.

O Brasil todo vivia nesse período muitas transformações econômicas, sociais e até urbanas. Constituindo um período em que se buscava o saneamento e a reestruturação estética das cidades. A Curitiba do período abordado pela Pesquisa, também foi objeto de uma série de mudanças e 'modernidades'. Uma arquitetura inovadora, instalações de fábricas, opções de lazer e serviços de utilidade pública. Esta Curitiba nascendo como cidade, era uma Curitiba da Primeira República. Que como nos diz TRINDADE, E. (1996:105) era uma cidade já: *(...) polêmica, cadinho de nacionalidades, crenças e opiniões. Republicanos idealistas, católicos conservadores, maçons e espíritas (...) todos disputam o domínio do pensamento da urbe, envolvendo-a em um prodígio confronto de idéias.*

### 2.1.2 A Curitiba da Primeira República e do Livre-Pensamento

*O livre-pensamento designa nitidamente  
a razão humana exercendo-se  
neste interregno theorico ao serviço  
das legítimas e indefiníveis aspirações humanas*

*Diário da Tarde, Curitiba, 15/03/1912,  
p.1.*

No Brasil da recém proclamada República, o alienamento popular em relação ao regime estabelecido criou a urgência de sua legitimação. E na necessidade de impressionar favoravelmente o imaginário popular, os republicanos engendraram uma série de estratégias destinadas a consolidar pela via racional, o novo momento sócio-político do país. Daí a utilização de um discurso nacionalista, um discurso sobre o livre-pensamento e



as recentes correntes teóricas positivistas que enalteceram a bandeira de 'ordem e progresso'. Neste contexto, os movimentos anticlericais, os movimentos ocultistas, simbolistas e espiritualistas se difundem e ganham força na sociedade curitibana da Primeira República.

A República, como diz LUZ, M. (1982) significa profundas modificações políticas, não apenas no plano das relações Estado-sociedade, mas também nas relações com a economia e a ideologia. Essas profundas transformações tocaram a Curitiba recém modernizando-se. A Curitiba da Primeira República era uma cidade polêmica, berço de diversas nacionalidades, crenças e opiniões. Republicanos idealistas, católicos conservadores, maçons e espíritas, curandeiros e médicos, boticários e farmacêuticos; todos disputando o predomínio do pensamento da nascente urbe, envolvendo-a em um rico e pródigo confronto de idéias. E como diz o antropólogo BALHANA, C. (1981:85) ao respeito:

*O Paraná, e principalmente Curitiba, pela sua função de pólo receptor de imigrantes de variada procedência, teve sua população mais exposta ao influxo europeu de conceitos, valores e normas. Essa convivência européia, em particular no meio urbano da Capital paranaense, possibilitou alta margem de definições em relação ao contingente imigrado por parte dos nacionais da sociedade receptora, mesmo quando culturalmente identificados pelo liberalismo emergente da intelectualidade, de uns e de outros.*

Esse liberalismo comentado por Balhana, assume uma ótica do 'evoluir' do Estado, o papel de orientador das ações e pensamentos da sociedade.

Ocorreu que formas sociais dentro do liberalismo, tais como o progresso protestante, o marxismo e o liberalismo científico, sondaram no início do século os primeiros passos republicanos, propiciando assim a formação de campos de concreticidade liberalizantes ao nível da temática liberal preconizada pelo conceito de República. Todas essas ideologias de caráter contestatórias e adaptadas ao contexto de ordem e progresso da República brasileira, foram refletidas na sociedade paranaense da época. De modo que a Capital provinciana paranaense no final do século XIX e início do século XX era repleta de ricos e polêmicos debates de tipo religioso e ideológico. Uma Primeira República com livre-pensamento que alcançava novas maneiras de pensar e de ser. Também nos diz Balhana (1981) sobre isto: (...) *mais do que o livre-pensamento, ou seja, mais do que o desejo de afirmar*

*propostas libertárias em todos os campos e níveis houve, pelos condicionamentos propiciados pela filosofia e pela ideologia republicana, positivista de ordem e progresso (...).*

A imprensa que então se aprimorava era o principal veículo de reflexão, debates e controversas. Nas principais revistas e jornais da época como o *Diário da Tarde*, o pensamento da cidade aparecia com muita frequência e vigor. Assuntos variados eram colocados nos periódicos curitibanos do início do século XX como o *Olho da Rua*, *Electra*, *Cenáculo*, *A Doutrina Espírita* e outros (TRINDADE, E: 1996).

Neles se discutiam a República, o repúdio aos forasteiros, exaltavam a Pátria; combatiam e defendiam ao mesmo tempo as religiões, restringiam ou exacerbavam os preconceitos e apregoavam liberdades. Eles representavam, em sua maioria as diversas agremiações, as diversas sociedades, ligas e outras formas de agrupamento que rapidamente se disseminavam pela cidade. Intelectuais das mais variadas origens compõem esses grupos, utilizando os principais canais de divulgação da época.

A corrente teórica-filosófica do livre-pensamento foi contextualizada também na Primeira República. Era uma nova forma de pensar os fatos, uma nova maneira de agir em correspondência as éticas e princípios próprios do crescente '*Positivismo*' caracterizado pelo período escolhido. Com uma frequência interessante foi explicado e debatido este tema em extensos artigos e editoriais, dando passo a noção não menos importante do Positivismo de Auguste Comte e ao lema de Ordem e Progresso. Vejamos alguns fragmentos de um desses artigos parecido no jornal DIARIO DA TARDE do dia 15 de março de 1912:

*(...) A nova corrente de 'Livre Pensamento' pertence a doutrina da Igualdade perante a Lei, formulada por São Thomas, e proclamada pelos luminosos pensadores como Dante, Machiavello, (...) e Bodin. Devemos ao 'Livre Pensamento' a doutrina da necessária reacção entre o individualismo e as autoridades absolutas e irresponsável: é a theoria da rebelião, sustentada por Buchanan, por Miltos, Humbert. Pelo 'Livre Pensamento' o inglês Hobbes acha o meio de conciliação entre a Liberdade individual e a Autoridade ao facto do espirito da Democracia (...) Toda esta parte social da grande revolução moderna foi lucidamente estabelecida pelos livre-pensadores, fazendo a democracia (...).*

### 2.1.3 O Positivismo: “Ordem e Progresso”

*As civilizações sucedem-se evolutivamente,  
dissolvendo-se elementos estéreis dum passado  
que se prolonga além do seu tempo e  
esboçando-se os elementos vivos  
da ordem nova que teem de definir-se (...).*

*Diário da Tarde, 15 de março de 1912, p.1.*

No discurso dos novos republicanos em Curitiba, o pensamento positivista, difundido em diversas cidades do Brasil, encontrava uma forte via de expressão. O primeiro momento do pensamento de Augusto Comte apontava para a possibilidade da regeneração final da humanidade, segundo um processo de evolução determinada, sob a forma ideal da República laica e centralizada. Além da influência das correntes do pensamento positivista oriundas do Rio de Janeiro e do Nordeste do país, Curitiba foi exposta na conjuntura da Revolução Federalista de 1893 a discussão do pensamento positivista de Júlio de Castilhos. Esse quadro deixou marcas nos aspectos sociais, político e familiar do Estado até 1930. (WESTPHALEN, C.:1989).

A importância da hegemonia da filosofia positivista propõe submeter os fatos a experimentações, substituindo a procura de causas e essências pelo descobrimento de leis imutáveis que seriam as relações constantes entre fenômenos observáveis. Criou-se o solo propício para o desenvolvimento de idéias positivas dominantes no discurso médico. Foi então a Faculdade de Medicina o espaço por excelência onde se veiculavam essas idéias.

Para reafirmar isto, STEPAN, N (1976:63) diz que o positivismo foi o discurso que introduziu o debate sobre as relações entre a ciência e o poder nacional, criticando as teorias que associavam o nosso subdesenvolvimento a fatores climáticos –que seriam os responsáveis pelas doenças endêmicas, pelo temperamento passivo do homem brasileiro e sua influência até na moral- e á inferioridade racial, agindo então como elemento de *degradação da civilização branca*, comprometendo o ideal eugênico.

A crença no Progresso, completou-se nas idéias evolucionistas de Charles Darwin e Herbert Spencer. Tomando a evolução como algo construtivo, ambos consideram como movimento natural do mundo social e orgânico, passando do indefinido para o definido, do simples para o complexo. Embora a idéia da evolução fosse anterior, a difusão do

pensamento desses autores marcou profundamente as representações culturais européias da segunda metade do século XIX. (MORAES PAZ, F.: 1995).

Tais princípios evolucionistas acabam por constituir um complexo darwinismo social, marcado pela aplicação das idéias de Darwin nos mais diversos campos do conhecimento, em particular nas ciências sociais. As complexas organizações culturais e políticas do homem europeu foram provas da evolução orgânica dos povos superiores. A luta entre indivíduos e nações é apresentada como algo necessário à evolução social.

Esse argumento nacionalista, assim como outros também expostos resumidamente, encontraram suas bases científicas. Tratava-se da sobrevivência da raça mais adaptada, do progresso humano e da ordem. A crença num futuro melhor para a humanidade, fundada no positivismo de Comte e/ou no evolucionismo de Darwin modela então de modo singular, o pensar das sociedades Curitibanas do período e que foi representada por seus jornais.

#### **2.1.4 Movimentos Anticlericais: Ocultistas e Espiritualistas**

*Chamamos, pois, 'Sciencias Ocultas', ao conjunto de leis eternas.  
(...) que são explicadas pela Theosophia, tanto sob o ponto de vista  
científico como pelo fervor religioso, para se poder chegar ao conhecimento  
exacto da Verdade, que demonstra o principio vital, em cuja existência  
reside a sensação, a percepção, a consciência, tudo o que finalmente produz  
o desenvolvimento e manifestação da forma .*

*Barão Engente. Diário da Tarde. Curitiba. 07/08/1912*

Ao pregar uma nova ordem social na qual a ciência ocupou o lugar da religião, os positivistas defenderam também a organização laica do Estado, o que os aproximou dos partidários do livre-pensamento e dos movimentos ocultistas, tais como os da maçonaria e mais tarde os kardecistas. A presença maçônica foi, por sua vez, elemento significativo nos conflitos e paixões que dividiu a opinião pública de Curitiba sobre os mais profundos questionamentos teóricos e religiosos (TRINDADE, E: 1996;107). Dentre os muitos nomes importantes que participavam do movimento dos ocultistas em Curitiba, estava o de *Dario Vellozo*, personagem interessante e carismático da época, dedicado à campanha pela

fê, pela liberdade de consciência, pela justiça, pela família, pela fraternização humana.  
(CORDIOLLI, M.:1989).

## O occulto entre os aborígenes (Brasil)

7. Evitavam malefícios, trazendo ao povoço *feiticos* bizarros: os-  
sos de carnívoros, aranhas dessecadas, sapos, o, ainda, minerais ou vegetais.

Os *Tupinambás* tinham grandes *feiticeiros* que se comunicavam com os espíritos; *lançavam a morte*; agiam à distância, atorrorizando a *vítima*, alucinando-a, mortificando-a. Dominavam os *gênios*; sabiam fórmulas de encantamento, palavras kabbalísticas que prendiam os espíritos; transportavam objectos a grandes distâncias, fazendo com que se elevassem ao espaço, magicamente, voltando ao ponto de partida.

8 Se possuíam *braxos*, tinham também *curandeiros* e *exorcistas*, sendo que, em geral, se encontram reunidos em mesmo indivíduo o *braxe* e o *curandeiro*.

Essa confusão de sacerdotios, em que as Tradições mais puras se iam abismar nos vórtices da Gooia, vinha quasi do aproximar e fundir de raças, originariamente diferentes, e cujos *tradicionalismos* declivavam das tendências primeiras.

Os conquistadores portugueses, ao não dando ao labor de observar pacientemente a civilização aborígene, immiscuiram cronças as mais opostas, sacerdotios os mais antagonicos. A curandeiros e bruxos, a magistas e feiticeiros, — deram indistinctamente o nome de *pagés* ou *piagas*.

*Pagé* era o sacerdote, o intérprete, o intermediário, entre o natural e o extra-natural.

Viviam em cabanas esconças, ou no topo das arvores, ou em cavernas, de cuja vizinhança não se aproximavam os mais intemoratos guerreiros.

Impunham-se privações crudelíssimas, austeras e mysteriosas, volando noites inteiras em absoluto silencio.

Vellozo combateu o clericalismo, advogou a consolidação da República, defendeu o operariado e atacou a burguesia. Daí que funda em 1909 o Instituto Neopitagórico que pregava a solidariedade universal em repúdio ao materialismo e à desagregação do mundo moderno. Suas reuniões com finalidades éticas, literárias e iniciáticas, marcaram época na Curitiba de finais do século XIX e início do XX. Vellozo também instituiu mais tarde, o Templo das Musas, sede da sua organização religiosa de onde provinha o discurso do anticlericalismo, os princípios do neopitagorismo e as mensagens esotéricas da sociedade Teosófica.

Essa ânsia espiritualista da cidade fez também florescer o movimento kardecista ou espiritualista (Ver figura nº. 5). Alcançando grande prestígio mundial, o espiritismo se impôs rapidamente no pensamento da sociedade e foi também motivo de controvérsias e polêmicas, como se confirmou na pesquisa nos jornais da época.

## A doutrina espirita e o fanatismo dos seus adherentes e ad- versarios.

Uma theoria espirita unitaria não existe. A doutrina se limita exclusivamente na affirmação, que no homem além do "Eu" visivel e corporal existe ainda um "Eu" othereo e psychico, um corpo sidérico, diz Paracelso, corpo este que já durante a vida do homem pode se manifestar e se separar temporariamente do corpo, não sendo surprehendido pela morte, mas sim continuando a viver como ser espiritual infinito e consciente depois da decadencia do corpo.

Mais avante não vae a formação theorica da doutrina espirita; tudo que excute esses pontos, é na maior parte opinião particular, que não é geralmente reconhecido pela doutrina espirita official.

Esta se limita absolutamente a affirmar a existencia de factos suppostos, dos quaes provem aquella sua unica theoria da existencia particular da psyché humana.

Mormente, por serem mysticos e transcendentes e por parecerem contrariar a Sciencia official, o Espiritismo sonda alegremente esses factos suppostos.

O Espiritismo, por exemplo, affirma a realidade da feitiçaria e bruxaria, como vemos no livro "Enigmas do Homem", por Du Prel, onde diz á pagina 44 o seguinte:

"Este (o effeito magico do arbitrio) pode-se considerar como magica negra, identico com feitiçaria e bruxaria".

E que o Espiritismo ainda se occupa com as antigas e ingenuas doutrinas da astrologia e alchymia, isso demonstram numerosos artigos do orgão espirite "Sphinx".

Nesta revista foi reconhecido como facto (porque mystico e sobrenatural) a historia narrada na Biblia (Gênes II cap. 6, verso 5 e 6) contando, que, quando um machado cahiu na agua, Elivo jogasse um pedaço de pão atraz, e immediatamente o ferro nadasse encima d'agua.

(Continua)

Alberto Oncken,

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 05/10/1907, p. 01

Figura nº 5

A maior parte desse universo pensante achou-se nesse momento, imersa nas formas do simbolismo. Como diz WESTPHALEM, C (1969:251): (...) *nascido do descontentamento de jovens intelectuais europeus contra as formas literárias vigentes, objetivas e materialistas, o simbolismo traz consigo ideais de subjetividade, interiorização e espiritualismo. (...)*.

Os simbolistas da época, como Emiliano Pernetta, Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Silveira Neto, Leite Junior, expuseram sua visão de mundo em inumeráveis poesias, artigos, ensaios, contos, livros e crônicas. (Ver figura nº. 6)

## MORS...

Mesmo que fosse um sonho que eu sonhasse,  
Mas um sonho mais doce, inda mais doce  
Do que uma folha que se desfolhasse,  
Sonho assim que começa e acabou-se.;

Que eu não morresse, não, mas que eu voasse  
Para bem longe, fosse p'ra onde fosse,  
Ao vêr-me deante della, face á Face,  
Passaro que dormiu e accôrdou-se;

Tantas vezes cobriu-me aquelle véo  
Que ao transpôr o que existe e o que não existe,  
Por mais doce que fosse, por mais lindo,

Oh por mais lindo, sempre fôra triste !  
Soubesse embora eu que ia fugindo  
Para os espaços brancos, para o Céu !

1903

*Emiliano Pernetta*

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 28/02/1903, p. 1

Figura nº. 6

Esta segunda parte da Dissertação intitulada *Curandeirismo e Curandeiros em Curitiba (1897-1912): Discurso e Representação no jornal Diário da Tarde* identificou e resumiu em um contexto e uma conjuntura dada, alguns dos diversos pontos de vista da sociedade curitibana. Nacionalidades, crenças e opiniões marcaram e definiram a Curitiba desse período. A disputa pelo predomínio do pensamento criou muitas vezes confronto de idéias como diz BALHANA (1981). Então, maçons e neo-pitágoricos pregoavam princípios éticos e morais que se irmanavam ao livre-pensamento, ao ocultismo e ao simbolismo.

Neste rico e variado contexto sócio-cultural e religioso da Curitiba dos finais do século XIX e início do século XX foi que inseriu-se o debate não menos polêmico do exercício ilegal da medicina nas mãos dos diferentes curandeiros e praticantes da medicina popular.

## **2.2 Evolução do Pensamento Científico e Médico em Curitiba entre os anos 1899-1912**

Simultaneamente ao contexto sócio-cultural e religioso exposto anteriormente, houve o desenvolvimento de uma prática discursiva marcada pela lógica da sociedade do trabalho e das profissões, assim como pelos ideais da construção de uma cidade ou de um modelo de população adequado ao nível de modernidade exigido pela Europa. Para tanto, todos os cidadãos que se viram comprometidos de alguma forma com a nova física social e acreditavam nas possibilidades de produção de um novo homem, aproximavam-se em um claro projeto de “modelo civilizatório” da nova sociedade.

À medida que as idéias circulavam, que os novos padrões de sociabilidade foram levados a diferentes regiões e que o modelo civilizatório europeu difundiu-se pelo mundo, uma nova normatização social expandiu-se ao longo do século XIX e início do XX. Debates polêmicos que consideravam a experiência escravista brasileira, debates sobre nacionalidades, sobre saúde e outros são influências de um pensamento francês e alemão característicos do período trabalhado.



### 2.2.1 O Negro como um problema nacional e a vinda do branco europeu como salvação

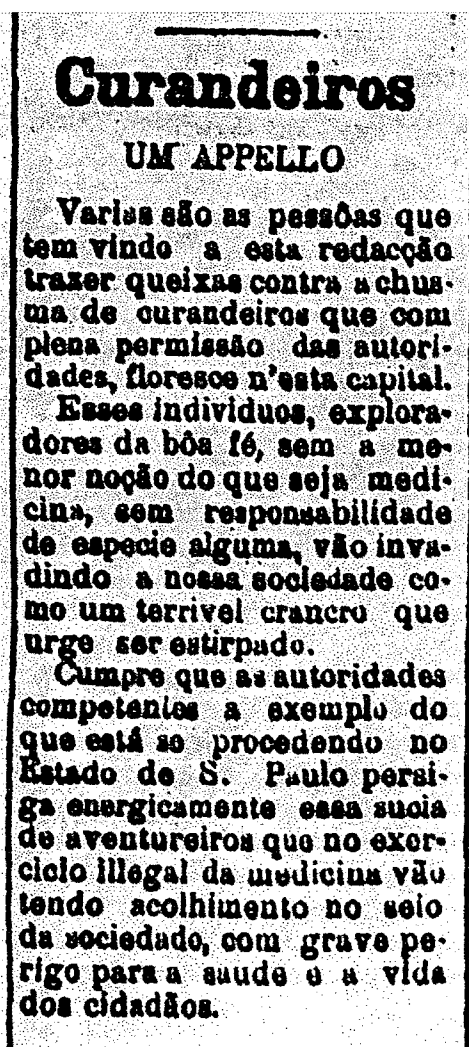
No Brasil, a simples presença do negro servia para contaminar a sociedade, pois a convivência dos “senhores” e escravos produzia toda sorte de doenças e desvios morais. Os médicos apontavam as negras escravas como um convite à iniciação sexual precoce, induziam os ‘senhores’ a deixarem o lar e eram supersticiosas. Os escravos eram foco de vícios e doenças assim como também elemento destruidor das famílias. Daí a certeza que os negros eram os responsáveis pela degeneração da raça brasileira (MORAES PAZ, F:1995). Por isso era necessário afastá-los do convívio com os brancos e estimular a vinda de europeus para produzir uma nova e moderna sociedade. Esta nova sociedade foi pensada a partir de um padrão moral e físico ajustado aos preceitos da civilização europeia. No caso particular de Curitiba, na transição do século XIX e início do XX, os imigrantes europeus ganharam força cada vez maior, o que não aconteceu com as outras classes mais pobres de índios e imigrantes negros. O preconceito racial no período também se manifestava nos discursos e nas representações feitas na obra de historiadores dessa época como exposto no próximo exemplo: (...) *È verdade que por várias gerações o descendente de negro ainda representa vestígios de inferioridade sociológica e Psicológica, consequência de varias causas –o ambiente, o gênero de vida, a incultura, etc.*<sup>9</sup>

Outro discurso interessante para analisar neste contexto se refere aos padrões de higiene e salubridade das sociedades urbanas. Esse era um discurso médico-sanitário comum nos jornais da época. Cidades como Rio de Janeiro, Salvador e Recife são constantemente referidas como pestilentas ou insalubres. As epidemias começavam a ser constantes e os esforços das autoridades revelavam-se insuficientes. Cumpre, portanto, ordenar os espaços urbanos a partir de dois cuidados fundamentais –o da localização e o da distribuição dos espaços-, cuidados sempre presentes nos discursos dos reformadores urbanos e dos higienistas europeus (MORAES PAZ, F: 1995).

---

<sup>9</sup> MARTINS, Romário. *História do Paraná*. São Paulo: Ed. Rumo Ltda, 1933.

Além da infra-estrutura básica, as autoridades sanitárias propunham a erradicação de prostíbulos, recomendavam a localização afastada de cemitérios, hospitais e prisões. Aconselham também o afastamento de curandeiros, cartomantes e charlatões de todo tipo do centro da cidade para as marginais da cidade ou mesmo para prisão. (Ver figura nº. 7). Todos eles ameaçadores diretamente do monopólio científico dos profissionais da medicina oficial.



DIARIO DA TARDE, Curitiba, 06/07/1901, p 1

Figura nº. 7

Para os críticos da escravidão negra no Brasil –incluindo o grupo dos médicos diplomados-, todos esses males eram uma decorrência da presença africana. Tais patologias sociais resultam da formação de uma raça inferior, produto do cruzamento do branco com o negro ou o índio. Em meio a tais debates das diferentes correntes liberais e as disputas científicas da escola de direito e da medicina, *o argumento racial continuava oportuno, quando retiradas às conclusões mais radicais*. Lembra também Lilia Moritz SCHWARCZ (1993):

*Justificava teoricamente desde a construção de projetos políticos conservadores até a existência de hierarquias rígidas, agora cientificamente explicadas. Assim, ao se adotar o jargão evolucionista e racial das elites letradas acabavam assumindo uma espécie de consciência de atraso, também buscavam nele respaldo para redimensionar uma discussão sobre a igualdade entre os homens e, por conseguinte, sobre critérios de cidadania.*

A utopia civilizatória pareceu encontrar solo mais fértil nas regiões menos marcadas pelo elemento negro, como é o caso do Estado do Paraná. Ali a herança cultural branca teve melhores condições de materializar-se rapidamente. Neste sentido, na cidade de Curitiba se debateu sobre o campo de possibilidades e perspectivas que se abriram com a vinda dos europeus imigrantes. Segundo eles: *estes reúnem os elementos necessários ao triunfo da moderna nacionalidade, do ponto de vista dos europeus, elas simbolizam a possibilidade de recriar um modelo de Europa que tende a desaparecer. Uma Europa rural* (MORAES PAZ, F: 1995).

Por isso a maior parte dos imigrantes trazidos ao Paraná eram agricultores. O final do século XIX e início do XX constituíam-se como tempos de profunda valorização das ciências; no campo da física, da matemática, da biologia e da medicina. O homem iria fundamentar o moderno conhecimento. O positivismo inaugura o cientificismo –isto é, a busca de leis gerais, de respostas científicas para explicar o mundo- com o apoio e triunfo do evolucionismo apregoado por Darwin e pelo Darwinismo social.

Nesta época de transição prevaleceu uma razão científica. O cientista precisou levar a verdade ao mundo das aparências e esta verdade se revelou através de discursos que recortavam e reordenavam a sociedade e que buscavam garantir a difusão das luzes no mundo das sombras. Esse profundo interesse no cientificismo e na evolução do pensamento médico e científico em geral pode-se evidenciar nos editoriais semanais do

jornal *Diário da Tarde* durante o ano de 1900 em diante. Todos levavam este título inicial:  
*O século XX: Conquistas da Sciencia.* (Ver figuras nº. 8)

## O século XX

Conquistas da Sciencia  
 (Continuação)

O século XIX, mais ainda do que de século do vapor e da luz de gaz, deve ser appellidado de século da Química.

Tal extensão teve esta em suas applicações ás artes e industrias, que até por excepção foi a unica sciencia, cujo nome tornou-se popular.

Si para seus progressos a Química recebeu valiosos auxilios da Physica, que facultou-lhe as correntes electricas afim de decompôr metalloides e compostos metallicos, ella forneceu-lhe em troca os reactivos cada vez mais melhorados para o funcionamento das pilhas e baterias electricas.

Ainda em favor da Physica, afim de desenvolver a invenção de Daguerro, aquella outra sciencia foi proporcionando successivamente para a preparação da placa photographica, a principio constituida de metal, depois de papel e, finalmente, de vidro, os diferentes sais (ioduretos, nitratos, etc) mais impressionaveis sob a acção da luz, bem assim a albumi-

carga das armas de fogo, e substancias nitro-glycerinadas ou outras identicas para carga dos grandes projectis ôcos), os quaes tendem necessariamente a receber no século XX aperfeiçoamentos, que não são por certo em proveito da Humanidade.

Em compensação, porém, a mesma Química já concorreu grandemente, e ainda fará mais, para os adiantamentos das sciencias biologicas.

Um ramo destas ultimas, a Historia Natural, encontrou no século XIX um genio creador em Carlos Darwin, que embora não resolvesse definitivamente a questão da origem das especies de plantas e animaes, projectou comtudo muita luz sobre a evolução ou desenvolvimento dos differentes seres organisados, através das opocas geologicas, sob a acção principal de forças naturaes, que elle soube precisar, como as da selecção sexual e da luta (*Struggle for life.*)

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 29/10/1900, p. 1

Figura nº. 8

### 2.2.2 O Discurso Cientificista e o Discurso Médico

Desde suas origens institucionais na sociedade brasileira do século XIX, nitidamente a medicina foi mais do que uma forma de conhecer –através do organismo humano- o corpo social, mas também uma forma específica de intervir politicamente neste corpo. Tratou-se de cuidar da saúde das pessoas e da cidade também. As regras de higiene propostas, as normas de moral e de bons costumes sexuais, alimentares, de habitação e de diversos comportamentos sociais fazem parte da maioria das propostas que os médicos submetem ao Estado Brasileiro de forma geral, do qual eram seus consultores, assessores, conselheiros e críticos. (MACHADO, et alii.: 1978).

No período dos anos noventa do século XIX até os primeiros doze anos do século XX, os discursos médicos sobre a saúde revelaram ser tanto modelos de conhecimento sobre a estrutura das doenças e suas causas, como propostas de práticas de intervenção saneadora e reorganizadora do espaço físico das cidades brasileiras –sobretudo nos centros urbanos portuários- e na vida das populações, no sentido de higienizá-las e organizá-las para o tipo de relações sociais ascendentes na formação social brasileira.

A questão da saúde aparece como algo fundamental, estava em uma face de dependência da economia e da sociedade brasileira vigente frente ao mercado externo. Durante todo o século XIX, a medicina desenvolveu projetos e modelos institucionais que buscam no controle do Estado uma estratégia de dominação, de controle médico do conjunto da sociedade. A medicina propôs através de seus agentes, os médicos diplomados, uma resposta, uma explicação para cada situação, principalmente quando a ordem social estivesse em jogo.

Já no final do século XIX e os primeiros anos do século XX, a República e o capitalismo se impõem, inclusive de um ponto de vista médico. Criaram-se muitas propostas de intervenção sobre o espaço urbano com o propósito de saneá-lo. O modelo de saúde pública do século XIX era visto como consequência da *desorganização* da cidade, assim como o fator de manutenção, extensão e reprodução das precárias condições de saúde da população urbana. Como diz, Madel LUZ (1982): *cada discurso médico, expressão de um*

*modelo específico de conhecimento, traduzia necessariamente uma proposta de intervenção médico-social.*

Por mais conflitantes que pudessem ser entre si estes modelos e suas próprias práticas, esses discursos médicos caracterizavam-se sempre por tomarem como interlocutor central o Estado constituído em aparelho, propunham-se a ser dele discurso e estratégia política dominante. Em outras palavras propuseram-se tornar estratégia de hegemonia dominante.

Essas campanhas de higienização das sociedades brasileiras assumem diversos tons teóricos, mas foram os médicos que apontaram e prescreveram novas regras de conduta pessoal e social. Curitiba não escapou dessa nova normativa e desse novo modelo de cidade. Outro aspecto importante nestas propostas do Estado e da sociedade científica e médica em geral foi o relacionado ao crescimento das cidades e o controle urbano. É cada vez mais necessário a reorganização das cidades com o lema de ordem e progresso.

### **2.2.3 O Saber e a Prática Médica como Monopólio Científico da Sociedade**

Por muito tempo a figura social do médico era desprestigiada. Eram classificados como os “homens-de-ofício” socialmente inferiores aos nobres. Segundo COSTA F. (1979) essa baixa cotação social derivava da insuficiência do conhecimento empírico dos jesuítas, pajés, curandeiros, entendidos, etc. Este fato era devido a prática curativa que era essencialmente a mesma: sangria, infusões com plantas e ervas, purgativos, etc. Constituíam ainda um grupo pouco numeroso e pobre em conhecimento formal. A formação acadêmica só podia ser feita na Europa e só até a chegada do D. João<sup>10</sup>, que se abriu a primeira escola de Medicina no Rio de Janeiro.

De modo que a assistência médica à população brasileira em geral, fazia-se através da medicina popular e de seus praticantes. Esse grupo foi aumentando em número e em credibilidade, o que prejudicou social e economicamente aos recém médicos diplomados e formados. Esta situação estendeu-se até o início do séc. XIX e foi nesse contexto que a

---

<sup>10</sup> FREIRE COSTA, Jurandir. *Ordem Médica e Norma Familiar*. São Paulo: Graal.

medicina começou a lutar tenazmente contra essa situação, procurando monopolizar o saber e condensar na figura do médico o direito exclusivo de assistir e receitar aos doentes. Mesmo assim, esse monopólio do saber e da prática médica não se formou de um só golpe. Como nos diz COSTA F. (1979: 76):

*O médico, nessa corrida para o poder, tropeçava a todo instante na incomoda herança dos tempos coloniais. A medicina, mesmo quando já possuía um conhecimento de racionalidade bem superior à que orientava a prática curativa leiga, teve que enfrentar o descrédito da cultura. Em todo o século XIX nota-se o esforço que os médicos faziam para livrar-se do passado. Combatiam desesperadamente curandeiros, parteiras, homeopatas e tentavam a todo custo, riscar da memória histórica a antiga submissão à burocracia e mesmo à religião.*

De forma que pouco a pouco o médico do séc. XIX combatia o desprestígio social e cultural de que era vítima, e produzia um novo discurso do saber e da prática médica, assim como uma nova fonte de benefício econômico. Assim, nas últimas décadas do século XIX, constituiu-se no Brasil uma nova geração de intelectuais composta por médicos, educadores, engenheiros, farmacêutas e outros que possuíam um saber técnico especializado e propugnavam por um ensino prático com o objetivo de integrar o país numa ‘civilização ocidental’. A atuação especializada destes intelectuais não se restringia apenas a uma produção científica, abrangendo obras de cunho teórico, sociológico e até literário. (GANZ, A: 1996) Através desse saber tecno-científico, eles propuseram soluções para os problemas nacionais e a Sociedade Curitibana passou a contar com o auxílio deles para orientar a conduta dos indivíduos das sociedades da época.

Esses intelectuais e principalmente os médicos acreditavam na ordem e no progresso do país pela via da modernização, mediante o aperfeiçoamento da raça humana dada pela higiene. Para isto ser possível era necessário que os médicos introduzissem seus discursos em todas as áreas de conhecimento e submetessem todos as leis chamadas de eugênicas como já mencionou-se em itens anteriores. Para o médico carioca Afrânio Peixoto, as leis não deviam ser feitas apenas por advogados, necessitavam de uma ‘inferência médica’, pois cabia a eles indicar o caminho a seguir (HERSCHMANN, M: 1994).

Para o historiador Herschmann, esses intelectuais e cientistas reivindicavam a responsabilidade pela organização social, e desejavam desempenhar funções no aparelho estatal. Os seus discursos passaram a constituir as diretrizes básicas da sociedade brasileira

e estavam impregnados de valores sociais com o objetivo de construir um cotidiano civilizado e pensar questões relativas à nação, identidade nacional, raça e sexualidade.

## O que diz o medico

O câncer — Um eminente cirurgião, o dr. Fother, denunciava, recentemente, da tribuna da Academia de Medicina de Paris, a deficiência dos recursos de que dispomos para combater o câncer.

Na Inglaterra, na Alemanha, na Rússia, nos Estados Unidos, existem institutos especiais onde os doentes são internados em caméras e onde uma legião de enfermeiros, com devotamento, os enferma.

Infelizmente, esses estados, até agora, agiam sem condução a formular-se algumas theorias sobre a marcha e o tratamento da moléstia, depois de se haver determinado o caracter microbiano de sua causa.

O Instituto Pasteur, de Paris, e a Escola Veterinária de Alfort vêm occupando-se, desde algum tempo, no estudo do cancro, no homem e nos animais.

O dr. Doyen, em sua clinica, também chegou a obter notaveis resultados.

Logo demonstrando que existe um bacillo

do cancro, como ha e do bacillo da difteria, etc.

O microbio, penetrando na circulação, vai fixar-se em um orgão qualquer, glandula (espeço), bazo, estomago, rim, intestino, etc.

Uma vez alojado, elle póde proliferar e agir immediatamente, e tambem póde alargar-se durante longo tempo, até que, geralmente, entre os 35 e 45 annos — uma causa qualquer venha activar-lhe a vitalidade, ou facilitar-lhe a proliferação.

Um talha, um obaque, uma contusão qualquer basta para excitar o microbio e desenvolver-lhe a terrivel virulencia.

Então, os microbios se multiplicam, invadem os tecidos contiguos, os transformam, os encharcam, e o tumor fica constituido.

Este, a principio, é muito pequeno, e o paciente, ou não se preoccupa com elle: e, para que augmento de volume, que a pelle se levanta e se estire, para, então, procurar o medico.

Operado logo, quando ainda não produz dores, nem tem adherencias, a intervenção chirurgica é facil, e a cura é certa.

Depois, a operação é mais complicada, occasionando deformações dos orgãos affectados, e — o que sobretudo notavel — não evita a reincidencia do mal, que póde sobrevir na borda da cicatriz operatoria, ou nos ganglios e nas glandulas vizinhas, ou mesmo em algum orgão distante, passados meses, ou annos.

E eis o phenomeno mais terrivel da moléstia: a possível reincidencia e o seu mysterioso desenvolvimento.

Por que razão essa reincidencia, algumas vezes, é precoce, quasi instantanea, e, de outras vezes, é tardia e lenta?

Isso é o que ainda se ignora, e é para esse ponto que deveria, preferentemente, dirigir seus esforços uma liga anti-cancerosa, enquanto um sôro victorioso não venha substituir o bisturi do cirurgião.



De modo que, o saber médico foi sofrendo mudanças na orientação teórico-filosófica e prática, a partir da segunda metade do século XIX com a assimilação da doutrina positivista comtiana. Assim, permitiu que esses especialistas, os médicos principalmente, se autodenominassem como os responsáveis pela orientação da nação e de suas cidades. Eles deviam juntar-se à necessidade do Estado em resolver as demandas da reordenação social. Já nas primeiras décadas do século XX, os discursos dos médicos e desses outros intelectuais formaram a imagem do país e os pilares do paradigma moderno.

Os médicos foram os primeiros em organizar-se institucionalmente e em construir sua própria identidade profissional, tornando-se um dos primeiros intelectuais da ordem burguesa. (HERSCHMANN, M:1994).

## **de um Célebre Médico.**



DIARIO DA TARDE, Curitiba, 07/01/1905, p. 3

Figura nº. 10

Especificamente no período de 1889-1912, os atores políticos começam a ser respectivamente os movimentos sociais e as associações de classes ou grupos ligados ao problema de saúde e às condições sociais de vida. Criaram-se sindicatos, partidos políticos, associações médicas ou instituições centrais como a Faculdade de Medicina, Academia Nacional de Medicina e outras. No Paraná, e especificamente em Curitiba, a criação do Sindicato e da Associação Médica do Paraná ocorre na entrada dos anos trinta do século XX.

Os primeiros médicos brasileiros de reconhecimento nacional e internacional foram Oswaldo Cruz e Nina Rodrigues. Oswaldo Cruz teve sua atuação principal no combate da febre amarela no Rio de Janeiro e sua participação na fundação do Instituto de Soroterapia de Manguinhos em 1901. Outro centro de produção científica era a Faculdade de Medicina da Bahia cujas especializações eram a perícia médico-legal e a pesquisa antropológica sobre as relações raciais a partir da obra de Nina Rodrigues. De modo que o discurso produzido pelos médicos de ambos os centros clamava por maior autonomia das instituições médicas e reivindicava a penetração deste campo de saber junto a outros.

Imbuídos do desejo e da ânsia de atingir a sociedade, os médicos curitibanos também pensavam a constituição de seu saber, levando em consideração questões teóricas e práticas de sua aplicação. Diversos debates sobre a higiene, sobre os medicamentos, sobre as epidemias que mais afetavam a cidade, mortalidade infantil e outros eram comumente publicados no jornal *Diário da Tarde* em forma de colunas fixas semanais como veremos nos exemplos seguintes:

*Ao sr. Dr. Franco Grilho*

*(...) Em primeiro lugar, pede permissão para expor umas idéias geraes sobre therapeutica. Refere-se a umas lições ouvidas há 30 anos em Nápoles, quando inicio-se a nova escola positiva de medicina experimental. Diz que os médicos são os culpados da descrença geral do povo nos meios therapeuticos, pois confiarem demais na acção dos especificos e pouco ou nada nas forças naturaes physiologicas que auxiliam efficaçmente a reconstituição orgânica. O meu intento não é refutar; é simplesmente tornar-me o echo das palavras do illustre collega, para demonstrar ao leitor que o conteúdo não está de accordo com o rótulo (...). A hygiene, preocupandose com todas as individualidades clinicas e as circunstancias do meio em que encontra os doentes, tem feito nestes últimos quinze annos, uma verdadeira revolução na therapeutica, restringindo singularmente o emprego dos meios pharmaceuticos. (...).*

*Diário da Tarde, Curitiba, 09/10/1900, p. 1.*

### *Mortalidade Infantil*

*Sr. Redactor do Diário da tarde, atendendo ao vosso convite para dar, minha opinião sobre a exagerada desproporção da mortalidade infantil ao obituário geral de nossa capital nestes últimos tempos, com satisfação venho a vosso encontro, embora minhas palavras pouco valor possam ter, atendendo aos meus exíguos conhecimentos da especialidade e à falta dos elementos modernos para o diagnostico bacteriológico das moléstias reinantes. Apenas seremos guiados em nossa singela opinião pela observação clinica de todos os dias e pelo grande desejo que nutrimos de sempre nos collocar ao lado de todos aquelles que se preocupam seriamente do bem estar do povo, como acontece com o Diário da Tarde(...)*

*As infecções intestinais, entero-colites, algumas vezes desynteriformes, são communs todos os annos nestes meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, tendo este anno, devido a circunstancias varias, attingido extraordinário e mortífero desenvolvimento que attrahiu a attenção de todos que se preocupam como o 'Diário', de assumto desta ordem, de elevada relevância social. (...).*

*Dr. Reinaldo Machado, Diário da Tarde, Curitiba, 24/01/1912, p. 1*

Além das práticas médicas convencionais chamadas de alopatas, também existiam na cidade de Curitiba de finais do século XIX e início do XX, os homeopatas. A homeopatia foi encarada pelo saber médico alopata desde as primeiras décadas do século XIX como charlatanismo. Com o passar do tempo foi ganhando adeptos entre os próprios médicos e entre a população em geral, recebendo apoio de personalidades respeitáveis e dos jornais da cidade. Em Curitiba, o Dr. Nilo Cairo era muito respeitado na sociedade científica e médica, atendia numerosos pacientes entre adultos e crianças. Foi professor da Faculdade de Medicina e com certa frequência escrevia artigos científicos no jornal *Diário da Tarde* como veremos no próximo fragmento a continuação:

### *Mortalidade Infantil: Epidemia Reinante*

*Assim começamos a entrevista com o ilustre Dr. Nilo Cairo:*

*R: - De há muito que nos vem preocupando a assustadora mortalidade infantil nesta capital, figurando nos obituários, com dous terços de óbitos. Agora, um documento official, a mensagem do sr. Prefeito municipal, acaba de tratar do assumpto, dando como official ás apprehensões que encham o espirito da população. Que pensa o Dr. A respeito?*

*Dr.- Que é uma verdade. A mortalidade infantil, em todas as suas estatísticas, é sempre elevada, razão porque, em todas as partes do mundo, se fundam Institutos de Protecção e Assistência, de que desgraçadamente nos achamos desprovidos.(...) Ao meu ver, são dous razões que a causam: a gastro-enterite commum, que costuma tomar um caracter mais grave no verão; e uma entero colite dysenteriforme desde os primeiros dias de novembro passado.(...)*

*Nilo Cairo, Diário da Tarde, Curitiba, 23/01/1912, p. 1*

De forma que a evolução do saber e da prática médica e científica do Brasil no século XIX e início do XX era basicamente teórico e clínico, sendo ministrados só em duas Faculdades de Medicina: uma em Rio de Janeiro e a outra na Bahia no ano de 1832. No final do século XIX novas escolas de Medicina surgiram, mas foi só no ano de 1912 que foi instalada no Paraná, especificamente em Curitiba.

#### **2.2.4 Fundação da Universidade Federal de Paraná: uma necessidade**

No início do século XX, o Paraná e especificamente sua capital Curitiba, integrada a um quadro econômico-social, político e cultural nacional começava a ter crescentes padrões culturais urbanos. Como nos diz SIQUEIRA, M. (1993): *a emergente burguesia paranaense passava a investir em vários setores ao mesmo tempo, dando ênfase as profissões liberais.*

Em Curitiba este processo foi acelerado a partir da Fundação da Universidade Federal do Paraná no ano de 1912 (Ver figura nº. 11). Onde a mesma formou parte de um Projeto de Estado em vias do 'Progresso'. Cada vez mais, a sociedade curitibana se interessava pela Ciência e pelo saber 'culto'. A preocupação da fuga ou da perda de jovens talentos paranaenses foi é nesse período uma preocupação patriótica.

*(...) A fundação de uma Universidade no Paraná corresponde, em grande parte, a realização de uma aspiração, cada vez mais acentuada de nossa sociedade culta. (...) O número dos candidatos será cada vez mais avultado dada a maior facilidade que o estudo oferece, sendo feito aqui mesmo. É esta precisamente, a face mais sympathica da excelente idea. Basta, para comprovar, a reflexão simples de que a manutenção de um moço que se occupa exclusivamente dos estudos acadêmicos, nos centros mais procurados do paiz ou mesmo do estrangeiro, é privilegio das classes abastadas, em vista das dificuldades da vida. O resultado dessa situação é a perda lastimável de muitas intelligencias e energias que se estiolam em nosso médio social (...).*

*Diário da Tarde. Curitiba. 03/12/1912. p. 01*

# Fundação de uma Universidade NO PARANÁ'

A fundação de uma Universidade no Paraná corresponde, em grande parte, a realização de uma aspiração, cada vez mais accentuada, da nossa sociedade culta. Não são de agora a necessidade e, digamos, a oportunidade da criação de academias superiores, movimento daquellas cujos cursos são muito procurados pela mocidade que todos os annos emigra do Estado em busca do que infelizmente lhe tem faltado aqui. De sorte que dum momento para outro ellas tinham que surgir inevitavelmente. Supponhamos, porém, que nascessem parcelada e successivamente e não como, graças a uma feliz inspiração, se as procura instalar na forma de uma Universidade. Para a sua criação era necessaria sempre uma vontade bem orientada, e, se não um patriotismo, pois, já não faltam os elementos fundamentais para sua construção — o alumno e o professor. O mais dispensavel — scilicet o pessoal que annualmente fornece o Estado para as escolas de alumnos do Rio, São Paulo e outras.

Ora, é logico que, creada em nossa capital uma tal instituição, atterrendo na moralidade e honestidade do ensino superior, para ella correrão todos os jovens paranaenses que se viam na contingencia de se diplomar fóra. O numero de candidatos será cada vez mais avultado, dila a maior facilidade que o estudo offerece, sendo feito aqui mesmo. E, para, precisamente, a face mais sympathica da excellente idéa. Basta, para o comprovar, a reflexão simples de que a manutenção de um moço que se occupa exclusivamente dos estudos academicos, nos centros mais procurados do paiz ou mesmo no estrangeiro, é privilegio das classes abastadas, em vista das difficuldades da vida. O resultado dessa situação é a perda latimavel de muitas intelligencias e energias que se estariam em nosso meio social, e alguns dos recursos que sua cond-

a uma attrahente diversão, só pelo facto de ter que preparar um capitulo de mecanica racional, que é coisa "dura mesmo de ruer." Esse facto é conhecido e incontestavel: dahi as vantagens de se aproveitar o elemento que acima apontamos, ligeiramente. Ah! está tambem o motivo pelo qual dizíamos e, ao que se vê, com razão, que é com a face mais sympathica da excellente idéa.

Quanto ao professor, outro elemento sem o qual seria impossivel a objectivação do plano universitário, dispomos tambem, sufficientemente seleccionado, do numero requerido para o mesmo fim. Seja dito, porém, que ha neste ponto difficuldades grandes, a vencer; pois, não basta existirem em nosso meio os elementos para a organização do corpo docente: é preciso ainda que elle dum forma ou de outra, acquiesça ao util empreendimento, não se furtando a prestar, ao Estado e a sociedade, o serviço que elles podem merecer de suas capacidades.

Neste sentido, desde já, aqui damos consideação como apello patriótico: esperamos que o bello tentamen tenha êxito em seu zelo, atterrendo, assim, para a edificação de uma obra, por todos os títulos, digna dos nossos louvores.

Reflectindo sobre esta questão desprehendemos que é logica e natural a exigencia de elementos diplomados e isto por duas razões capitales: primeira porque não é aceitavel, em these, a organização de um corpo docente que se destina a conferir diplomas não os possuir, elle proprio; segunda porque quem já frequentou, com aproveitamento, um curso superior até seu final, conhece melhor o funcionamento normal duma academia e está, por isso, em condições mais vantajosas para o magisterio do que os leigos, que têm esses conhecimentos através d'outras fontes.

Entretanto, é bom lembrar, aos empreendedores da Universidade, que não devem prejudicar nos pro-

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 03/12/1912, p. 1

Figura nº. 11

A Universidade Federal do Paraná iniciou com vários cursos, entre eles o de Obstetrícia (especificamente para Parteiras. Ver figura nº. 12) e, posteriormente o de Medicina, fato que influenciou também os debates e polêmicas dentro da sociedade. Entre eles, o de medicina popular e de medicina oficial e acadêmica. Fato que marca nosso limite do recorte histórico da pesquisa, que se inicia no ano de 1899 e culmina em 1912 com a criação da Universidade.

No dia 28 de novembro de 1912 aparece no DIÁRIO DA TARDE a transcendente notícia para Curitiba e para o Estado de Paraná:

#### UNIVERSIDADE DO PARANÁ

*A comissão, que tomou a si a organização deste importante estabelecimento de ensino superior, trabalha activamente para installal-o o mais breve possível.*

*(...) Como a Instituição conta presentemente apenas com os seus próprios recursos não lhe será possível desde já estabelecer os outros cursos, que estão no seu programma: mas assim que for possível, serão também inaugurados os cursos de pharmacia, de engenharia, de agronomia e de medicina e cirurgia. (...)*

*(...) ninguém pode contestar as innumeras vantagens que a criação da nova Instituição trará para o nosso Estado, onde tantos talentos abortam por falta de recursos para irem estudar no Rio de Janeiro e ahi se fazerem engenheiros, médicos advogados, etc. São forças vivas do nosso Estado, até agora iatentes, que a Universidade do Paraná vae desenvolver, concorrendo desse modo imensamente para os nossos incessantes progressos.(...).*

A partir do momento em que a Universidade se instalaram os cursos e Faculdade de Medicina iniciaram suas atividades formalmente no Estado, o confronto com os curandeiros e demais praticantes da medicina popular ganhava maior e mais forte repercussão; o que não impedia necessariamente a presença destes na sociedade.

# Universidade do Paraná

Os cursos de sciencias juridicas e sociaes, de obstetricia (parteiras), de commercio e de odontologia

## CURSO DE SCIENCIAS JURIDICAS E SOCIAES

O curso de sciencias juridicas e sociaes comprehenderá 16 cadeiras, distribuidas em 5 annos.

1.º anno — 1.ª cadeira — Encyclopedia Juridica — Dr. Benjamin Lima.

2.ª cadeira — Direito romano — Dr. Octavio de Amaral.

3.ª cadeira — Economia politica — Dr. Hugo Simas.

2.º anno — 4.ª cadeira — Direito publico e constitucional — Dr. Azevedo Macedo.

5.ª cadeira — Direito internacional e diplomacia — Dr. Marcos Carmo.

6.ª cadeira — Direito civil (1.ª parte) — Dr. Vieira de Almeida.

7.ª cadeira — Direito administrativo — Dr. Marcelino Nogueira.

3.º anno — 8.ª cadeira — Direito civil (2.ª parte) — Dr. Affonso Carmo.

9.ª cadeira — Direito commercial (1.ª parte) — Dr. José Cesar.

10.ª cadeira — Direito criminal (1.ª parte) — Dr. Flavio Luz.

4.º anno — 11.ª cadeira — Direito civil (3.ª parte) — Dr. João Gutierrez.

12.ª cadeira — Direito commercial (2.ª parte) — Desembargador dr. Vieira Cavalcanti.

13.ª cadeira — Direito criminal (2.ª parte) — Dr. Emilliano Peruetta.

5.º anno — 14.ª cadeira — Theoria e pratica do processo civil e commercial — Desembargador E. Bevilacqua.

15.ª cadeira — Theoria e pratica do processo civil e commercial

## CURSO DE ODONTOLÓGICA (Dentistas)

O curso de odontologia comprehenderá 10 cadeiras distribuidas em 2 annos, a saber:

1.º anno — 1.ª cadeira — Elementos de anatomia descriptiva Anatomia descriptiva da cabeça. — Dr. Claudio de Lemos.

2.ª cadeira — Elementos de histologia da bocca e seus anexos — Dr. Petit Carneiro.

3.ª cadeira — Physiologia, pathologia geral e anatomia pathologica — Dr. Nilo Cairo.

4.ª cadeira — Clinica dentaria (1.ª cadeira) — Cirurgião-dentista — Theodor Obino.

5.ª cadeira — Prothese dentaria (1.ª cadeira) — Cirurgião-dentista — Antonio Mattos de Azevedo.

2.º anno — 6.ª cadeira — Nosologia de microbiologia e de hygiene — Miguel Santiago.

7.ª cadeira — Pathologia dentaria. Estomatologia — Cirurgião-dentista Julio Xavier.

8.ª cadeira — Materia medica e therapeutica dentaria — Cirurgião-dentista Carlos A. Camargo.

9.ª cadeira — Clinica dentaria (2.ª cadeira) — Cirurgião-dentista A. Loyola e Silva.

10.ª cadeira — Prothese dentaria (2.ª cadeira) — Cirurgião-dentista Virgolino Brasil.

Estas 10 cadeiras constituirão 2 secções cada uma com um lente substituto:

1.ª secção — 1.ª, 2.ª, 3.ª e 6.ª cadeiras — vaga.

2.ª secção — 4.ª, 5.ª, 7.ª, 8.ª, 9.ª e 10.ª cadeiras — Cirurgião-dentista Jorge Leitner.

## CURSO DE OBSTETRICIA

(Parteiras)

O curso de obstetricia comprehenderá 3 cadeiras leccionadas em um unico anno:

1.ª cadeira — Elementos de anatomia e de physiologia. Anatomia descriptiva e topographica da bacia. Anatomia e physiologia do apparatus genito-urinario feminino. — Dr. Ronaldo Machado.

2.ª cadeira — Obstetricia (theoria da gravidez e do parto) — Dr. João Evangelista Espindola.

3.ª cadeira — Clinica obstetrica — Dr. Victor do Amaral.

Estas 3 cadeiras constituirão uma secção unica, tendo para lente substituto o sr. dr. Joaquim Pinto Rebelo.

**CAPÍTULO 3: MEDICINA POPULAR EM CURITIBA ENTRE OS  
ANOS 1899-1912: CURANDEIRISMO OU FEITIÇARIA?**



*" (...) El hombre febril, iluminado, trabaja y sueña sin cesar, trabaja sus sueños, sueña su trabajo. El anthropos embrionario, histrionante, al mismo tiempo que perpetua y renueva el caos, imagina, sueña piensa que cura al mundo o que lo mata, y que el mundo supera su caos. Su pensamiento sustituye al caos con el orden o la armonía. Racionaliza el caos con principios, causas, tiempo, espacio, con valor, con ser, con Dios."*

*Edgar Morin  
Le Vif du Sujet\**

\* *"Le Vif du Sujet". Paris. Ed. Du Seuil. 1969. pp. 354-355 (a tradução é minha)*

### **CAPITULO 3: MEDICINA POPULAR EM CURITIBA ENTRE OS ANOS 1899-1912: CURANDEIRISMO OU FEITIÇARIA?**

#### **3.1 Medicina Popular e /ou Curandeirismo**

Uma das tantas lutas que o homem iniciou desde seu aparecimento na Terra foi a luta contra as enfermidades; sejam físicas, sociais, culturais ou mentais. Desde que o homem é expulso do Paraíso, este arrastou consigo esta nova carga.<sup>11</sup> Enfermidades que entre outras coisas foram gastando energia que lhe permitiram ter para poder enfrentar a morte, frente ao que o deixaram impotente. Embora, o homem não houvesse chegado a vencer a morte, essa arte de curar as enfermidades humanas, e ao mesmo tempo prolongar a vida foi o que se conheceu como medicina. A medicina sempre acompanhou a vida social e cultural do homem em todos os tempos e lugares. Esta veio se desenvolvendo e evoluindo de acordo a cada cultura do planeta.

Segundo Maria CAMARGO (1978:3) a medicina popular -como área científica de pesquisa- teve por objetivo observar, estudar e analisar o comportamento do homem envolto em problemas de saúde. E esse comportamento compreendeu as medidas adotadas tanto para prevenir as doenças como para curá-las. Foi um saber popular e coletivo que se encontrou em todas as classes sociais e que se transmitiu de geração em geração.

O desenvolvimento dos estudos relacionados com a medicina popular tem contribuído com importantes informações e esclarecimentos à Ciência Médica e áreas afins. Um exemplo disso foi a poderosa indústria farmacêutica que cresceu e fortificou-se devido à manipulação das matérias-primas de origem vegetal provenientes principalmente dos países do Terceiro Mundo, assim como das informações coletadas de pesquisas sérias e fundamentadas na área da Medicina Popular, Antropologia Médica<sup>12</sup>, Antropologia da Saúde ou da Doença<sup>13</sup> e outras. Portanto, houve necessidade de novos e mais estudos

---

<sup>11</sup> Gênesis 3, 16-19.

<sup>12</sup> Segundo FOSTER e ANDERSON (1978) A antropologia médica é uma disciplina biocultural que trata dos aspectos biológicos e socioculturais do comportamento humano e, em particular das formas com que tais aspectos interagem e tem interagido no curso da história humana, influenciando a saúde e a doença.

nessas áreas, uma vez que ela permaneceu atuante e viva em todas as camadas sociais e culturais do Brasil de hoje.

A abordagem do assunto nas diferentes literaturas existentes desde o ponto de vista histórico, antropológico, geográfico, sociológico e psicológico evidenciou-se a constância do uso das plantas e ervas medicinais no tempo e no espaço, o que, longe de constituir um privilégio da zona rural ou das classes menos favorecidas é na atualidade um fenômeno generalizado. Assim, a medicina popular está incorporada como nos diz Elda Rizzo de OLIVEIRA (1985) aos atos concretos, cotidianamente vividos. Esses atos estão cristalizados em hábitos, costumes e tradições. A Medicina Popular Brasileira é praticada então, na esfera familiar, na casa de nossos amigos, vizinhos e parentes na comunidade onde moramos, na cidade.

Enquanto ao curandeirismo propriamente dito, este constitui-se como um fenômeno social e cultural relacionado a sua dimensão física e a seu universo simbólico-cultural. Esta dimensão da figura do curandeiro e de suas práticas não se limita ao relacionamento com a medicina popular, também foi associado à magia e à religião popular.

### **3.1.1 Raízes da Medicina Popular no Brasil e em Curitiba**

A medicina popular constitui um conjunto de conhecimentos tradicionais, compreendendo as influências das culturas indígenas do passado, as influências das culturas afro-brasileiras e as próprias herdadas da medicina européia da antiguidade e especificamente portuguesa. Estes aspectos possuem uma origem remota como nos descreve Laura de Mello SOUZA (1986: 166): *Africanos, índios e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil colonial. O conhecimento que tinham das ervas e de procedimentos rituais específicos a seu universo cultural atrelou-se ao acervo europeu de medicina popular. Houve curandeiros europeus, mas em numero muito inferior.*

---

<sup>13</sup> LAPLANTINE (1986) propôs uma antropologia da saúde ou da doença capaz de analisar as formas elementares da doença e da cura, numa perspectiva metacultural e comparativa. Na França, principalmente, a Antropologia da Saúde e da Doença ganha diferentes enfoques e é considerada uma disciplina bastante recente. As duas disciplinas privilegiam o significado e as representações da doença, suas causas e seu sincretismo com as medicinas tradicionais e modernas.

Estas diversas influências deixaram marcas profundas na arte popular de curar no Brasil como viu-se na presente análise.

### 3.1.1.1 Influência Indígena

A influência indígena na medicina popular brasileira e curitibana deveu-se parcialmente à participação dos jesuítas, que atuaram ativamente no campo da saúde e das curas junto com os próprios nativos indígenas. Deveu-se a eles o conhecimento de muitas plantas medicinais e de tratamentos ancestrais. CAMARGO (1978:4):

*Muitas dessas plantas foram levadas para Europa e lá divulgadas as suas qualidades terapêuticas. A correspondência dos primeiros jesuítas com a Europa é rica em informações relacionadas às propriedades medicinais de muitas plantas utilizadas pelos índios. Portanto devemos a essa divulgação o interesse despertado em muitos médicos e naturalistas europeus de estudar nossa flora.*

Nas diversas formas terapêuticas atuais da medicina popular evidenciou-se a interinfluência da medicina indígena e jesuítica. Os índios cultuavam a idéia do emprego das ervas e plantas aplicadas isoladamente na forma de cozimento, infusões, chás, sumos, etc.<sup>14</sup> Os padres jesuítas incorporavam os conhecimentos formais aprendidos da ciência oficial européia.

A medicina jesuítica então teve início no Brasil em geral, com a vinda dos primeiros padres da Companhia de Jesus, chefiados por Nóbrega, que em 1549, chegaram com Tomé de Sousa, com a finalidade precípua de realizar a tarefa da catequese dos índios brasileiros. SANTOS FILHO (1949:51).

Como nos conta o mesmo autor:

---

<sup>14</sup> As formas terapêuticas mais comuns no Curandeirismo e na Medicina popular em geral, são os chás, que apresentam varias formas: chá queimado na pinga, chá queimado nas brasas e o chá abafado. O chá é uma forma de infusão que compreende a remoção do principio ativo de uma planta através de água fervente que se coloca sobre a mesma por um tempo determinado. Deve-se conservar a vasilha coberta, pois quase todas as plantas contém óleo essencial e este, sendo volátil, se perde a través dos vapores. Os sumos são extraídos de uma planta quando esta é 'pisada', 'macetada' e 'espremida'. Cozimento é uma decocção que se obtém quando se ferve por algum tempo, em meio líquido qualquer substancia medicamentosa. O veículo é geralmente a água. In *Medicina Popular*, de Maria CAMARGO (1976).

*Os profissionais não diplomados só conheciam de medicina, simples e reduzidos rudimentos; os diplomados entendiam menos de ciência hipocrática e mais dos 'postulanos' e 'cartas de marear' e astrologia (...) era melhor tratar-se à gente com um tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado instinto, do que com um medido de Lisboa.*

A medicina no Brasil dos tempos coloniais foi exercida em grande parte pelos índios e pajés, pelos jesuítas e pelos curandeiros. Mas a influência indígena na medicina popular brasileira e de Curitiba na época contemporânea não está apenas, relacionada ao uso das plantas medicinais e aos processos utilizados na manipulação das mesmas. Na verdade, esses conhecimentos não só influenciaram a iniciante medicina naquela época, mas também suas contribuições foram grandes no campo das curas, cujos recursos empregados não estavam ligados apenas às plantas e ervas, ou outros elementos ditos de materiais. Outro fato foi que deram elementos culturais específicos para cada grupo, fato relacionado aos recursos ditos de sobrenaturais, relacionado aos rituais e cerimônias empregados para o mesmo fim de curar.

Ditas práticas dos pajés exerciam em suas comunidades o papel de curadores, que tempos depois influenciou ao curandeirismo e a 'medicina espiritista'. CASCUDO (1951:29) também se refere a essa herança deixada pelos índios quando indicou o uso do tabaco nos seus rituais terapêuticos:

*O pajé empregava o cigarro de entrecasca de 'tauari' (Courataria tavyry), com o tabaco da região. Às vezes reforçava o enebriamento aspirando o cheiro do pó de 'paricá' (Mimosa acacioides). O 'Paricá' provoca sonhos indicadores de futuro e era no sonho que Kerpimanha ou Kerepiina, Mãe-do-sonho, orientava e dirigia(...)*

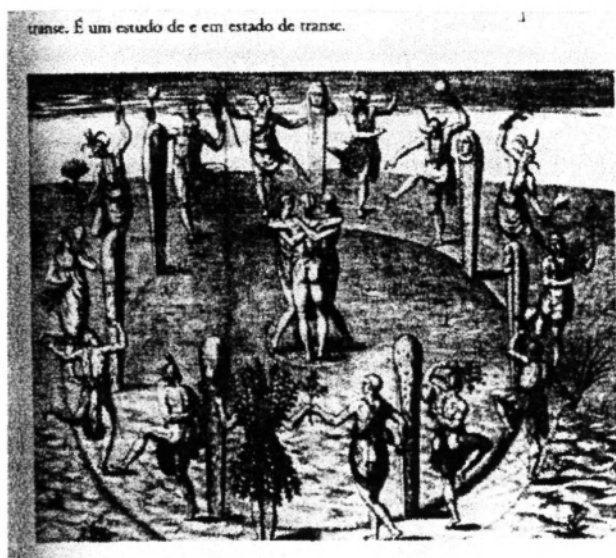
Como é sabido, em todos os grupos humanos encontrou-se forma diferente de religião e de rituais terapêuticos associados aos seres sobrenaturais de suas próprias culturas. Na maioria das vezes, esses rituais consistem na adoração de forças sobrenaturais e em petições para que estas intercedam nos assuntos humanos de forma positiva.

Os indígenas sul-americanos em geral, acreditavam que muitas enfermidades tinham suas causas no sobrenatural. Segundo ELIADE (1974) existiam agentes maléficos<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Do latim Maleficiu. São os agentes espirituais, os encantados que tem como objetivo prejudicar alguém. É também um infortúnio, uma ofensa e calamidade sofrida por pessoas, animais ou propriedades, para os quais não se pode encontrar explicação imediata ou plausível. In Laura de Mello SOUZA (1986).

que eram introduzidos por outros pajés no corpo do paciente e tinham que ser sacados por um shaman. O shaman –é o pajé- trabalhava com o auxílio de seus espíritos guias, aos que recebia em transe e visões. Esses guias davam conselhos para facilitar o diagnóstico e o posterior tratamento. O objeto que origina a doença ou problema de saúde pode ser um dardo, um bicho ou outro ente espiritual. Nesse caso, era preciso tirá-los do corpo do paciente por meio de sucção ou de outros ritos mágicos nos quais jogava um papel importante à maracá sagrada, o fumo do tabaco e outros fetiches<sup>16</sup>.

O Shamanismo ou pajelança indígena é semelhante em todas as partes do continente americano e até na Sibéria e sempre são associados na atualidade ao Curandeiro tradicional (ver figura nº. 13). Estes fatos médicos mágico-religiosos de origem indígena e africana são, comuns no Brasil e refletiu sua forte influência na Medicina Popular contemporânea.



**Figura nº. 13 “Dança Astromágica de Curandeiros Índios Norteamericanos”.**  
**Gravura em cobre do século XVII In *O Livro das Ciências Ocultas***  
**de Friedrich DOUCET, p. 85**

<sup>16</sup> Fetiche é um objeto animado ou inanimado, feito pelo homem ou produzido pela natureza, ao qual se atribui um poder sobrenatural. In: Juan – Eduardo CIRLOT (1984).

### 3.1.1.2 Influência Africana

A origem da medicina africana foi também de características mágico-religiosas (CAMARGO:1978) e procedeu das diferentes regiões da África para cá vieram na condição de escravos. Muitos deles eram curadores e especialistas em rituais de cura. Sua influência na medicina popular brasileira foi bem marcante no que diz respeito ao sobrenatural. Estes invocavam seus deuses através de transe para que estes transmitissem aos seus clientes as ordens divinas. A adesão do homem branco ou mestiço brasileiro a esses rituais fetichistas de origem africana tornou-se uma constante nas diferentes regiões do país. É interessante mencionar também, que nas suas sessões de cura utilizavam plantas medicinais e outros recursos terapêuticos da medicina indígena, embora seu maior prestígio estivesse nos poderes mágicos. (Ver figura nº 14).

Como disse CAMARGO (1978:12):

*Sua arte de curar através dos recursos mágicos, muito impressionou ao colonizador português. Desta maneira ele vai também aderir, na forma de aceitação, à magia curativa empregada pelo africano, não só pela carência na época de uma medicina científica como também pelo temor que tinham por saber que os mesmos eram grandes conhecedores de plantas venenosas com as quais preparavam os venenos para seus senhores, quando eles eram por eles odiados. Além dos venenos, eram peritos nos filtros amorosos, que as vezes serviam para restituir aos seus senhores, o vigor sexual ou, então, fixar o amor naquele ou naquela a quem se amava.*

#### Nova feiticeira

Existe nesta cidade uma mulher de cor morena e já algum tanto velha que tem por habito andar esmolando com uma bandeija, no centro da qual traz sempre, de pé, a imagem de um santinho. Esta imagem representa o santo para o qual a mulher solicita a esmola o ó geralmente, ou a do S. Antonio, ou a do S. Benedicto. Do

Dizem-nos que a sua casa é um verdadeiro museu alchimico tal a quantidade de objectos exquisitos com os quaes convivia e os quaes ompresB qualidades mystericosas.

A velha pedinte está sendo actualmente procurada por pessoas ignorantes que dão ouvidas á suas conversas. Antes porém que estas possam ir adeante será bom que a policia procure tirar os feitiços á velha devota.

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 21/07/1903, p. 1

Figura nº. 14

Nessa nascente formação nacional brasileira, os negros escravos fixaram e aderiram os costumes e saberes indígenas e europeus. O Catimbó é um exemplo disso. O 'culto dos encantados', é um culto popular freqüente hoje no nordeste e no norte do país. É uma fusão de elementos culturais da magia e da religião afro-brasileira, o catolicismo, espiritismo e algumas reminiscências de costumes indígenas. (ALVARENGA:1949)

Segundo CASCUDO (1951:27), os negros, os indígenas e os europeus fundiram-se no Catimbó e mais tarde na Umbanda<sup>17</sup>. A concepção de magia, processos de encantamento, termos, orações, são da cultura mágico-religiosa dos ibéricos, vinda e transmitida oralmente. Já a pajelança, que era a figura representativa dos índios e dos cultos dos encantados, passa a ser substituído pela figura do curandeiro.

### 3.1.1.3 Influência do Imigrante Europeu

*Não devem ser esquecidos os ensinamentos trazidos com as levas de imigrantes, principalmente italianos e poloneses.*

*Rev. "A Esfinge", Curitiba,  
Nov. 1900, N. 11.*

Como já foi dito em apartes anteriores na Dissertação, as grandes imigrações para Curitiba ocorreram após a criação da Província do Paraná em 1853, para várias etnias européias dirigiam-se com o fim de formar núcleos de colonização. Essas principais colônias no início eram agrícolas, e foram estabelecidas por italianos, alemães, poloneses e outros.<sup>18</sup> A maioria destes imigrantes dedicou-se inicialmente às atividades rurais, e seus descendentes seguiram a mesma profissão, tendo alguns explorado produtos nativos da região como madeira e erva-mate.

Com a imigração, a população curitibana triplicou. De 1890 a 1896 vieram 28.000 imigrantes, e entre 1907 a 1914 mais 27.000 imigrantes.<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Religião sincrética originada da assimilação de elementos religiosos afro-brasileiros pela corrente espiritista. In: Aurélio Buarque FERREIRA (1975)

<sup>18</sup> MARTINS, Romário. *História do Paraná*. São Paulo: Ed. Rumo, 1933.p. 408

<sup>19</sup> BARZ, Elton. Curitiba e Planejamento urbano. In: *A cidade e o meio ambiente*. Curitiba: Pref. Municipal, 1992. p. 07.



Um aspecto interessante a considerar foi a representação construída pelo discurso oficial sobre o imigrante em Curitiba. Este chegaria para ‘salvar’, disciplinar e morigerar a sociedade provinciana de Curitiba, marcada ainda pela escravidão negra.

Este discurso manifestava-se na imprensa, na literatura e na própria política imigratista do Estado. Romário MARTINS (1933:456), intelectual e historiador da época pronunciou-se sobre as origens étnicas do curitibano: (...) *alguns dos nossos dissídios e desorientações correm por conta de proximidades étnicas com a estirpe de Can.*

Mesmo os imigrantes tendo um aceite social e econômico na Curitiba do início do século XX, tornou-se necessário ressaltar nesta pesquisa sua relação também conflituosa com relação às práticas médico-mágica-religiosas. Talvez a competição no mercado de trabalho e/ou as variadas diferenças étnicas favoreceram esse fenômeno. A maior parte dos *acusados* de feitiçaria e de prática ilegal da medicina em Curitiba no período estudado pertencem ao grupo dos descendentes de escravos negros, negros libertos, pardos, mulatos e mestiços, segundo LANGER (1992). O autor também enunciou que logo em seguida, o grupo étnico de maior frequência foi dos descendentes de italianos, poloneses e sírios.

### 3.2 O Curandeirismo e as Práticas mágico-religiosas

*Procurar obter cura por meios sobrenaturais aproximava esta terapêutica popular da feitiçaria. Curavam-se doenças, incômodas como dores de dentes; mas também se curavam feitiços (...) o curandeiro tinha função paradoxal: identificado ao feiticeiro, era freqüentemente chamado para desfazer feitiços.*

SOUZA, Laura de Mello. "O diabo e a terra de Santa Cruz". São Paulo. Companhia das Letras. 1986. pp 241.

O Curandeirismo é o conjunto de práticas e de condutas do curandeiro. É uma instituição\*, sem dúvida considerada ilícita, mas que por costumes, de certo modo, incultos do povo, esta têm aceitado e ao mesmo tempo é sancionado por vezes.<sup>20</sup> Já o curandeiro (*Del lat. "cuñandus"; ger. de curare, cuidar, curar: m. é El que hace de médico sin serlo*<sup>21</sup>). Na Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo Americana de 1930, o curandeiro é definido na sua primeira acepção como: *charlatan, empirique, p. curandeiro – adj. Dicese de la persona que ejerce de médico sin tener aprobado los estudios correspondientes. II. Charlatan que vende remedios específicos en público o en secreto, o practica tratamientos empíricos o supersticiosos o de pura farsa, etc.*

O curandeiro é uma confluência entre médico e religioso popular. Ele atende as necessidades físicas e espirituais com medicamentos caseiros, mas também utiliza elementos religiosos e mágicos para sua arte de curar; especialmente quando a causa da doença é sobrenatural. Neste caso, a linguagem simbólica do ritual do curandeiro é muito mais eficiente do que a linguagem médica-científica, já que muitas vezes não resolve esse tipo de problemas. (MONTEIRO, P.: 1990:63). Isto é talvez uma das melhores explicações para a enorme popularidade destes personagens e sua evidente resistência no tempo.

Como já mencionamos anteriormente, a medicina popular e o curandeirismo como parte integrante dela, foi e é nutrida por diversas origens como a indígena, a africana e,

\* Coisa instituída ou estabelecida. 5. Estrutura de necessidades sociais básicas, com caráter de relativa permanência, e identificável pelo valor de seus códigos de conduta e alguns deles expressos em leis. *In DICCIONARIO Novo Aurélio*. p. 1119.

<sup>20</sup> Grande ENCICLOPEDIA Portuguesa e Brasileira. Vol. VIII. Lisboa: Edit Lisboa, 1940. p 290-291.

<sup>21</sup> DICCIONARIO ENCICLOPÉDICO Hispano-Americano de Literatura, Ciencias y Arte. España: Montaner y Simón Editores, 1890. p 1588.

mesmo europeia. Os antigos pajés das etnias aborígenes nas Américas eram curandeiros que, através do profundo conhecimento dos recursos terapêuticos da natureza e do domínio do universo espiritual e cultural do grupo, curavam as enfermidades tanto físicas como psicológicas (vale dizer ‘culturais’). Eram os mesmos colonizadores, missionários e depois os brasileiros descendentes dos portugueses, que recorriam a estes especialistas da cura. Algumas práticas médicas se misturaram com as de origem europeia originando assim múltiplos sincretismos médicos, praticados normalmente tanto no campo como nas cidades. Este fato deu origem à prática dita hoje de Curandeirismo.

George FOSTER (1980) escreveu sobre isso no contexto espanhol e europeu:

*Fuere cual fuere el mecanismo, una gran proporción de la práctica médica europea de la época de la conquista fue incorporada a las prácticas populares americanas e latinoamericanas. Al mismo tiempo, y por canales informales, buena parte de la medicina popular contemporánea de la metrópoli fue transferida al Nuevo Mundo. El resultado es una masa bien desarrollada y floreciente de creencias folklóricas sobre la naturaleza de la salud, las causas de las enfermedades y las técnicas curativas, compuesta de elementos americanos indígenas, de folklore europeo, y de medicina clásica erudita.*

A formação de sincretismos nas práticas médicas não foi somente o resultado do fenômeno normal de intercâmbio implícito e automático, que se produziu quando duas as culturas mantiveram-se em um contacto permanente. Há também uma origem mais específica: os curandeiros indígenas manejavam com maior conhecimento as doenças endêmicas e sua própria cura e, por isto, seus métodos foram assumidos pelos europeus em geral de todas as classes sociais. Este processo era facilitado pela falta e pouca quantidade de médicos titulados e diplomados em Faculdades de Medicina até a metade do século XIX.

Deste modo, curandeirismo e práticas mágico-religiosas estão intimamente associadas na sociedade brasileira desde o século XVIII até os dias de hoje. Segundo Sergio Buarque de HOLANDA (1957:105): *A medicina e a magia primitiva não conhecem nenhuma distinção nitida entre malefício e moléstia (...) a mesma reza que serve para aliviar uma parturiente poderá resguardar um individuo de qualquer acidente funesto, preserva-lo de mau-olhado ou imuniza-lo contra a infecção do ar ruim.*

Outra relação do curandeirismo é com o universo simbólico do feitiço (SOUZA, L.: 1986:166): *procurar obter cura por meios sobrenaturais aproximava esta terapêutica popular da feitiçaria. Curavam-se doenças, incômodas como dores de dentes; mas também se curavam feitiços (...) o curandeiro tinha função paradoxal: identificado ao feiticeiro, era freqüentemente chamado para desfazer feitiços.*

## O caso da feiticeira

### Medicamentos

No sentido de bem informar aos leitores do *Diário* relativamente ao caso extraordinário do aparecimento da feiticeira Lucinda, tomamos informações, quanto ao emprego de medicamentos por ella proporcionados aos seus *clientes*.

Diante das revelações que nos foram feitas, pareceu-nos que nos achavamos em seculos atrasados, onde a alchimia, as ervas e as palavras cabalísticas estavam em pleno uso e florescencia.

E' assim que nos affirma pessoa que foi consultar a mulher, ter ouvido d'esta o seguinte:

Para fazer um coração apaixonar-se «por qualquer pessoa» basta, segundo Lucinda, atirar ao fogão um punhado de sal, e, enquanto este estala, pronunciar, pensando no coração que se quer apaixonar, as palavras cabalísticas *Abbi—Gott—Bitto—Bleu*.

Accrescentou, porém, que para o facto produzir resultado, necessita o consultante guardar a respeito o maior segredo.

Acreditámos ser essa mulher victima de especulações de terceiros, que servem-se de seus *mysterios* para não poucas patifarias, como demonstra a phraseja usada pelo *Diário* de **comedia amorosa**.

Comquanto a policia esteja ao par dos factos que ha noticiado o *Diário*, sobre o caso da feiticeira, não sabemos que providencias tenha até agora tomado.

Por estas relações simbólicas e culturais com a dita feitiçaria e/ou bruxaria, muitas vezes os curandeiros na Curitiba de final do século XIX e início do séc. XX, eram reprimidos, perseguidos e condenados a prisão. Dos métodos mais utilizados por eles, foi o uso de ervas, raízes, líquidos e fervidos armazenados em recipientes de vidro transparente chamados de 'beberagem', utilizadas freqüentemente em todo Brasil.<sup>22</sup>

### 3.2.1 Filtros, Mezinhas e Garrafadas em Curitiba

A expressão mais antiga, encontrada nas fontes impressas, para a palavra 'beberagem' foi o chamado 'philtro'. Palavra de origem européia e que era muito utilizada na mitologia e folclore clássico e também pelo esoteristas e ocultistas do período<sup>23</sup> (Ver na figura nº. 16, como o Dario Vellozo utiliza o termo em um poema).

## Extranho philtro

Branca de neve, as tuas mãos osculo !  
Volves ! O amor sobe-te à bocca, e, breve,  
Abre o sorriso o purpuro casulo  
Do sonho alado—A flor de espuma, leve

Sobe-te aos olhos ; brilha ! De Cythera  
Chegar baixeis e corações ; Destinos  
Cantam ; canta no mar a primavera  
De teos olhos,—Venuzia,—esmaragdinos.

Monge que sou, deixo o burel funereo ;  
Sob o fluido aromal de teos carinhos  
Cerro as portas do negro eremiterio.

Sortilegio ! Qual seja o philtro, a Essencia ?  
—Vestio-me de tristeza a sua ausencia,

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 14/06/1904, p. 1

Figura nº. 16

<sup>22</sup> OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é medicina popular*. São Paulo: Ed. Brás., 1985. p 22

<sup>23</sup> Rev. *ESFINGE*, Curitiba, Nov. 1900. N. 11.

Em 1906 surge a expressão 'Mezinha'<sup>24</sup>, também de origem européia, para logo depois surgir para ficar a palavra 'Garrafada'<sup>25</sup> de influência africana.

Dos elementos constituintes das 'beberagens' o dos 'philtros'; utilizados em Curitiba no período estudado. Novamente Vellozo<sup>26</sup> relaciona:

#### MINERAIS e PLANTAS

*Entre as substâncias mais empregadas tanto na terapêutica oculta, como na magia negra encontram-se: MINERAIS:*

- Hydrargyro (azougue)
- Ácido arsenioso
- Bichlorureto de mercúrio

#### VEGETAIS:

- |                   |  |
|-------------------|--|
| - Alecrim         | <i>Rosmarinus officinalis</i>            |
| - Arruda          | <i>Ruta graveolens</i>                   |
| - Belladona       | <i>Atropa Belladona</i>                  |
| - Mandrágora      | <i>Atropa mandrágora</i>                 |
| - Mangerona       | <i>Origanum majorana</i>                 |
| - Neimendro Negro | <i>Hyosciamus niger</i>                  |
| - Puchury         | <i>Nectandra puchury</i>                 |
| - Raiz de guiné   | <i>Petivera tetandra</i>                 |
| - Sabugueiro      | <i>Sambucus nigra</i>                    |
| - Trevo           | <i>Menyanthes tritiliata</i>             |
| - Urtiga          | <i>Urtica urens</i>                      |
| - Verbena         | <i>Verbena officinalis</i> <sup>27</sup> |

Em 1899 um herbolário conhecido por *Pedro o Curandeiro*, é procurado por uma pessoa com fortes dores de dentes. Pedro oferece-lhe para beber sal e aguardente misturados numa pasta de 'urtigas'. Ao colocar o preparado nos dentes, este desatou num berreiro capaz de acordar uma esfinge<sup>28</sup>

Uma velha senhora curandeira chamada também de Feiticeira, que morava na praça Tiradentes em 1901, receitava e vendia garrafadas de remédios de ervas e raízes:

<sup>24</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 18/04/1906. p. 01

<sup>25</sup> CESAR Getúlio. *Curandeiros e rezadores*. In: *Crendices do Nordeste*. Fortaleza: Ed. Pongetti,. 1940. p. 169.

<sup>26</sup> Segundo Dário VELLOZO, estas informações foram conseguidas com depoimentos de africanos residentes na Curitiba de 1900.

<sup>27</sup> VELLOZO, Dário. *Ocultismo no Paraná*. In: *ESFINGE*, Curitiba, 2(11) Nov. 1900. p. 70-71

<sup>28</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 07/11/1899. p. 02

*(...) me indicaram uma velha curandeira que mora na praça Tiradentes, a qual me cobrava trinta mil reis por cada garrafada de remédio que me dava e dizia que minha doença era de natureza que nenhum medico era capaz de me curar. Depois de ter gasto muito dinheiro inutilmente com essa feiticeira, que devia ser chamada à policia, me indicarão uma outra que mora na rua Dr. Pedrosa, que me cobrava sete mil reis por garrafada. (...) Perdi meu dinheiro, mas ganhei experiência. Torno isto publico para prevenir as simples como eu, e para pedir providencias à policia e ao governo contra essa súcia de curandeiros, exploradores da desgraça do próximo.*<sup>29</sup>

Com o título: *'Um curandeiro: Beberagem fatal'* apareceu no dia 3 de dezembro de 1908 no jornal DIARIO DA TARDE o artigo que menciona as práticas feitas pelo curandeiro Antonio Machado e que resultaram em envenenamento de um paciente:

*(...) no dia 28 do mez passado, Antonio Machado foi á casa de seu compadre Sergio de Campos, levando numa garrafada uma beberagem de côr duvidosa. Ali chegando, depois de alguns momentos de palestra com Sergio e sua mulher Anna, disse que aquella estava 'enfeitiçada' e que era preciso tirar-lhe o 'feitiço'. Para isso tinha naquella garrafada um 'santo remedio'.*

*Sergio e sua mulher, crentes na 'sciencia' do curandeiro que já havia tratado, tempos atrás, do primeiro, acreditaram no que elle lhes dizia, premtificando-se a mulher a tomar o remédio. Antonio Machado então derramou em uma caneca certa quantidade daquella beberagem e fez com que Anna a ingerisse. Acto continuo a mulher cahiu sobre uma cadeira, os dentes cerrados, sem pronunciar mais uma única palavra. A dose era pouca e o curandeiro lançando mão de um freio de cavallo, com elle abriu os dentes de sua comadre e despejou-lhe garganta abaixo outra dose da fatal garrafada.*

*Os effeitos intoxicadores da bebida, que logo após ingerida se fizeram sentir, foram augmentando, vindo a infeliz Anna a fallecer horas depois (...)*

Em 1912, em Itaperussú um curandeiro ministra 'mezinhas' e seus pacientes ficam 'paralyticos', outros aparvalhados e outros morrem envenenados, segundo o jornal DIARIO DA TARDE.<sup>30</sup>

*Já há algum tempo perambulava pelas adjacências o individuo José Tavares de Luz afamado 'cirurgião' que tem preparado aos moradores doentes dali, 'mesinhas' de effeitos contraproducentes, pois as muitas pessoas, que ingeriam taes panacéas, ficavam aparvalhas, das outras paralyticas (...) O curandeiro Tavares de Luz forneceu uma garrafa de litro, cheia de cachaça, tendo em infusão-alho, açafão e varias raizes (...)*

<sup>29</sup> DIARIO DA TARDE, Curitiba, 04/07/1901.p. 02.

<sup>30</sup> DIARIO DA TARDE, Curitiba, 27/03/1912.p. 01.

Também encontramos o relato (DIARIO DA TARDE, 10/10/1907, p. 1), de que na rua Silva Jardim, o velho curandeiro Pascoal Escosito atende e subministra remédios e beberagens feitos por ele mesmo (ver figura nº. 17). Um sapateiro de nome Luiz de Vaeanis que residia na rua de S. Francisco, N. 18. Foi atendido por esse curandeiro e que,

*(...) sentiu um torpor invencível foi pouco a pouco se alastrando por todo seu corpo, e dores intensas e passageiras allucinações deixaram incapaz do menor esforço, a energia exgotada, a razão quase a se apagar (...) Mas um momento de lucidez permitiu ao pobre homem visse o abysmo para o qual se arrastava a sua credulidade. Em um anseio forte de sarar, de não consentir que detinbasse o seu organismo robusto de trabalhador, fez com que elle procurasse um remédio, que combateu vantajosamente as consequências perniciosas das drogas ingeridas (...)*

## Magia

Nesta capital — Na rua Silva  
Jardim — Remedios que  
envenenam.

Chegou até nós a noticia de que um pobre trabalhador, victima de drogas preparadas por velho curandeiro, pagava duramente sua credulidade, preso ao leito por mal desconhecido e que o torturava atrocmente.

Indagamos do facto.

O caso era simples: infeliz sapateiro, credulo e ignorante, sentindo-se enfermo, recorreu a um curandeiro que lhe aconselhou ingerisso medicamentos do seu preparo.

O doente, confiante nos bons resultados desses medicamentos, seguiu esrupulosamente as prescripções do improvisado medico.

Nos dois primeiros dias, nada sentio de anormal; do terceiro dia em diante, porem, um torpor invencível foi pouco a pouco se alastrando por todo



Em conjunto, o Curandeirismo praticado pelos curadores, pelos ervanários, feiticeiros, benzedoras, rezadores e outros, apresentou-se -como já foi mencionado anteriormente- como um misto de conhecimentos e técnicas de base empírica, rituais e religiosas. De acordo com as fontes pesquisadas, o curandeiro de Curitiba do início do século era um empírico, um prático na maioria das vezes. Porém, também existiam os curandeiros letrados que tiveram a seu alcance, algumas noções da ciência médica, muitas vezes aprendidas de outrem ou da própria leitura de alguns livros e manuais que chegavam na cidade. Quase todas estas obras foram difundidas no Brasil e em Portugal desde o século XVIII. A seguir uma relação de algumas publicações mais difundidas, segundo SANTOS FILHO, L. (1991:349):

*Luz da Medicina prática, racional e metódica, guia de enfermeiros, dividida em três partes*, Lisboa por Henrique Valente de Oliveira, 1664 (teve varias edições até 1753). (...) de Francisco de Oliveira 'Diretório de principiantes e sumario de remédios para acudir e remediar os achaques do corpo humano' de 1753. (...), 'Medicina Lucitana: Socorro Dêlfico aos clamores da natureza humana para total proliferação de seus males' Amsterdã de Miguel Diaz, 1710 (com edições até 1750), (...) de Duarte Madeira Arrais 'Âncora Medicinal para conservar a vida com saúde', Lisboa, 1721 (edições de 1731, 1749, 1754), (...) 'Castelo Forte contra todas as enfermidades que perseguem o corpo humano, e tesouro admirável, onde se acharão os remédios para elas', Lisboa, de João Correia em 1726, (...) 'Tratado da conservação da Saúde dos Povos: obra útil e necessária aos magistrados, capitães-generais, capitães-de-mar-e-guerra, prelados, abadessas, médicos e pais-de-familias', de Antônio Nunes Ribeiro S. de 1757, Lisboa, (...) 'Medicina doméstica ou tratado de prevenir e curar as enfermidades, com o regimento e medicamentos simples' versão em português de Manuel Joaquim Henriques de Paiva de 1788, 4 tomos (...) 'Dicionário de Medicina Popular' do Dr. Chernoviz (...).

## MAGIA NATURAL

† SUN.: e Hierephante (Dr. Magnus Söndhal)

Grande Tratado de todos os Phenomenos Naturaes, explicando racionalmente a Causa da Vida, a origem dos Seres, a Syngeneze ou phenomeno primordial da Vida Universal, os phenomenos do Lboma, Calor, Energia, Electricidade, Magnetismo, Combustão, Luz e Radio-Actividade, o ambiente dos phenomenos phisicos ou espiritalistas, o valor relativo da Magia Negra e Branca dos Antigos, das preces e praticas religiosas—o alcance da sua magia e os seus phenomenos retroativos; da Suggestão, Magnetismo Hypnotismo etc., do Corpo e do Espirito, da divisão das faculdades cerebraes, do Egoismo, Altruismo e Simpatia, do Amor, da Eternidade, da Physiologia, da Orthologia, e infinitude de outros importantissimos assumptos.

Encontra-se á venda na Bahia; 100000 cada exemplar e mais 500 para registro. Dirigir-se á Missão de Medeiros, Secretaria da Universidade Orthologica, rua do Corpo Santo, 59 —Caixa Postal 72—Bahia.

Para encomendas dirigir-se á Luis da Silva Bastos, rua Lamecha Lins 6—Curitiba,— que encarega-se de remetter as importancias para a compra dessa obra.

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 27/02/1912, p. 3

Figura n. 18 (Publicação de um Tratado sobre Medicina Popular *Magia Natural*, da autoria de Dr. Magnus Söndhal)

### 3.2.2 Benzeduras, Orações e Palavras Cabalísticas

As benzeduras eram geralmente mulheres e as agentes mais populares. No caso de Curitiba, a maior parte das benzeduras pertenceu ao catolicismo; e eram em sua maioria descendentes de imigrantes europeus (principalmente italianas). Sua permanência social e cultural é bem remota como nos afirma Laura de Mello SOUZA (1986:184):

*(...) nos tempos coloniais, a documentação fala muito pouco das benzeduras. Fica difícil dizer se realmente eram escassas ou se a inquisição (...) se importava pouco com elas. Como o hábito de benzer perdura ainda hoje entre nós, a segunda hipótese parece ser a mais provável (...) uma longa tradição, portanto, justificava seus atos e diminuía sua culpa.*

A benzedura era uma mistura de rezadeira, conselheira e curandeira. A sua prática médica mágico-religiosa mais usada era a chamada 'simpatia'. A 'simpatia' segundo OLIVEIRA, Elda (1983) consiste no processo mágico na qual o efeito era semelhante à causa que o produziu. Geralmente essa causa ou essa origem era de ordem sobrenatural ou como preferimos chamar de mágico-religiosa.

Portanto, o processo médico-mágico-religioso da 'simpatia' utilizado pelas benzeduras e curandeiras, estava baseado na 'lei da similaridade' da magia imitativa.<sup>31</sup> A magia imitativa definida por Frazer, seria o tipo de magia pela qual o praticante, por imitação, pensa produzir o efeito desejado. Ele põe em relação às imagens dos fenômenos semelhantes, que são considerados capazes de influir sobre o outro.<sup>32</sup>

O ritual médico e mágico das benzeduras então seria, a aplicação da lei chamada por MONTEIRO (1990: 28) de lei do semelhante. O semelhante evoca e/ou age sobre o semelhante, e particularmente cura o semelhante.

Mesmo não aparecendo com muita frequência avisos, artigos e comentários acerca das benzeduras em Curitiba entre os anos 1899-1912, temos alguns exemplos interessantes como o seguinte:

*Curitiba tem, às vezes destas notas em que o diabolismo aparece com as suas garras misteriosas, envolvendo um rol de acontecimentos.*

<sup>31</sup> MONTEIRO, Paula. *Magia e Pensamento mágico*. São Paulo: Ed. Atica, 1990.

<sup>32</sup> MONTEIRO, Paula. Op.cit. p.22

*Ora é a paixão que leva ao suicídio, ora a perversidade conduzindo ao assassinato, ora a ladroeira, a desordem, a pancadaria, a bebedeira, que levam à casa azul da rua Floriano.*

*Temos hoje conhecimento de um facto, que si não for uma feitiçaria da preta, então é uma comedia das mais notavelmente desempenhadas.*

*A magia branca e negra, que é um ramo scientifico do occultismo, tem o seu desenvolvimento entre a classe inferior de todas as populações (...)*

*(...) Hontem a noite Eliza chamou Lydia para ler uma carta que dizia haver recebido. Esta attendeu sua visinha. Como porem demorasse a voltar, Izabel foi à procura de sua filha, encontrando fechada à casa de Elisa.*

*Ouvindo sinal de dentro, na parede da casa, forçou um aperta indo encontrar a Lydia a um canto inteiramente muda. Apesar de muitos remédios e benzeduras, vendo a Izabel que sua filha não recuperava a fala foi hoje ao meio dia ao posto policial dar queixa a autoridade. (...) finalmente a mãe desta disse a ella declarante que Lydia estava muda devido as feitiçarias feita pela declarante.<sup>33</sup>*

Outro tipo de prática mágico-religiosa de curandeiros e curandeiras em Curitiba foram as Orações. O também chamado Rezador, destacou-se pelo poder de suas orações e rezas. Era servido por uma poderosa força de sugestão, favorecida pelo respeito e fé que sabia infundir no paciente. Eduardo CAMPOS (1955:33) relatou a respeito de rezadores que se tornaram famosos, pelas próprias orações e práticas mágicas com que trataram as enfermidades que muitas vezes acometeram até nos animais. Por exemplo, para curar uma rês que tinha desaparecido de seu curral e estava perdida na caatinga, o rezador-curandeiro era capaz de ‘curar pelo rastro’. O sertanejo depois contou para os outros que os ‘bichos’ caíram no chão no dia após da reza.

No ano de 1899 em Curitiba, apareceu o caso de uma ‘Feiticeira’ e/ou Curandeira chamada Deolinda. Ela utilizava como técnica na sua arte de curar, a reza, como relata no texto:

*(...) Deolinda mostrou vários papeis ao sr. Commissario de policia dizendo que eram ‘rezas virtuosas’ e offereceu-lhe uma, fazendo a seguinte ponderação:*

*-Se quiser dou-lhe esta reza. Traga sempre comsigo que estará livre de ser attingido por bala, ou por qualquer arma de que por ventura contra o sr. possa uzar qualquer malféitor.*

*O sr. commissario agradeceu a offerta que não aceitou e retirou-se dalli um pouco apprehensivo (...)<sup>34</sup>*

<sup>33</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 06/12/1905. p. 02.

<sup>34</sup> DIARIO DA TARDE, Curitiba, 24/05/1899. p. 02.

Um outro caso interessante, diferente assim como também muito utilizado por alguns curandeiros até na atualidade era o de curar mediante a devoção de santos e imagens religiosas tradicionalmente católicas. O dia 14 de fevereiro de 1900 aparece no *Diário* a notícia de uma ‘velha devota de cor morena’ que anda esmolando pela cidade com uma bandeja com a imagem Santo Antônio e de São Benedito. Sobre a proteção deles, a velha senhora receitava remédios que lhe eram inspirados por estes santos. (Foi utilizado este relato diretamente do original, como exemplo de uma curandeira com origem africana no subcapítulo *Influência do Africano*). Seguem alguns parágrafos do texto:

#### NOVA FEITICEIRA

*(...) tem por habito andar esmolando com uma bandeja, no centro da qual traz sempre, de pé, a imagem de um santinho. Esta imagem representa o santo para o qual a mulher solicita a esmola e é geralmente, ou a de S. Antonio, ou a de S. Bededicto. de porta em porta vai assim a mulher ‘arranjando’ a vida, sob a protecção dos santinhos. Até ahi, porem, nada existe de novo. E as pessoas que tem palestrado com a velha, talvez so admirem agora ao saber que se trata, não de uma devota, mas de uma feiticeira. Tem por habito a mulher procurar as donas de casa para conversar. Indagando o que vai se passando debaixo do seu tecto, pois para ‘todos os males tem remedios’ que lhe são inspirados pelos santos a que se há dedicado (...).*

Para reforçar o caráter mágico e supersticioso da mulher, o jornalista descreveu a casa e seus objetos ‘estranhos’:

*(...) Dizem-nos que a sua casa é um verdadeiro museu alchimico tal a quantidade de objetos exquisitos com os quaes convive e aos quaes empresta qualidades mysteriosas.*

*A velha pedinte está sendo atualmente procurada por pessoas ignorantes que dão ouvidos á suas ‘conversas’. Antes porém que estas possam ir adeante será bom que a policia procure tirar os feitiços á velha devota.*

As palavras cabalísticas<sup>35</sup>, eram também um recurso terapêutico importante usado pelos curandeiros e feiticeiras de Curitiba. Elas acompanhavam ‘simpatias’, ‘encantos’, ‘bruxarias’, ‘poções’ ou ‘beberagens’ e todas as técnicas utilizadas por estes praticantes da medicina popular. No próprio *Diário da Tarde* diziam a respeito: *(...) todos sabem que Marcellus Empiricus, de Bazas, proclamava a virtude theurapeutica das palavras mágicas, e que*

<sup>35</sup> Vem da palavra CABALA. É um tratado filosófico-religioso da religião popular hebraica. O conteúdo desses tratados, particularmente, a decifração de um sentido secreto do simbolismo dos números e das letras. In: FERREIRA (1975). Op. Cit. *Pensamento Mágico*.

*Paracelso não receiava afirmar: as palavras têm, às vezes, virtudes iguaes á de certas plantas. (...)*

36

Então, o interesse crescente na cidade pelas 'bruxarias' e as 'palavras mágicas' com poder de curar, fizeram com que novas notícias de curandeiras e Feiticeiras como a 'Ana Formiga' e 'Lucinda', fossem bastante documentadas e freqüentes no *Diário*. Vejamos um exemplo diretamente da fonte:

<p><b>ANNA FORMIGAS</b></p> <p><b>Novas feitigarias</b></p> <p>Na rua Treze de Maio numero 3 mora Maria Honoria em companhia de uma filha.</p> <p>Hontem ao ir abrir a porta da rua de sua residencia encontrou no corredor, collocados por um vão da mesma porta, os seguintes objectos: um pires com sal, uma trança de cabellos sobre a qual estava enfiada uma agulha velha; pelo chão estava espalhado um liquido oleoso.</p> <p>Maria Honoria espantada ante o que acabava de encontrar correu á vizinhança afim de perguntar o que poderia aquillo tudo significar.</p> <p>Os moradores da vizinhança correram até a casa de Honoria e do labio de todos brotou esta phrase:</p>	<p>—Um feitiço! Artes de Anna Formigas!</p> <p>Examinada a casa foi encontrado n'uma janella do lado esquerdo e por d'entro da vidraça um reis de fumo e diversos allinetes amarrados em linha preta e branca.</p> <p>No numero 5 da mesma rua foram tambem encontradas outras feitigarias.</p> <p>Junto dessas casas residia Anna Formigas, cajas «artes» já tem sido contadas varias vezes pelo «Diario».</p> <p>E' possivel que a feiticeira isso fizesse para vingar-se da pancadaria com que ha dias foi corrida de casa aos gritos de:</p> <p>«E' Anna Formiga a feiticeira! a mulher do dedo humano secco!»</p> <p>Seja como fôr, é caso da policia pôr termo aos «prodigios» dessa mulher.</p>
---	--

**DIARIO DA TARDE, Curitiba, 06/07/1899, p. 2**

**Figura nº. 19**

<sup>36</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 22/05/1899. p. 02.

No ano de 1899 o DIARIO DA TARDE publicou o caso da feiticeira Lucinda' (22/05/1899). O mesmo teve uma repercussão interessante nos leitores, já que era uma história acompanhada de pesquisas relativas à bruxaria e feitiçaria e ao mesmo tempo davam seguimento a este caso em particular:

*Como dissemos em números anteriores do Diário da Tarde a feiticeira Lucinda que este é seu nome e não Luciana, como temos publicado, declara à policia que não pratica scenas de feitiço mas apenas cura 'molestias contagiosas e de mau olhado'. Dizem-nos que essa mulher que já está sendo olhada com certo receio pela vizinhança é victima de especulação de alguém que della se serve para pratica de certos feitiços, aos quaes está relacionada uma COMEDIA AMOROSA (o destaque é do próprio jornal). (...)*

*Não poucas são as pessoas que tem procurado a feiticeira Lucinda, já para por seu intermédio apaixonar o coração de terceiros, já para levar a desgraça e infortúnio á outros lares. – O besouro e o dedo humano secco 'tem virtudes e produzem milagres quando são tocados, bensidos ou collocados juntos do fogão', quando a estes actos acompanha a feiticeira com certas palavras de 'seu segredo', -disseram-nos terem ouvido della.(...)*

*A pratica singular de certas bruxarias vem desde o tempo do paganismo e foi olhada com muita devoção entre os druidas. Tem esta pratica atravessado os séculos como a nota de uma respeitosa tradição. E'este um dos motivos porque o apparecimento de bruxas, ou feiticeiras enchem de espanto as almas crentes, e é esta crença que leva, momento á momento, diversas pessoas a consultar a feiticeira Lucinda sobre as moléstias que sentem.*

*Devido às noticias do 'Diario' recuza-se agora a feiticeira a ouvir os seus clientes e bom será que assim seja em quanto haja pessoas que acreditem nos seus feitiços e nas suas curas.*

Do dia 25/05/1899 também no DIARIO DA TARDE uma notícia referente á mesma 'feiticeira' Lucinda e as seus medicamentos e palavras mágicas:

#### *O caso da Feiticeira: Medicamentos*

*(...) Diante das revelações que nos foram feitas, pareceu-nos que nos achávamos em séculos atrasados, onde a alchimia, as hervas e as palavras cabalísticas estavam em pleno uso e florescência. E' assim que nos affirma pessoa que foi consultar á mulher, ter ouvido d'esta o seguinte: 'queimando umas pétalas de rosa murcha e tomando depois as suas cinzas, misturese-as com um xarope espesso de água e assucar e dizendo:- isto é mel rozado dos pharmaceuticos, beba.'*

*Declarou então a feiticeira que é isso quanto basta para produzir o 'encanto', isto é a cura.*

*Para fazer um coração apaixonar-se 'por qualquer pessoa' basta, segundo Lucinda, atirar ao fogão um punhado de sal, e, enquanto este estala, pronunciar pensando no coração que se quer apaixonar, as palavras cabalísticas: - 'abbá-gott-bitto-bleu'.*

*Acrecentou, porém, que para o facto produzir resultado, necessita o consultante guardar a respeito o maior segredo.*

*Acreditamos ser essa mulher vítima de especulações de terceiros, que servem-se de seus 'mysterios' para não poucas patifarias, como demonstra a phrase já usada pelo 'Diario' de COMEDIA AMOROSA. (...).*

### **3.2.3 Outras práticas de cura de tipo mágico-religioso relacionadas ao Curandeirismo**

#### **3.2.3.1 Curandeirismo/Espiritismo**

Em 1899, Luiza de Moraes, apelidada de 'curandeira', curava pela invocação de espíritos. A forma mais empregada por ela era colocando as mãos sobre uma mesa e ditar o diagnóstico e os medicamentos que deveriam ser utilizados, pelas pancadas recebidas.<sup>38</sup> As práticas podem ter sido influenciadas pelo fenômeno das mesas girantes na Europa do século XIX que deu origem ao Espiritismo.<sup>39</sup> A receita e os medicamentos utilizados neste tipo de atividades eram como os que citam os repórteres no mesmo artigo do dia 29/12/1899: (...) cinza, pó de osso, ervas secas, etc.

O Espiritismo desde seus inícios e até o dia de hoje é relacionado às coisas supersticiosas, à bruxaria e/ou feitiçaria e também ao curandeirismo de forma geral (Ver Figura nº. 20).

Era um tema bastante debatido nos jornais como constatados nesta pesquisa. No ano de 1907 o '*Diário*' tinha uma coluna fixa chamada de *A Doutrina Espirita e o fanatismo dos seus aderentes e adversários*. Devido a este foro aberto com a comunidade em geral, publicaram-se numerosas reportagens e notícias sobre o assunto. Alguns com tom de graça e preconceito e outros com tom de cientificidade e academicismo. Como por exemplo apareceu no DIARIO DA TARDE (08/10/1907): *O espiritismo tem hoje a direcção incontestável no terreno das idéias mysticas, e por esse motivo ele pode contar antecipadamente com a sympathia e os interesses geraes.*

No dia 05/10/1907 publicou-se outro texto com o título *a doutrina espirita...*

<sup>38</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 29/12/1899. p. 02

<sup>39</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba 10/10/1907. p.01



e serviu de forma explicativa e histórica da doutrina:

*(...) a doutrina se limita exclusivamente na afirmação, que no homem além do Eu visível e corporal existe ainda um Eu ethereo o psychico, um corpo siderico, diz Paracelso, corpo este que já durante a vida pode se manifestar e se separar temporariamente do corpo, não sendo surpreendido pela morte, mas sim continuando a viver como ser espiritual infinito e consciente depois da decadencia do corpo.(...)*<sup>40</sup>

Um outro parágrafo interessante no mesmo texto referiu-se ao caráter místico e misterioso deste tipo de práticas e doutrina, assim como sua relação direta com os fatos de feitiçaria.

*(...) Mormente, por serem mysticos e transcendentos e por parecerem contrariar a Sciencia official, o Espiritismo sonda alegremente esses factos suppostos. O espiritismo, por exemplo, afirma a realidade da feitiçaria e bruxaria, como vemos no livro 'Enigmas do Homem' por Du Prel (...) onde diz, Este (o effeito mágico do arbitrio) pode-se considerar como magica negra, identifico com feitiçaria e bruxaria.(...)*<sup>41</sup>

Ao mesmo tempo em que estes artigos e matérias davam uma legitimidade e popularidade aos fatos ligados ao espiritismo, bruxaria e feitiçaria, também tinham a função contraditória, da imagem e representação negativa dos que a praticavam. No dia 06/10/1907 do DIARIO DA TARDE publicou:

*Taes doutrinas, si fossem verdades fortificariam o elemento mystico, que o espiritismo, sobretudo no combate com a sciencia pretende ter reconhecido – isso já basta, para tornar-lo sympatico e para manda-lo quebrar uma lança pela verdade de taes doutrinas. O empenho fanático e sem critica a favor de qualquer facto mystico prejudica muito ao Espiritismo desacreditando o seu character scientifico- e isso tanto mais, quanto muitas vezes o Espiritismo deixa se apaxionar a defender causas e afirmações, que elle mesmo não pode explicar por theoria mystica alguma, nem de torna-las comprehensíveis logicamente.(...).*

<sup>40</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 05/10/1907. p.01.

<sup>41</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p. 01.

## Caso de espiritismo

Para os la dos do quartel do 13 mudou-se ha pouco tempo a mulher Luiza de Moraes que tem por costume fazer curas. O meio empregado pela mulher consiste na invocação de espiritos o que faz collocando as mãos sobre uma meza e ditando os remedios segundo as pancadas que tira da mesma meza.

Este é o systema adoptado pelos «mediu»s. Nada diriamos se os remedios fossem da natureza desses que por ali geralmente se distribuem e que são inoffensivos. Mas a verdade é que as curas em questão são alcançadas em virtude de medicamentos preparados com innumeras bruxarias taes como cinza, pó de osso, hervas secas, etc.

Ainda no domingo ultimo foi á casa de Luiza de Moraes uma senhora levando uma creança de 4 annos que estava doente e tal foram os medicamentos «receitados» que teve á noite a creança colicas terriveis a ponto de ficar em perigo de vida. Teve então a senhora a ideia de correr a uma pharmacia, conseguindo assim salvar a vida á innocentinha a quem a sua imprevidencia quasi matara.

Que lhe aproveite a lição,

DIÁRIO DA TARDE, Curitiba, 29/12/1899, P. 2

Figura nº. 20

### 3.2.3.2 Curandeirismo/Objetos e Fetiches de caráter mágico

No ano de 1907, quando houve polêmicas e intensos debates acerca do Espiritismo, de magia e bruxaria; foi publicada a notícia de um sapateiro, que após ingerir estranhos medicamentos de um curandeiro, sofreu fortes alucinações. Os repórteres do *Diário da Tarde* acompanharam o caso, se dirigiam à casa do praticante, pela qual percorreram o seu interior e descreveram:

*(...) chamou-nos logo a atenção um pequeno sino, colocado atrás da porta entre flechas, rabos de tatu, paus de forma pontiaguda, triângulos de aço e outros objetos esquisitos”*

*(...) de um lado, oratórios de reduzidas proporções, rodeados de numerosas gravuras de santos, de soberanos e de personagens italianos em evidencia; de outro lado sobre uma mesa antiga, e simetricamente dispostos, numerosos frascos contendo líquidos de cores diversas<sup>42</sup>*

Tratava-se da casa do curandeiro Pascoal Escosito, (curandeiro já mencionado em item anterior) natural da região do Término, na Itália. Sua preocupação com objetos e utensílios de caráter mágico nas paredes e porta da casa, era uma pratica muito utilizada entre os camponeses da Europa (FERREIRA, J.:s/d). Usavam objetos nos telhados, paredes, e principalmente portas, entre os quais, chifres, cruzes, ferraduras, triângulos e sinos. Destinavam-se a proteger a casa de influências maléficas externas, o chamados mau-olhado<sup>43</sup> e outro feitiços.

Este interessante personagem da Curitiba de 1907, Pascoal Escosito (humilde sapateiro já mencionado em outro exemplo) nasceu em 1834, e aos 13 anos foi iniciado ‘nos mistérios da magia’ e desde então se dedicava: *(...) ao tratamento dos males do corpo e da alma – para estas, simples benzimentos que afastavam o tnhoso, para aqueles, remédios elaborados de acordo a receitas que possuía. Atendia todos os dias da semana, menos quartas e sextas, que dedicava às comunicações com os seus ‘genios protetores’ (...)*<sup>44</sup>

<sup>42</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p.01

<sup>43</sup> É a qualidade mágica que se atribui a certas pessoas de causarem desgraças e mal aquelas para que olham. In: CASCUDO (s/d) no *Dicionário do folclore brasileiro*. Do ‘mau-olhado’ diz o *Diário da Tarde* do dia 05/06/1903, que esta é uma “superstição em quase todos os povos. No Hindostão os europeus lhe chamam toqueildade, a esse pretendido privilegio que tem certos indios de modificar a natureza dos objetos em que fixam o olhar.(...)”.

<sup>44</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p.01.

Ainda no interior da habitação do curandeiro, o repórter do *Diário* descreve mais objetos raros encontrados: (...) *enorme série de agulhas de todos os feitios e tamanhos, atravessando os objetos mais esquisitos (...) ali, espelhos quebrados, ossos, cacos e penas negras*<sup>45</sup>

Objetos e fetiches foram sempre associados às curas de tipo mágico-religiosa. Estes objetos-fetiches aos quais se atribui “culturalmente” uma carga de “poder”, de energia, de significado simbólico. Eram representações simbólicas tangíveis que possuem funções mágicas-curativas, lembrando sempre que a cura da qual se refere tanto biológica como psíquica, assim como econômica, social e até política. Qualquer que seja o objeto enfeitiçado –como penas, animais secos, galinhas, abutres, cabras e as mais variadas ervas medicinais- e a razão pela qual se enfeitiça é que cada um desses objetos tem em comum com os demais, a carga simbólica que se coloca nele e que é manifesta por algum tipo de poder, seja graças a sua própria natureza, seja graças a alguma pessoa que detém esse poder.

### 3.2.3.3 Curanderismo/Fluidos Magnéticos

Outro Curandeiro que surgiu nas notícias do *Diário* em 1903, também utilizava técnicas mágicas na sua arte de curar. Este vinha da cidade de Lapa, permanecendo três dias da semana em Curitiba num consultório na rua São José (na atual rua Mal. Floriano). Cegos, paráliticos e pessoas com diferentes problemas de saúde dirigiam-se à casa do curandeiro chamado Sebastião Mariano da Silva. Casado de 43 anos, homem de cor e o mesmo não utilizava nenhum tipo de medicamento, ervas ou beberagens. Apenas: (...) *passava a mão sobre a parte combalida e afirmam muitas pessoas, apenas com fluido conseguia curar o enfermo*<sup>46</sup>

Ao realizar a cura, diziam os seus pacientes que perdiam enorme quantidade de suor. O Sebastião declarava a seus pacientes, que Deus é que curava as suas moléstias,

<sup>45</sup> DIÁRIO DA TARDE. Op. Cit. p. 01.

<sup>46</sup> DIÁRIO DA TARDE. Curitiba. 01/10/1903. p. 01.

através das rezas que proferia ao aplicar os 'passes': (...) *supõe que deva à força magnética que possua a um poder sobrenatural*<sup>47</sup>

O caso deste curandeiro foi bem documentado pelo jornal estudado e todo dia aparecia alguma notícia ou matéria sobre ele, com o título de *Curandeiro famoso: curas maravilhosas*. No dia 02 de Outubro de 1903, o *Diário* cumpria a promessa aos seus leitores de dar mais pormenores sobre o famoso curandeiro Sebastião que tanto preocupava a atenção da população curitibana.

*(...) Realmente, este homem de côr, tem feito uma verdadeira romaria dirigir-se à rua S. José, tal a fama de suas curas por meio de fluidos magnéticos. Desde as 6 horas da manhã até avançada hora da noite, a casa onde está elle hospedado conservase completamente cheio de enfermos. E' uma azafama sem conta; (...) E' um verdadeiro rosário do povo.*<sup>48</sup>

Diferentes e numerosos depoimentos de pacientes com diversos problemas, todos insistiam em afirmar a eficiência da técnica usada pelo curandeiro. Eram pessoas cegas, paralíticas, fracas de pernas, etc... como segue no exemplo:

*(...) A jovem Julia Muron, residente na rua Silva Jardim, n. 68, soffria há anno e meio de uma doença nas pernas que não lhe permittia andar senão apoiada em outra pessoa. Arrimada no braço de sua irmã andando com os pés arrastrados, Julia foi consultar o curandero.*

*Este concentrou toda a sua força magnética sobre a parte enferma e depois de algum tempo, disse resolutamente para a jovem: -Ande sosinha.*

*Ella teve receio de cahir, mas qual não foi o seu espanto quando caminhou firmemente.*

*A irmã começou então a chorar de alegria, tão grande foi a emoção que recebeu.*  
*(...)*

*Outra cura alcançou Sebastião na pessoa da mulher de Adriano Joaquim da Silva, servente da repartição dos Correios. A esposa do Sr. Adriano há dous annos estava no fundo de uma cama, soffrendo de paralysis.*

*Sebastião tem deixado-a muito melhor, pois já conseguiu faze-la andar.*

*O mesmo resultado colheu o homem com a sogra do sr. Gustavo Hintz, a qual soffria dores horriveis de pertinaz enfermidade, pois cessaram as dores depois das correntes magnéticas.*

*Ângelo Casagrande, morador à rua Floriano Peixoto, que soffria desde creança de inflamação dos olhos, está quase restabelecido.*

*Joaquim de Souza Oliveira Junior, de 16 annos de idade, recebeu quando jantava um golpe de ar, ficando com a bocca torta e os braços deformados.(...) Sebastião calmo, cheio de confiança, exclamou: - Não tenham medo, que não há de ser*

<sup>47</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p. 01.

<sup>48</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. P. 01-02.

*nada... E pegando do chão o menino que contorcia-se, fez uma fricção com as mãos e pouco depois o enfermo achava-se muito melhor, sarando no dia seguinte. Uma criança ainda de peito, que tinha os pés tortos, foi curada. A' noite de ante-hontem Sebastião descançava da sua labuta quando apareceu-lhe uma mulher andrajosa com os olhos cobertos por um panno preto: era quase cega (...)<sup>49</sup>*

Esta prática de curar através de processos de fluidos-magnéticos era muito usada neste período, influenciada pelo Mesmerismo<sup>50</sup>, corrente defendida e assumida pelo Espiritismo, e que ao mesmo tempo era combatida pelo Ocultismo<sup>51</sup>. Na Europa, o espírita Leon Denis afirmava a respeito no início do século XX:

*(...) a ação dos fluidos sobre o corpo humano é considerável (...) com o seu auxilio se podem aliviar os sofrimentos mais cruéis (...) os fluidos (...) penetram os organismos debilitados e suas moléculas benéficas, substituindo as que estão doentes, restituem gradualmente a saúde aos enfermos, o vigor aos valetudinários*<sup>52</sup>

Na corrente ocultista a opinião era diferente, para isso o curitibano Dario VELLOZO (1900:65) comenta a respeito no seu texto *Ocultismo no Paraná* publicado na Revista *Esfinge*: *(...) o grande agente mágico é o fluido astral, é o magnetista natural ou humano (...) empregado para o bem (...) e para o mal, é a grande força oculta da Grécia (...) os ritos são meios práticos de auto-magnetismo.*

Em outro texto de VELLOZO (1900:53) intitulado *Magia negra e Alta Magia* também publicado na Revista *Esfinge* ele afirmou o seguinte sobre o assunto: *(...) o bruxo eletrifica-se e projeta o fluido magnético, envenenado de malefícios.*

No ano de 1912, no *Diário* pesquisado começa aparecer um *Dr. Pallini* que também cura mediante os ditos '*passes magnéticos*'. É muito interessante notar como através dos anos o mesmo procedimento pode ser visto de diversas formas. Nos primeiros anos do século XX. O fenômeno era visto e entendido como curandeirismo, feitiçaria, ocultismo e até superstição. Já com o surgimento da Universidade Federal do Paraná e a

<sup>49</sup> DIÁRIO DA TARDE. Op. Cit. 01-02.

<sup>50</sup> Doutrina de Franz Mesmer (1733-1815) segundo o qual todo ser vivo seria dotado de um fluido magnético capaz de se transmitir a outros indivíduos, estabelecendo-se assim, influências psicossomáticas recíprocas, inclusive de efeitos curativos. In Aurélio B. FERREIRA (1975).

<sup>51</sup> O ocultismo é a ciência dos fenômenos que não podem ser explicados pelas leis naturais. As artes adivinatórias, o hermetismo, o esoterismo e outros. In: DICIONÁRIO DE CIENCIAS OCULTAS (1973).

<sup>52</sup> DENIS, Leon. "Depois da morte". Rio de Janeiro: FEB, s/d. p. 157

Faculdade Medicina, entre outras, este tipo de prática passou a ser visto e entendido diferente. Os praticantes se valiam do título de ‘Dr’ para dar mais ênfase à cientificidade e seriedade de sua arte. Notório também foi, identificar uma numerosa quantidade de repostas chamadas de “atestados”, feitos por pacientes curados por este *Doutor* ou curandeiro (Ver também figura nº. 21) .Alguns exemplos foram aqui identificados:

*Dr. Pallini*

*Venho tornar publico o bem que me fez o humanitário dr. Pallini, pedindo-lhe ao mesmo tempo desculpas porque sei que vou offender a sua reconhecida modéstia. Soffria há mais de vinte annos de uma moléstia julgada incurável, tendo feito uso de innumeros preparados para sem alcançar nenhum resultado e agora graças a Deus, me acho completamente curada com oito applicações de passes magnéticos feitas pelo generoso dr. Pallini. (...)*

*Maria Franez. Rua América<sup>53</sup>*

Eram variados os problemas que podia curar o ‘Dr. Pallini’, e todos seus pacientes faziam questão de atestar o seu reconhecimento pelo seu trabalho.

*Attesto para os devidos fins, que o Dr. Pallini com o seu especial tratamento magnético, durante 7 dias me deixou curado radicalmente de umas fortes dores de espinha e nos rins, que vinha soffrendo há longo tempo. Passo este attestado voluntariamente, para mostrar assim o resultado que obtive quando em momento feliz consultei o ilustre cientista.*

*Chanroski, Rua da Misericórdia<sup>54</sup>*

Curiosamente em 4 de outubro de 1912 apareceu uma notícia de reclamação de um cidadão contra o ‘Dr. Pallini’, e chamou ele de charlatão:

*(...) Hontem, lendo o querido ‘Diario’ se me deparou uma reclamação feita, por um senhor, contra o ‘dr. Pallini’, actualmente annunciado, no Grande Hotel, curas maravilhosas, por meio de forças magnéticas. Meditando sobre esse caso cheguei á conclusão de que o illustre diplomado em sciencias occultas, é um refinadissimo charlatão. (...)*  
*(...) Será algum processo moderno de medicina, ou moderno modo de vida, assim explorando a credulidade do povo?.*

Contestando indignado, o ‘Dr Pallini’ se dirige ao publico:

<sup>53</sup> DIARIO DA TARDE, Curitiba. 03/10/1912. p. 04.

<sup>54</sup> DIARIO DA TARDE, Curitiba, 03/10/1912. p. 05.

*Quanto injusta é a humanidade! Com quanta abnegação e sacrificio attendo a tantos doentes, diariamente com grande solicitude e com carinho para que assim alguns desagradecidos falem mal de mim. (...) É sacrificio terríveis porque eu estou perdendo de dar espectaculos em outros lugares que são os que me produzem verdadeiramente resultado pecuniário.*

*Se continuar, fazendo-me mal, irei-me embora com isto se terminará este assumpto por demais pesaroso para mim e em prejuizo dos doentes que me amam e veneram. (...)*

Dr. Pallini<sup>55</sup>

## SECCÃO ALHEIA

### Doutor Pallini!

Eu abaixo assignada attesto que soffrendo ha dois annos de forte reumathismo, com 15 consultas que fiz ao dr. Pallini, me deixou radicalmente curada.

Passei este attestado voluntariamente para demonstrar assim o grande resultado que obtive com o seu especial tratamento magnetico.

Coritiba, 4 de outubro de 1912.

Josephia Saszynska.

Rua 13 de maio

(3 v.)

## Ilmo Sr. Dr. Pallini

Attesto que soffrendo ha annos do systema nervoso, bem como minha mulher de dispepsia, em boa hora consultamos o dr. Pallini, que apenas com oito passes magneticos, feito pelo illustre scientista, colhemos optimos resultados.

Gratissimos por tão alto beneficio, faremos votos para que se prolongue a existencia desse benefactor da humanidade soffredora.

— Leopoldo Carneiro da Fonseca.  
Campo Magro.

## Dr. Pallini

Venho tornar publico o bem que me fez o humanitario dr. Pallini, pedindo-lhe ao mesmo tempo desculpas porque sei que vou offender a sua reconhecida modestia.

Soffria ha mais de vinte annos de uma molestia julgada incuravel, tendo feito uso de innumerous preparados sem alcançar nenhum resultado e agora graças á Deus, me acho completamente curada com oito applicações de passes magneticos feitas pelo generoso dr. Pallini. Esse bondoso senhor, altamente respeitador e que trata a todos com distincção quer seja pobre ou rico, merece de minha parte um eterno reconhecimento pelo beneficio, mais que beneficio, pela felicidade que me proporcionou, dando-me a saúde que me faltava. Que Deus conceda-lhe sempre esse dom prodigioso, em beneficio da humanidade, de curar os enfermos que precisam da saúde para lutar pela vida.

DIARIO DA TARDE, Curitiba, 07/10/1912, p. 3

Figura nº. 21

<sup>55</sup> DIARIO DA TARDE, Curitiba, 18/10/1912, p. 03.



Um outro caso registrado na presente pesquisa denota o caráter de ambigüidade variada das técnicas usadas pelos curandeiros nesse período em Curitiba, municípios próximos e algumas vizinhanças. O caso do curandeiro Pedro Victor, um “pandego”<sup>56</sup> morador da cidade de Campo Comprido em 1903. Pedro Victor se intitulava como ‘curandeiro’ e era famoso por seus tratamentos em dores de dentes. Foi procurado um dia (20/07/1903) por uma enferma que, após um rigoroso exame que o mesmo curandeiro lhe fez, constatou que ela era vítima de feitiços de seu marido. Depois de uma grande confusão, Pedro Victor é preso pela polícia. Vejamos alguns parágrafos da notícia:

*(...) Pedro Victor sendo chamado poz-se á caminho do Campo Comprido e lá pegando no pulso da enferma, disse sentenciosamente que ella soffria de ‘feitiço’, accrescentando que essas artes diabólicas tinham sido feitas pelo seu próprio marido. Foi um reboião infernal, uma intrigalhada que já não tinha mais principio nem fim. O sr. commissario da 2da. Circumscripção tendo conhecimento do facto mandou recolher o curandeiro à cadeia civil desta capital’<sup>57</sup>*

A ambigüidade do curandeiro e suas ligações com as práticas mágico-religiosas teve origem remota. Segundo Laura de Mello SOUZA (1986:168):

*(...) O curandeiro podia tanto restaurar a harmonia rompida, restituindo a saúde aos que tinham perdido, como desencadear malefícios.  
(...) Talvez tenham existido diferenças entre os curandeiros que curavam doenças, curandeiros que curavam feitiços e promotores de feitiços (...) a homogenização destas atividades tendo sido encetada pelos aparelhos repressivos e desta forma chegado até nós. Fica aqui a dúvida.*

Os exemplos de curandeiros registrados no jornal *Diário da Tarde* no período de 1899-1912 forneceram uma clara idéia de como estes praticantes populares da medicina representavam uma variada e complexa terapêutica médico-mágico-religiosa. Neles existiam vários modelos de práticas de curandeirismo e de curandeiros propriamente ditos.

Assim, a eficácia do curandeiro na suas práticas de cura mágico-religiosa, deveu-se em parte a sua capacidade de atribuir diversos significados às desordens fisiológicas, muito mais abrangentes do que a concepção médica oficial, dando um sentido mais coletivo aos problemas individuais.

<sup>56</sup> De Pândega. [+ -ar2.] V. int. 1. Andar em pândegas; farrear, estroinar. Do *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Edit. Nova Fronteira, 1999. p. 1484.

<sup>57</sup> DIÁRIO DA TARDE, Curitiba. 20/07/1903. p. 01.

### 3.2.4 Irmandade do Pala Branco

É a mais antiga referência de curandeirismo associado a práticas mágico-religiosas no Paraná em Curitiba do período estudado. Foram citadas por Dario VELLOZO (1900:68-69) no chamado grupo da *Irmandade do Pala Branco*. Constitui a única referência anterior à década dos anos 30, denotando um caráter coletivo a este tipo de práticas.<sup>58</sup> Segundo VELLOZO o nome da Irmandade surgiu no início do século XIX, *irradiando-se pelo Paraná*. Eles praticavam um tipo de *ocultismo prático, terapêutico oculta e de magia negra*. O próprio nome do grupo provinha de Palas (Poncho) que segundo eles, os seus associados jamais abandonavam.

Após a guerra do Paraguai, no ano de 1870, o nortista Manoel Antônio chega no Paraná em companhia do mestre irmão Soares e de outros companheiros. E ali teve-se o início da Irmandade do Pala Branco. VELLOZO (1900:68-69) contou a respeito:

*(...) a superstição, o fanatismo vibrava a alma simples e ingênua dos sertanejos (...) fascinadas, mulheres corriam à casa do erço, onde fieis se ajuntavam, atraídos pela fama do curandeiro (...) por vezes, a cura pronta de enfermidades rebeldes, benzimentos e exorcismos. Manoel Antonio aplicava medicamentos de sabor esquisito, adivinhava o pensamento de outros, indicava o local onde tinha ido parar objetos estraviados, profetizava... Os sectários ao Pala Branco recebiam a instrução gradativamente, conforme as aptidões que demonstravam e a confiança inspirada ao iniciador.*

A influência do Ocultismo Europeu, principalmente na transmissão do conhecimento secreto através de uma hierarquia, e nos exorcismos e profecias, típicas do universo simbólico naquele período.

A Irmandade do Pala Branco dissolveu-se no ano de 1878 para sucumbir finalmente em 1893 com a morte de Manoel Antonio, o mestre. Mas, a tradição de curar mediante essa terapêutica oculta e misteriosa, continuou: *(...) os antigos sectários continuaram na aplicação da terapêutica oculta, havendo alguns voltados inteiramente à perversão satânica da magia negra.*

Em um outro trabalho seria interessante reconstruir a história dessa antiga Irmandade do Pala Branco em Curitiba, já que representou uma importante amostra das terapêuticas e

---

<sup>58</sup> LANGER, Johnni. *Feitiçaria em Curitiba: Discurso e Cotidiano*. Monografia apresentada no curso de História da UFPR. Curitiba, 1992. p. 38.

das crenças mágico-religiosas acontecidas no século XIX. Além de ajudar a explicar a origem de algumas práticas européias em Curitiba nas mais baixas camadas populares.

### 3.3 O Curandeirismo como prática ilegal da Medicina

Muitos autores tentaram explicar o por quê das práticas populares da medicina, especificamente o curandeirismo, terem se difundido com grande magnitude no Brasil, desde o início de sua colonização até a atualidade. Para alguns desses autores<sup>59</sup>, a proliferação e vigência destas práticas no Brasil deveu-se a alguns fatores principais: a falta de profissionais habilitados a exercer a medicina, ou a má qualidade da formação da maioria deles. Também se pensou que pela extrema carência econômica da maior parte da população, levando-a a não poder usufruir os serviços dos médicos diplomados. Outro fator analisado foi a falta de cultura da população em geral, que se deixava facilmente envolver pelas práticas de todo tipo de curandeiro.

Por estes e outros motivos não expostos, as práticas populares do curandeiro e do curandeirismo teriam e são aceitos pelo povo e de alguma forma estiveram acobertados pelas autoridades e sociedade em geral. Muito embora, desde o início da colonização e principalmente no período estudado na Dissertação, o curandeirismo e seus agentes foram constantemente perseguidos, julgados e condenados. Como exemplo, temos os Regulamentos Sanitários e posteriores legislações (Constituições e Códigos Penais) que tinham de alguma forma vedado o exercício da medicina aos leigos.

Acontece que estas proibições ao exercício da medicina pelos leigos não foram sempre às mesmas nas quatro Constituições (1891, 1934, 1937, 1946) e nos dois Códigos Penais (1890, e 1940) da República. Desde o final do século XIX até 1940, quando as questões ligadas à saúde e higiene das populações passariam a ocupar lugar de destaque nos projetos políticos, pode-se perceber algumas mudanças no tratamento destas questões e os verdadeiros interesses a seu respeito.

---

<sup>59</sup> Entre outros podemos citar: SANTOS FILHO, Licurgo. *História Geral da Medicina Brasileira* e de Artigos publicados nos Anais do IV Congresso de História Nacional. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 8. Vol. São Paulo: Departamento de Imprensa Nacional, 1951.

Na constituição de 24 de fevereiro de 1891, no artigo 72, parágrafo n. 24, ficou estabelecido, quanto ao exercício das profissões: *garantido o livre exercício de qualquer profissão moral, intelectual e industrial* (FAVERO:1947:227-240). Depois dessa legislação, o fato causou muita polêmica entre os que defendiam a total liberdade de exercício das diversas profissões, e os que defendiam uma aplicação mais rigorosa da lei. Os defensores da aplicação rigorosa da lei defendiam que se estabelecesse o ‘princípio da liberdade profissional restrita’, pois, segundo eles, a carta de 1891 não assegurava o livre exercício de qualquer atividade, mas sim de qualquer profissão e esta implicaria profissionalismo. Portanto, dever-se-ia garantir a completa liberdade de exercício, mas apenas para os profissionais habilitados. (FAVERO, op. cit).

Este tipo de interpretação da lei acabou prevalecendo entre os juristas da época. No entanto, devido ao caráter extremamente geral desta legislação, era muito difícil coibir e punir qualquer infrator. Principalmente se eram curandeiros, já que a condenação destes indivíduos era improvável, uma vez que as autoridades policiais quase nunca conseguiam reunir as provas dos fatos previstos na lei.

Antonio Carlos Duarte de CARVALHO (1999:56) expôs a respeito:

*Como o texto da Constituição de 1891 foi mantido integralmente pela Reforma Constitucional do 7 de setembro de 1926, estes problemas continuaram até 1934 que se declara uma nova Constituição e que no artigo 113 item 13, estipula que estaria liberado o exercício de qualquer profissão, observadas as condições de capacidade técnica e outras que a lei estabelecesse, ditadas pelo interesse publico.*

Essa noção de “capacidade técnica” que mencionou o autor referiu-se à capacidade profissional concebida pelo diploma acadêmico. Com isto, a justiça, a polícia e a sociedade em geral teve uma legislação mais clara, que possibilitava a prisão e condenação a todos aqueles que exercessem a medicina, sem diploma ou com diploma não registrado e reconhecido pelas autoridades competentes.

Além da liberdade do exercício das profissões, a liberdade do culto religioso foi outro aspecto interessante a considerar, devido à estreita relação deste fenômeno com o curandeirismo. Com base no artigo 72 da Constituição de 1891, ficou assegurado a todos a liberdade de culto religioso, o que também dificultava a prisão e condenação dos curandeiros. A Máxima pena possível era uma multa. (CARVALHO:1999:57)

Mudanças significativas também ocorreram nos Códigos Penais, na parte referente ao exercício ilícito da medicina. Em 1890, o Código Penal estabelecia no artigo 157:

*Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancias para despertar sentimento de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, fascinar e subjugar a credulidade publica: pena de 1 a 6 meses; se por influencia ou em consequência de qualquer destes meios resultar ao paciente privação ou alteração temporária ou permanente das faculdades psíquicas: pena de 1 a 6 anos.*<sup>60</sup>

Como se percebe no Código de 1890, a exemplo do que acontecia com a Constituição de 1891 –mantida até 1934–, no artigo que abordava o exercício ilícito da medicina era ainda muito geral e pouco preciso, o que dificultava novamente o trabalho da justiça para reunir provas dos delitos dos indiciados. Houve uma reforma no Código no ano de 1932, mas manteve-se a mesma doutrina. No Código Penal de 1940 a redação foi alterada e ficou mais clara e precisa os artigos e leis sobre o exercício ilegal da medicina e do curandeirismo em particular. Vê-se como exemplo de comparação, mesmo extrapolando o recorte histórico utilizado na Dissertação.

*Artigo 282: -O exercício ilegal da medicina- exercer, ainda que a título gratuito, a profissão de médico, dentista ou farmacêutico, sem autorização legal ou excedendo-lhe os limites. Pena: detenção de seis meses a dois anos.*

*Único: se o crime é praticado com o fim de lucro, aplica-se também multa de mil a cinco mil cruzeiros.*

*Artigo 283: -Charlatanismo- Inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível. Pena: detenção de três meses a 1 ano e multa de 1 a 10 mil cruzeiros.*

*Artigo 284: -Curandeirismo- Exercer o curandeirismo. I. – prescrevendo, ministrando ou aplicando habitualmente qualquer substancia; II – usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III – fazendo diagnósticos. Pena: detenção de 6 meses a 2 anos. Parágrafo único: se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito a multas de 2 a 10 mil cruzeiros (Fávero, 1947, p. 227-40).*

O artigo 284 que tratava do curandeirismo no Código de 1940 e, era o mais detalhado desta legislação. Este abordava as “práticas ilícitas” da medicina. Sob o rótulo

<sup>60</sup> “As curas Espíritas e sua Legitimidade Perante a lei. Peças dos processos instaurados no juízo dos Feitos de Saúde Pública contra a Federação Espirita Brasileira”. In: CARVALHO, Antonio Carlos de. *Curandeirismo e Medicina*. Londrina: UEL, p. 1999.

de curandeiros, estavam enquadrados os indivíduos que exerciam a arte de curar sem habilitação profissional. Para a Justiça a habilitação profissional só podia ser comprovada através de um diploma reconhecido por autoridades competentes. Portanto neste delito, estariam incluídos, além dos curandeiros, os ditos de feiticeiros, macumbeiros, ervateiros, benzedores .... pois por não possuírem o diploma do curso de Medicina, sua atividade implicaria curandeirismo.

De modo que este novo Código mais detalhado no que se refere à prática do curandeirismo, auxiliaria aos juízes na condenação dos curandeiros e outros praticantes populares que estivessem “fora da lei”. Em base aos dois Códigos Penais expostos, um de 1890 e o outro de 1940, houve uma focalização importante no sentido da precisão da legislação que tratava do exercício ilegal da medicina. A aplicação desta lei de forma mais rigorosa, seria capaz de resolver em parte ou de vez o problema da existência dos curandeiros e os perigos sociais que sua prática trazia para a sociedade em constante *progresso*.

Para isto, até os mesmos profissionais da medicina oficial faziam declarações públicas nos jornais, apelando às autoridades (ver figura nº. 22). No exemplo aqui mostrado, o Dr. Trajano Joaquim dos Reis escreve que, ele já recebeu constantes reclamações do povo sobre o abuso “criminoso” do exercício ilegal da medicina. No mesmo relato, denomina aos curandeiros de “ousados” que infestam a cidade e que praticam impunemente suas práticas.

## Os curandeiros

*Declaração de um profissional*

**Apello às autoridades**

Mais de uma vez nos tem sido enviadas reclamações sobre o abuso criminoso do exercício ilegal da medicina n'esta cidade e mesmo d'estas columnas já chamamos a atenção das autoridades competentes para esse facto.

Hoje publicamos uma declaração do illustrado facultativo dr. Trajano dos Reis, declaração essa que serviu para o registro do obito do sr. coronel Manoel Gonçalves dos Santos.

Essa declaração vem patentear claramente o abuso que se faz por ahí do exercício da medicina.

Mais uma vez chamamos a atenção das autoridades para a chusma de curandeiros que tem invadido o Estado, principalmente a nossa capital.

Eis a declaração :

Declaro que o sr. coronel Manoel Gonçalves dos Santos, de 75 annos de idade, casado, residente á rua Visconde de Guarapuava, falleceu hoje ás 10 1/2 horas da manhã, quando conferenciava eu com outros collegas.

A primeira vez que o vi foi hontem á tarde, quando já estava moribundo. Não me foi possível, apesar de acurados exames, chegar a um diagnostico preciso, taes as suas pessimas condições. O seu estado era anasarquico e havia edema pulmonar.

Cumpro que fique aqui consignado que o finado fôra medicado até ante-hontem por um dos ousados curandeiros que infestam esta cidade, e praticam a medicina impunemente, conforme me fôra communicado pela exma. senhora do referido finado.

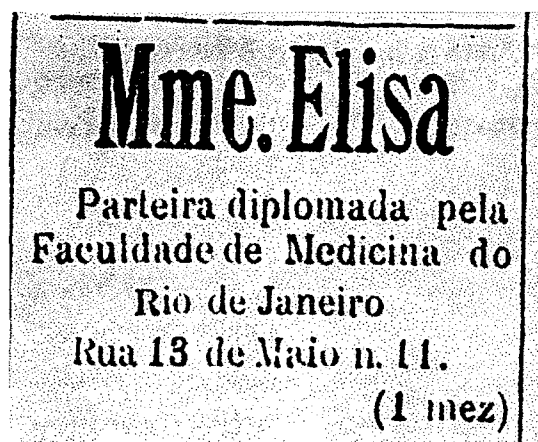
Curityba, 11 de Setembro de 1901.

DR. TRAJANO JOAQUIM DOS

Um caso diferente e merecedor de um comentário, era o das Parteiras. As Parteiras formavam um grupo social que em Curitiba do período estudado, eram consideradas como conhecedoras de sua arte. Em diferentes anos constatou-se o respeito e liberdade de sua profissão e inclusive –como já mencionamos antes- o curso de obstetrícia, dirigido especialmente às parteiras, foi uns dos primeiros a existir na Universidade Federal de Paraná. Era bem comum encontrar nos classificados, avisos oferecendo seus serviços e elas mesmas exercendo sua legitimidade, pelo fato de “serem diplomadas”. (Ver figuras nº. 23 e 24)



DIARIO DA TARDE, Curitiba, 05/05/1910, p.02  
Figura nº. 23



DIARIO DA TARDE, Curitiba, 09/10/1900, p. 01  
Figura nº. 24



Junto a esses Códigos e novas Constituições que previam a penalização do exercício ilegal da medicina, surgiram Instituições como a Sociedade de Medicina do Paraná e o Sindicato Médico do Paraná. A Sociedade de Medicina do Paraná surgiu no ano de 1914 por iniciativa de um grupo de médicos preocupados em organizar e centralizar a classe sob uma única flâmula.<sup>61</sup> Com uma Universidade recém criada e um dos primeiros cursos de medicina do país, a necessidade de uma normatização e de uma associação da classe médica era imperativa. Esta Sociedade propugnava pela ética médica e pela produção de trabalhos científicos.

A historiadora Márcia SIQUEIRA (1999:16) disse que durante 20 anos, a Sociedade Médica do Paraná discutiu variados temas, entre eles o de charlatanismo e a legalização do exercício ilícito da medicina. Mas foi com o Sindicato Médico do Paraná, criado em 1931, que este assunto passou a ser discutido como uma preocupação primordial para ser resolvida. Os Códigos deste Sindicato tinham duas preocupações centrais: uma material e outra moral. Relacionado com esses dois aspectos, existia um artigo que dizia: (...) 3) *Combater o exercício ilegal da medicina, o charlatanismo, o curandeirismo, os exageros da publicidade, os anúncios desonestos, e toda e qualquer prática que tende a mercantilizar a profissão.*(...) <sup>62</sup>.

Deste modo, a Associação Médica do Paraná e o Sindicato Médico foram fundados principalmente para defender e amparar a classe médica oficialmente reconhecida e diplomada. Era uma questão de reivindicação da classe. Restringindo e penalizando assim aos outros praticantes da medicina popular que eram considerados ilícitos e propensos ao charlatanismo. Essa vontade não ficou só no papel e nos discursos, pois foram organizadas diferentes comissões para combater o curandeirismo e o charlatanismo de forma geral.

---

<sup>61</sup> SIQUEIRA, Márcia Dalledone. *Associação Médica do Paraná-60 anos de História*. Curitiba: AMP, 1993.

<sup>62</sup> SIQUEIRA, N. Op. Cit. p. 19.

### 3.4 De Curandeiras a Feiticeiras

*Normalmente, a feitiçaria, último estágio do mal nos seres humanos, era sexualmente relacionada às mulheres na mesma proporção que a santidade, o último estágio do bem, era sexualmente relacionada aos homens.*

*Christine LARNER,  
Witchcraft and Religion*

A grande maioria dos curandeiros em Curitiba no século XIX e início do século XX, foram os homens; como foi constatado no estudo de acordo com as fontes. Homens descendentes de africanos, de índios e de mestiços. Mas no caso de práticas de cura relacionadas ao mágico-religioso, a dita feitiçaria<sup>63</sup>; as mesmas eram exercidas exclusivamente por mulheres.

A predominância feminina em curas mágicas e religiosas também é observada no nordeste moderno como nos mostra CESAR, Getúlio (1940:169): *A mulher que reza para olhado (de ordinário é sempre mulher).*

É interessante mostrar com um exemplo da época, o que se pensava sobre a “feitiçaria”:

#### **FEITIÇARIA**

*De algum tempo a esta parte, parece que a nossa pintoresca ‘urbs’, devido algum movimento retrogrado, ou por demais ‘progressista’, tem sido teatro de scenas que, de nenhuma forma podem depor em prol do nosso avançamento intellectual. Nesta epocha em que por toda a parte, vemos jubilosos, surgirem paladinos intemeratos do bem, que esforçam-se pelo progredir de nossa sociedade, peza-nos dizer que para gáudio de nullos e supersticiosos, occorrem certos factos que de nenhuma forma, patenteiam que somos uma população e civilisada.*

*(...) O que poderão occasionar ovos cosidos, terras trazidas do campo santo, sal e outros objectos, que amanhecem quase todos os dias junto as portas das moradas de quem se desejam ‘enfeitiçar’? Nada. Absolutamente nada, pois que essas praticas não são oriundas de um facto real e sim da igrmorancia, que infelizmente ainda perdura em gande parte da sociedade actual. (...) <sup>64</sup>*

<sup>63</sup> Feitiçaria baseia-se na pressuposição de que o cosmo é um todo e de que, portanto, existem ligações ocultas entre todos os fenômenos naturais. O feiticeiro tenta, através de seu conhecimento e poder, controlar ou pelo menos, influências essas ligações a fim de produzir os resultados práticos que deseja. Intimamente relacionada com a feitiçaria está a adivinhação, a determinação de fatos ou predição de eventos futuros na base dos vínculos secretos entre os seres humanos, por um lado, e ervas, pedras, astros, objetos e fetiches mágicos pelo outro. In Jeffrey B. RUSSELL. *História da Feitiçaria*. São Paulo: Serie e Somma, s/d.

<sup>64</sup> DIARIO DA TARDE, Curitiba. 27/03/1909. p. 01.

No dia 10 de maio de 1899, na página do DIARIO DA TARDE, aparece a notícia de uma das “feiticeiras”/curandeiras mais solicitadas e registradas pelos jornais da época (já foi mencionada em outros apartes da pesquisa), é o caso da Anna Formiga, como era apelidada pelas pessoas da cidade. Desta vez, a *feiticeira* é acusada de ter deixado um bilhete com tinta roxa na casa de uma *respeitável família* e dizia *Sista, pista, rista, xista*. Esse bilhete foi encontrado com outros objetos mágicos como uma cruz, uma rosa branca e uma rã seca. O jornalista sugere que a polícia a prenda e todas as *bruxas, feiticeira ou encantadas* que existam na cidade de Curitiba. (Ver figura nº. 25)

## O caso da feiticeira

### Novas notícias

Ante-hontem demos notícia de que uma mulher de nome Anna Formiga praticara uma scena de feitiço indo collocar no corredor da morada de um cabo do 13º de cavallaria, diversos objectos.

Chegam-nos noticias de novas bruxarias.

Hoje pela manhã pessoa de respeitavel familia ao abrir os batentes da janella de sua casa encontron entre estas e a vidraça uma rã secca, que tinha presa às pernas uma rosa branca e na bocca uma cruz formada pela juxtaposição de dois pausinhos.

A um canto da janella foi encontrado um bilhete escripto com tinta rouxa, letra pessima e de mulher. Dizia

«Sista, pista, rista, xista.  
Eu tu encanto p'ro modo se a  
vontade de Deus».

Esse bilhete que transcrevemos foi-nos mostrado conjuntamente com os mais objectos da bruxaria.

E' possivel que se trate de mulheres que inculcando-se feiticeiras, procuram subjugar a credulidade de terceiros talvez para auferir resultados.

Não seria máu que a policia deligenciaasse na descoberta dessas bruxas, feiticeiras, ou encantadas, como quer que se lhes chame.

Figura nº. 25

Essas mulheres chamadas de feiticeiras, atuavam a maioria das vezes como curandeiras —o que já foi analisado anteriormente—. Por mais confusos que esses papéis ‘profissionais’ pareçam, as mulheres e os homens que os desempenhavam eram essenciais para o seu mundo. Encontrar um termo que englobe seus vários papéis pode ser uma armadilha teórica.

A referência freqüente a todos eles na atual e antiga literatura sobre feitiçaria, as designam como parteiras, como bruxas, como curandeiras (Ver figura nº. 26). Quando acrescentamos a esses papéis médicos, aqueles de adivinhas, cartomantes, rogadoras de pragas e praticantes de magia; vemos as possibilidades dinâmicas de uma mulher conhecedora de seu mundo e do além.



**Figura nº. 26. “ O Sabá das Feiticeiras” (1514). O medo dos poderes mágicos das parteiras e das curandeiras, provocou a demonização das habilidades curativas das mulheres. In *Chacina de Feiticeiras:Uma Revisão Histórica da caça das Bruxas na Europa*” de Anne L. Barstow.**

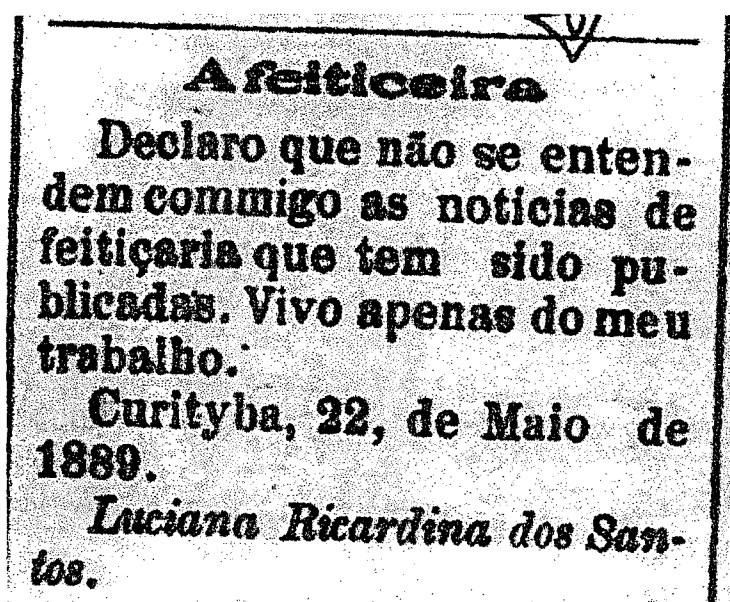
Em Curitiba, Luciana, por exemplo, tinha poderes fantásticos. Era especialista em ervas, em magia e em rezas (ver figura nº. 27). Portanto, o termo curandeira, ou feiticeira –como é mais freqüente encontrar na literatura- é ineficiente e insuficiente.



DIARIO DA TARDE, Curitiba, 22/05/1899, p. 2

Figura nº. 27

O caso da Luciana, foi interessantíssimo, por ser raro, merece comentários ao respeito. No dia 22 de maio de 1899, a feiticeira declara no próprio jornal *Diário da Tarde* que, todas as acusações feitas a ela são falsas e que, ela só vive de seu trabalho. Esse tipo de respostas e defesas públicas, feitas pelos mesmos agentes do curandeirismo, não aparecem ao longo de nossa pesquisa de 1899 até 1912. O que fez chamar nossa atenção. Casos de feitiçaria inculcados a Luciana, foram publicados ao longo do período analisado em diferentes oportunidades.



DIARIO DA TARDE, Curitiba, 22/05/1899, p. 2

Figura nº. 28

### 3.5 Gênero: Por que as mulheres feiticeiras?

Através da cura, tanto por meio de encantos quanto por meio de garrafadas, poções, partos de bebês, predizendo o futuro, aconselhando aos que tinham problema de amor, amaldiçoando, eliminando maldições fazendo as pazes entre vizinhos –o trabalho de uma curandeira em Curitiba- era mediado por seu poder do saber médico-mágico-religioso. Grande parte do seu poder devia-se ao fato de serem vistas desde o início da Humanidade como seres capazes de manipular forças mágicas. Exercendo controle deste modo, não somente sobre o mundo doméstico das mulheres mas quando possível sobre os homens. Elas exerciam influencia por meio da *'linguagem do sobrenatural'*.

Anne BARSTOW (1995:133) expôs a respeito: *Tendo lhes sido negado o antigo papel do clero ou de médico, que estava emergindo agora, as mulheres recorreram às suas próprias redes de informações e as habilidades herdadas de suas mães para atuarem como conselheiras e médicas privilegiadas.*

Talvez esse poder e essa sabedoria especial que tinham as mulheres de forma natural, criou medo e inveja entre os homens e as sociedades. O papel da curandeira que era bem respeitada e vista como essencial, se tornou ao longo da história um exercício suspeito. Lembremos da perseguição e execução das mulheres por feitiçaria na Europa do século XVI-XVII. Na Europa rural do século XIX (BARSTOW, 1995: 138) as curandeiras das aldeias proporcionavam os cuidados médicos. Elas possuíam um cabedal de conhecimentos sobre curas que era transmitido de geração em geração, constantemente ampliado pelos métodos empíricos da observação, do julgamento e da avaliação. Seu trabalho consistia principalmente na prescrição de tratamentos com ervas, na obstetrícia e na realização de rituais de adivinhação e curas.

Heinrich Institoris, o autor do *Malleus Maleficarum* livro publicado originalmente em 1486 na Europa, sobre o predomínio das mulheres em feitiçaria ou bruxaria:

*Que outra coisa é a mulher senão uma inimiga da amizade, uma punição inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um detrimento deleitável, uma perversidade da natureza, pintada em belas cores?... A palavra mulher é usada para significar a luxúria da carne, como se costuma dizer. (...) É um animal imperfeito, sempre enganadora... Portanto, uma mulher perversa é, por natureza, mais fácil de vacilar em sua fé e,*



*conseqüentemente, mais rápida em abjurar de sua fê, o que esta na raiz da bruxaria... Assim como através do primeiro defeito de sua inteligência elas são mais propensas a abjurar a fê, também através do segundo defeito de afeições e paixões desordenadas elas buscam, ruminam e infligem vinganças várias, seja por meio de bruxaria ou de alguns outros recursos....Consideremos também seu modo de caminhar, sua postura, sua indumentária, em que é a vaidade das vaidades.*<sup>65</sup>

Este texto hoje provoca espanto com tais adjetivações contra a mulher, mas os contemporâneos do senhor Institoris não pensavam assim. Seu texto foi uma poderosa influencia na caça das bruxas na Inquisição e com reflexos na imagem que se tem hoje das mulheres que utilizam na suas praticas de cura, elementos mágico-religiosos.

Como podemos ver, estas características da curandeira e/ou da feiticeira do século XIX na Europa não diferiu da que ocorreu no Brasil, e especificamente em Curitiba do período estudado. O que permitiu entender e comparar seu processo de passagem de simples e aceitas curandeiras as temidas feiticeiras. Provavelmente devem ter adotado esse tipo de prática para ganhar mais prestígio e poder em suas comunidades e bairros. Esse domínio do ‘sobrenatural’ provocou superstições e estereótipos contra ela. Intensas e antigas campanhas da Igreja Católica contra o Curandeirismo Popular, assim como outros grupos sociais, fizeram com que estas ‘mulheres sabias’ fossem perseguidas e condenadas ao anonimato. Essa mudança de curandeiras solicitadas e respeitadas para feiticeiras caçadas, foi o que motivou a inclusão deste pequeno capítulo na Dissertação.

### **3.5.1 Alguns casos de bruxaria ligada às feiticeiras e às práticas de curandeirismo**

A bruxaria e a feitiçaria diferem teoricamente pelas suas práticas. Existe um consenso atual entre os antropólogos e historiadores, em definir a FEITIÇARIA como prática individual da magia e, a BRUXARIA como a prática que possui um caráter coletivo (Seitas) e que tem como objetivo um pacto demoníaco (Sabat). A Bruxa e a bruxaria seriam uma manifestação do mal.<sup>66</sup> A fonte pesquisada (*Diário da Tarde*)

<sup>65</sup> In *A História da Feitiçaria*, de Jeffrey RUSSELL. São Paulo: Seie e Sommas, 1995. p. 101.

<sup>66</sup> LANGER, J. Op. Cit. p. 51.

utilizou os termos: feitiçeira, bruxa e curandeira como equivalentes, recorrendo indistintamente, em um mesmo texto tais palavras como sinônimos. Por essa razão, não se adotou as ditas definições e diferenças teóricas nesta pesquisa.

Na verdade era mais, uma representação estereotipada da curandeira como veremos nos exemplos seguintes (utilizaremos o exemplo da feitiçeira Luciana novamente, por ser um relato rico de detalhes descritivos): (...) *É possível que se trate de mulheres que inculcando-se feitiçeras, procuram subjugar a credibilidade de terceiros talvez para auferir resultados. Não seria mau que a policia deligenciasse na descoberta dessas bruxas, feitiçeras, curandeiras, encantadas, como quer que se lhes chame.*<sup>67</sup>

A representação da feitiçeira-curandeira era algo misteriosa e desagradável: (...) *chama-se Luciana, é uma parda velha, de olhar contemplativo e nariz aquilino, moradora á rua Pedro Yvo.*<sup>68</sup>

E sobre suas práticas ela mesma disse: (...) *a policia mandou chamar a feitiçeira Luciana que inquerida respondeu: - não sou feitiçeira, apenas faço cura em moléstias 'que pegam, e de mau-olhado'. Confessou ahi que tem sempre cheia de clientes a sua casa, clientes que vão pedir alivio para as dores e aos quaes ella cura como força de sua vontade, unida a certos medicamentos e aos auxilios de Deus.*(...)<sup>69</sup>.

Esta representação e imagem da feitiçeira provem da literatura clássica e foi quase uniforme em todas épocas. Jeffrey RUSSELL (1995: 17):

*Ceci, a sedutora; Medeia, a assassina; Dipsias, de Ovidio, Oenotéia, de Apuleio, e especialmente Canidia e Sagana, de Horácio, que com seus rostos lívidos e hediondos, de calças, cabelos desgrehados e roupas andrajosas, reuniam-se de noite num lugar ermo para escavar o solo com seus dedos em forma de garras, esquartejar um cordeiro negro, comer-lhe a carne e invocar os deuses infernais.*

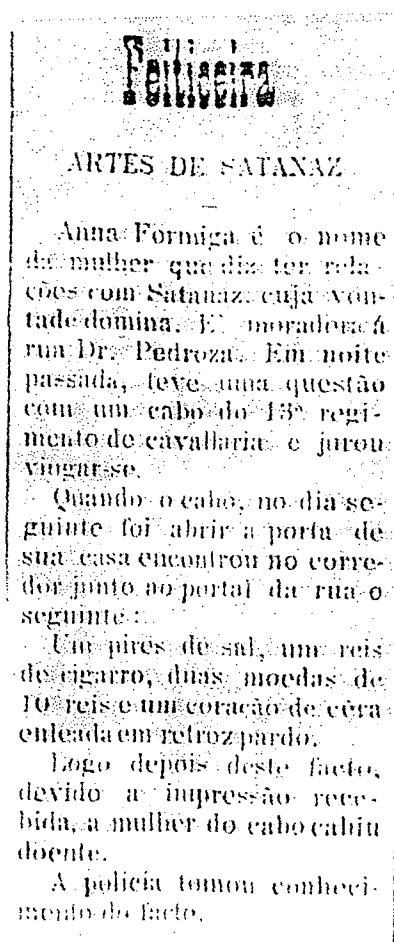
Esta tradição literária da feitiçeira e de sua representação perversa e misteriosa serviu facilmente de base para a ulterior representação e imagem cristã da bruxa. Também outros elementos da religião greco-romana contribuíram para a formação da imagem da bruxa e

<sup>67</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 10/05/1899. p. 01.

<sup>68</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 19/05/1899. p. 01.

<sup>69</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p. 01.

que se estendeu até os dias de hoje.<sup>70</sup> Assim que as feiticeiras e as antigas curandeiras, foram se transformando e se ajustando aos preconceitos, e aos estereótipos da demonologia cristã (Ver figura nº. 29).



DIARIO DA TARDE, Curitiba, 08/05/1899, p. 2

Figura nº. 29

<sup>70</sup> RUSSELL, J. Op. Cit. p. 19

As praticantes de “bruxaria” em Curitiba nesse período, inicialmente receberam referências trazidas pela imigração européia e pelo ocultismo europeu, que gradativamente adotaram os cultos afro-brasileiros, sobrevivendo imagens, representações e estereótipos.

Em geral, os estereótipos e representações destas mulheres foram: mau-gênio, mulheres cruéis e terríveis e com uma extrema anti-sociabilidade. Intimamente relacionado com suas atividades, estavam as ocorrências de feitiços, malefícios e “encantamentos”. Uma das expressões mais comuns neste tipo de curandeiras-bruxas é o “mau-olhado” (citada em 1899 e 1903)<sup>71</sup>. O mau-olhado sempre foi associado na Europa a estas personagens. FIELDING, William (s/d:116): (...) *através de toda a longa história da bruxaria, a prática deste culto sempre esteve ligada ao mau-olhado.*

Outras expressões semelhantes ao mau-olhado eram o chamado *enquiço* (em 1900)<sup>72</sup> de possível origem afro-brasileira. Um exemplo bem claro deste tipo de prática ocorreu com a mulher denominada ANNA FORMIGA. Em 1899, surgiu nos jornais e principalmente no ‘Diário’, o primeiro relato de uma bruxa-curadeira moradora na rua Dr. Pedroza, atual Benjamin Lins.

Suas ligações com o mal e/ou o demônio eram explícitas. Assim iniciou-se o artigo que colocamos nas páginas anteriores e referimos novamente como exemplo: (...) *Anna Formiga é o nome da mulher que diz ter relações com Satanaz, cuja vontade domina.*<sup>73</sup>

Após certos desentendimentos com um cabo de 13º regimento do exército (atual BELOG), ela jurou vingar-se. No dia seguinte ao incidente, o cabo encontrou na porta de sua casa, no corredor junto ao portal da rua, os seguintes objetos: (...) *um pires de sal, um reis de cigarro, duas moedas de 10 reis, e um coração de cera enleado em retroz pardo.*<sup>74</sup>

Utilizou-se o mesmo relato para exemplificar com mais detalhe, as representações feitas a esta curandeira/feiticeira em particular. Depois desse incidente do achado, a

<sup>71</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 08/05/1899. p. 02 e 01/10/1903. p. 01.

<sup>72</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 03/03/1900. p. 02.

<sup>73</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 08/05/1899. p. 02.

<sup>74</sup> DIARIO DA TARDE. Op. cit. p. 02.

mulher adoeceu. Na mesma rua, próximo à habitação do cabo, um dia após a descoberta foi encontrado outro feitiço:

*(...) ao abrir os batentes da janela de sua casa, encontrou entre estas e a vidraça uma rã seca, que tinha presa à pernas uma rosa branca e na boca uma cruz formada pela justaposição de dois pauzinhos. A um canto da janela foi encontrado um bilhete escrito com tinta roxa, letra péssima e de uma mulher. Dizia o bilhete: SISTA. PISTA. RISTA. XISTA. EU TU ENCANTO. PARO MODE SE A VONTADE.*<sup>75</sup>

Um mês depois na rua 13 de maio desentendeu-se novamente Anna Formiga com um rapaz, e amaldiçoou-o “entregando sua alma ao diabo”. O rapaz começou a agredi-la, e ela fuge para a rua, sendo porém perseguida pelo povo que gritava: (...) *Pega. Segura. É Anna Formiga. A feitiçeira; a mulher do dedo humano secco.*<sup>76</sup>

No mês de julho registraram-se outros casos de feitiços públicos. Maria Honoria, em companhia de sua filha encontram no corredor de sua casa na Treze de maio o seguinte: (...) *um pires de sal, uma trança de cabelos, sobre a qual estava enfiada uma agulha velha; pelo chão, estavam espalhados um liquido oleoso.*<sup>77</sup>

Espantada, Maria Honoria corre pela vizinhança, gritando com o objetivo de esclarecer o significado daquilo. Um vizinho declara: *Um feitiço. Artes de Anna Formiga.*<sup>78</sup>

Examinando outras casas, é encontrado em uma janela do lado esquerdo, dentro da vidraça: (...) *um reis de fumo e diversos alfinetes amarrados em linha preta e branca.*<sup>79</sup>

Em outra casa também são encontrados feitiços (não especificados). O jornal finaliza o artigo dizendo: (...) *é possível que a feitiçeira isso fizesse para vingar-se da pancadaria com que há dias foi corrida aos gritos.*<sup>80</sup>

Os feitiços, nestes casos, denotaram características africanas combinadas com elementos europeus. Os elementos e substâncias usadas no primeiro grupo, em sua

<sup>75</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p. 02.

<sup>76</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p. 02.

<sup>77</sup> DIARIO DA TARDE. Op. cit. p. 02.

<sup>78</sup> DIARIO DA TARDE. Op. cit. p. 02.

<sup>79</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p. 02.

<sup>80</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p. 02.

maioria, irão caracterizar em décadas posteriores, os “despachos” da macumba e umbanda, por exemplo, (sal, cigarros, dinheiro).<sup>81</sup> O Peter HAINING (1971:67) disse que: *sal é um elemento constante na magia desde a Antigüidade e é utilizado tanto em feitiços como em rituais de evocação e de defesa e proteção.*

O cigarro, o óleo, o fumo e as duas moedas funcionavam como elementos simbólicos de oferenda, isto é, foram ofertas fornecidas a gênios, entidades, espíritos ou seres sobrenaturais, com o fim de auxílio de um objetivo ou realização de mágica. Não há elementos suficientes para definir se estas entidades eram de influência africana ou européia. Mas pode-se afirmar que sempre apareçam associadas as práticas médicas, mágicas e religiosas.

O folclorista Câmara CASCUDO (1954:28) também observa o emprego de partes do corpo para uso de feitiços: (...) *roupa, cabelo, unha, dente, saliva, sangue, suor, urina, roupa, tudo serve para manter o contato com o corpo.*

Os cabelos e as unhas eram as partes do corpo humanas mais utilizadas para os malefícios. Representavam integralmente a pessoa. Por consequência, o uso destes elementos mágico-religiosos está ligado à lei da contigüidade da magia de contágio, definida por Frazer: *toda parte é equivalente ao todo que pertence*<sup>82</sup>. A bruxa, a curandeira ou feiticeira, para atuar ritualisticamente sobre estes elementos, poderia produzir os efeitos desejados sobre o indivíduo: seduzi-lo, enfeitiçá-lo e até matá-lo.

E como disse Paula MONTERO (1986:24): (...) *a essência dos objetos inanimados, e as pessoas estariam contidas em cada parte dos elementos. Assim, todo osso de um morto continha a morte, todo fio de cabelo continha o princípio vital da pessoa.*<sup>83</sup>

A rã, os sapos e outros bichos semelhantes eram comuns em feitiços europeus e que também foram encontrados nos casos registrados pelo *Diário da Tarde* em Curitiba. CASCUDO (1954:696) diz a respeito: *a rã é um elemento indispensável nas bruxarias, servindo de paciente para a transmissão mágica do feitiço (...) o sapo é símbolo de fecundidade e de paixão erótica.*

<sup>81</sup> BASTOS, Abguar. *Os cultos mágico-religiosos no Brasil*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1979.

<sup>82</sup> MONTEIRO, Paula. Op. Cit. p. 23

<sup>83</sup> MONTERO, Paula. Op. Cit. p. 24

No ensaio sobre ocultismo no Paraná na Revista “Esfinge”, o também simbolista Dario VELLOZO (1900:71) afirmou: *O sapo é vítima de engrimações<sup>84</sup>, por suas qualidades absortivas. Usam-no em numerosos malefícios, procurando obter os mais extravagantes e pavorosos resultados.*

A rosa branca usada em filtros e poções amorosas européias era símbolo de beleza e pureza.<sup>85</sup>

O segundo feitiço da dita Anna Formiga pareceu ter sido encomendado por um homem para que a bruxa separa-se um casal. A rã destinava-se simbolicamente ao marido, enquanto que a rosa branca, amarrada aos pés da rã, voltava-se para a mulher, o objeto amoroso. As palavras cabalísticas *Sista, Pista, Rista, Xista*.<sup>86</sup>, não pareceram ter um sentido simbólico ou cabalístico específico conhecido ou documentado.

Um outro exemplo destas praticantes da bruxaria ligadas ao curandeirismo é a própria LUCINDA que morava na rua Pedro Ivo no ano de 1899. Ela era de físico: (...) *parda velha, de olhar contemplativo e nariz aquilino.*<sup>87</sup> A história no ‘*Diario*’ começou a contar que uma senhora “distinta” da sociedade, levou à polícia uma denúncia contra Lucinda, que teria *atirado um feitiço contra seu filho*<sup>88</sup>, para que este casasse com uma polaca para desespero da mãe.

O referido filho: (...) *sentia o coração queimar-se do estranho fogo de amor*<sup>89</sup>

Também compareceu à delegacia de polícia outra pessoa, afirmando que a Lucinda teria mandado a sua casa *um presente de lingüiça por ela preparado*<sup>90</sup>. A família desconfiada do pacote, deu a lingüiça para o cachorro e: (...) *dali a horas começou a deitar sangue e criar feridas pelo corpo*<sup>91</sup>

Após do incidente com o cachorro, o delegado dirigiu-se à casa de Lucinda e procedeu a busca da mulher, encontrando alguns objetos suspeitos: (...) *embaixo do colchão*

<sup>84</sup> Engrimação são figuras sem justas proporções na pintura ou desenho. Em geral tem esse nome os escritos sobre mágica supersticiosa, as coleções de receitas e formulas mágicas.

<sup>85</sup> CIRLOT, Juan-Eduaro. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Ed. Moraes, 1984. p.504

<sup>86</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 08/05/1899. p. 01.

<sup>87</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 09/05/1899. p. 01.

<sup>88</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 09/05/1899. p. 01.

<sup>89</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 09/05/1899. p. 01.

<sup>90</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 09/05/1899. p. 01.

<sup>91</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 09/05/1899. p. 01.

*foi encontrado um besouro amarrado em fios de cabelo, um lenço branco com uma cruz vermelha, pintada no centro e um dedo humano secco* <sup>92</sup>.

O besouro e a cruz foram utilizados largamente na confecção de amuletos e talismãs destinados a atrair a sorte e evitar influências maléficas externas (CIRLOT:1984).

Já o fio do cabelo e o chamado *dedo humano secco* eram comumente utilizados nas práticas da magia imitativa (MONTEIRO, P.: 1986).

Lucinda, ao ser interrogada sobre o uso de tais objetos, respondeu: *O besouro e o dedo humano secco tem virtudes e produzem milagres quando são tocados, benzidos ou colocados junto ao fogão, acompanhados com palavras de meu segredo.* <sup>93</sup>

A velha curandeira e bruxa também receitou um “encanto” para as curas (este exemplo já foi utilizado em outros apartes): *queimando umas pétalas de rosa murcha e tomando depois as suas cinzas, misture-as com um xarope espesso de água e açúcar, dizendo: isto é o mel rozado dos farmacêuticos, e depois bebe.* <sup>94</sup>

Na Europa a rosa era utilizada também em tratamentos pelo ocultismo: (...) *a rosa usada em xarope ou infusão facilita a concepção, sendo de pétalas vermelhas. A água destilada das rosas brancas é excelente para as doenças venéreas e inflamações dos olhos* <sup>95</sup>

### **3.5.2 Algumas Representações estereotipadas das Bruxas na prática do Curandeirismo**

Na idade moderna consolidou-se no imaginário ocidental a figura estereotipada que representava a bruxa. A suspeita deste tipo de prática era sempre associada às mulheres solteiras e velhas. Essa herança cultural veio possivelmente para Curitiba com os portugueses e principalmente com os imigrantes italianos <sup>96</sup>. Apesar deste tipo de prática

<sup>92</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 09/05/1899. p. 01.

<sup>93</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 09/05/1899. p. 01.

<sup>94</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p. 01

<sup>95</sup> DICCIONARIO DE CIENCIAS OCULTAS. São Paulo: Ed. Três, p. 224.

<sup>96</sup> LANGER, J. *Feitiçaria em Curitiba*. Curitiba: UFPR, 1992. p. 71



mágico-religiosa em Curitiba no período ter sido também influenciado seguramente pela herança afro-brasileira, o estereotipo e a representação que se fazia da bruxa européia dominou e permaneceu (Ver figura nº. 30).



REVISTA “O OLHO DA RUA”, Curitiba, 02/07/1919.

Ilustração do conto *Feitiço contra o Feiticeiro*.

Figura nº30

Na figura apresentada, observa-se a representação estereotipada da bruxa européia clássica. Uma velha mulher, magra, sozinha e morando em uma casa misteriosa e com objetos também esquisitos.

Um dos aspetos freqüentes dos estereótipos e das representações feitas às bruxas é, a idéia da pobreza como também percebemos no desenho. A bruxa e a feiticeira são pobres, comparável ao mendigo.

C. CASCUDO (1954:148-149), observa no seu *Dicionário* estes aspectos da bruxa no Brasil: (...) *velha, alta, magra, hedionda de sujeira, coberta de trapos, (...) em cada povoação e cidade haverá sempre uma velha misteriosa (...) paupérrima, raminta, miserável, poderosa e digna de esmolas*

Outro aspecto deste tipo de representação nas curas de tipo mágico-religiosa, foram observadas no cotidiano e são referentes a sua anti-sociabilidade. Elas acarretam uma série de conflitos e hostilidades com a comunidade de sua época. Como afirmou Laura de Mello e SOUZA (1986:241): (...) *bruxas são as inimigas da sociedade e como tais, personificam tudo aquilo que tal sociedade considera anti-social (...) bruxas são ainda os indivíduos anti-sociais de rato, e que se encontram no seio da sociedade.*

Um caso em 1906, mostra-nos a relação ambígua com a prática do feitiço, da bruxaria e o curandeirismo; e o relacionado a estigmatização e estereotipo da bruxa.

No bairro Umbará em Curitiba, um preto chamado de João Baquiano com 85 anos: (...) *há tempos ministrando suas mezinhas respeitado pelas virtudes que possuía de curar feitiços e afugentar por meio de benzimentos o espirito do mal*<sup>97</sup>

Na sua casa, João foi atacado pelos colonos italianos Luis Bremeto, Celeste Navello e algumas mulheres e crianças que com bastante violência: (...) *o derrubaram por terra, sendo bárbara e miseravelmente arrastado e espancado por todos (...) arrancaram-lhe todas as suas vestes e deitaram-nas ao fogo*<sup>98</sup>

Posteriormente uma velhinha com mais de 100 anos, foi pelos mesmos colonos *imputada de ser uma bruxa*, e por esse motivo seu filho Antonio Basso espancado. Para não ser morto mudou-se com a família para o centro de Curitiba.

<sup>97</sup> DIARIO DA TARDE. Curitiba. 18/04/1906. p. 01

<sup>98</sup> DIARIO DA TARDE. Op. Cit. p 01.

Estes dois episódios ocorridos no bairro de Umbará no ano de 1906, remetem à questão da estigmatização não só da feitiçaria, senão toda terapia ou prática popular.

O primeiro caso no qual o ancião negro João Baquiano ao promover curas de feitiço neste bairro, findou por ser identificado a estes mesmos feitiços, o que acabou ocasionando uma tentativa de linchamento pelos colonos. O simbolismo resultante da queima de suas roupas pelos italianos foi relacionado diretamente às praticas de queima de feiticeiras na Europa.

O fogo neste caso assumiu coletivamente na comunidade um sentido símbolo de regeneração, purificação e mesmo “destruição das forças do mal”.<sup>99</sup> Paralelamente à questão mágico-religiosa tem-se a relação étnica. LANGER no seu estudo monográfico sobre *Feitiçaria em Curitiba* registra que os curandeiros brasileiros de origem negra eram extremamente procurados pelos imigrantes europeus, principalmente italianos. Os conflitos entre os dois grupos eram freqüentes, motivados geralmente por questões sócio-econômicas.

O incidente com o senhor Basso, um italiano de avançada idade, remete diretamente ao estereotipo da bruxa. Mulheres velhas eram alvos de preconceitos e de estigmatizações em comunidades conflituosas.

Na Europa, segundo o LAGNER (1992) este fenômeno também era comum: (...) *os processos revelam uma acumulação de queixas aldeãs clássicas (feitiços, doenças e mortes de animais)*<sup>100</sup> e, (...) *no universo predominantemente rural, as acusações de feitiçaria revelavam tensões internas das comunidades de aldeões ou camponeses*<sup>101</sup>

Desta maneira, a bruxa igualmente ao curandeiro ou a feiticeira eram vitimas de tensões sociais existentes nas comunidades conflituosas. Curiosamente e dignos de estudar numa próxima pesquisa de antropologia histórica, estas mesmas sociedades deram anteriormente condições para seu próprio surgimento (as representações estereotipadas).

<sup>99</sup> CIRLOT, Juan-Eduardo. Op. Cit. p. 258

<sup>100</sup> MANDROU, Robert. *Magistrados e Feiticeiros na França do séc. XVIII*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979. p. 97

<sup>101</sup> SOUZA, Laura de Mello. Op. cit. p. 17

*“A História leva a tudo,  
com a condição de se sair dela”*

*Lévi-Strauss*

**CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

**O CURANDEIRISMO.... UM MAL NECESSÁRIO**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: O Curandeirismo... um mal necessário

*“...O Curandeirismo... é um mal necessário.  
A presença de albumina na urina se verifica  
pelo calor ou pelo ácido azótico...  
As moscas necrófagas indicam a fase de  
putrefação de um cadáver e, pois, a data da morte...  
Pois os curandeiros, quais reagentes, indicam  
o atraso, o apoucamento mental do meio e,  
assim podem revelar às autoridades competentes  
o de que carecem determinadas regiões”.*

*(O exercício ilícito da medicina no novo Código Penal. In: Medicina Social. Vol. 1, p. 240)*

Na presente Dissertação propôs-se identificar e analisar, a partir do discurso jornalístico do *Diário da Tarde*, as diversas representações sociais que foram feitas à figura popular do curandeiro e do curandeirismo, em um recorte histórico e cultural de Curitiba de finais do século XIX e início do XX.

Procurou-se também desenvolver algumas reflexões sobre a dinâmica e significado daquelas representações do discurso em relação ao contexto dado. Evidentemente estas reflexões não foram exaustivas. Esperou-se, entretanto, executar uma investigação no sentido de desvelar estas representações, além de detectar o esforço para detectar seus vínculos com um discurso oficial e “autorizado” dos profissionais e grupos dominantes de Curitiba; para que possam de alguma forma servir como subsídio, tanto para o estudo teórico do conceito de representação social, quanto para os outros estudos empíricos que venham a ser realizados sobre este mesmo objeto.

Esperou-se também, que principalmente os resultados aqui transcritos sirvam para uma melhor compreensão da Medicina Popular em Curitiba. E, ao mesmo tempo, que possam contribuir com futuras propostas para um Projeto de Saúde mais abrangente, que não desestime ou deixe de lado a rica e valiosa sabedoria popular.

Identificou-se que desde a virada do século XIX até as primeiras décadas do século XX, as práticas do curandeirismo foram atividades populares vinculadas estreitamente ao processo de controle sanitário, urbano e científico do projeto de Estado. Curitiba crescia dentro de padrões racionais e do ideal positivista e progressista exigidos pelo novo saber e técnicas do período, unido também a um conjunto de condições sócio-econômicas

paupérrimas vigentes que decorriam em uma escassez de profissional e má qualidade destes. Tal fato foi determinante para a conseqüente expansão das milenares práticas populares e do curandeirismo em particular.

Os curandeiros, na sua maioria, eram carentes de formação escolar e desconhecedores das bases, dos princípios e das teorias norteadoras da ciência médica e da sua normalização que se desenvolvia lentamente fora de seus alcances. Assim, o saber científico confrontava-se com o saber popular.

Um segmento cultural e social começava a se estruturar e a exigir uma legitimação de sua atividade. Assim, o corpo e número de especialistas da saúde, especialmente os médicos diplomados, aumentava e garantia um monopólio científico e profissional. Essa expansão encontrou, ao longo do período estudado, algumas resistências na maior parte da população que ainda preferia os serviços dos médicos populares.

Com o surgimento das Universidades em outros Estados, e com a fundação e estruturação da Universidade Federal de Paraná, com seus cursos ligados a saúde e as grandes indústrias; passou-se a discutir e legitimar mais nas Revistas e Jornais da época os assuntos relacionados à saúde e doenças, as técnicas da medicina, e de coibir cada vez mais a ação dos curandeiros.

Portanto, no período pesquisado, a plena predominância da medicina científica e dos médicos diplomados sobre a medicina popular e seus praticantes, de maneira como a conhecemos hoje em dia, não existia. Foi um período que se estendeu até a década de 1950 e que, foi caracterizado por conflitos e disputas para uma hegemonia que até então pertencia quase que exclusivamente aos curandeiros.

Através desses relatos analisados, efetuou-se também uma detalhada caracterização da figura do curandeiro e de suas diversas técnicas utilizadas na suas práticas. Isto teve como objetivo central recuperar a verdadeira dimensão e representação que se tinha sobre estes indivíduos.

Os artigos estudados podem ser entendidos se olhados em conjunto, como parte desta disputa que ocorria no período analisado. A técnica da análise do discurso escolhida se encarregou de interpretar a expressão de um pensamento social em relação às práticas médicas populares e sua legitimidade na sociedade em geral.

Os objetivos de quem escrevia eram desqualificar o curandeiro e o curandeirismo perante a opinião pública, como sendo práticas ineficazes, carregadas de ignorância e/ou charlatanismo. Encarregaram-se também de apontar os caminhos para eliminar esse tipo de práticas e seus agentes. As tentativas de reeducação da população, a melhor e maior formação de médicos diplomados e a punição e marginalização a essas práticas ditas ilícitas, através da elaboração de novas leis condenatórias, foram os caminhos apontados pelo Estado e também pela sociedade de Curitiba.

*Como um mal necessário*, aceito e legitimado pela população em geral, as práticas médicas populares mágico-religiosas, tanto nas áreas rurais como nas cidades, foram se intensificando, diversificando e aumentando até os dias de hoje. “Pajés”, “Curadores”, “Entendidos”, “Curiosos”, “Práticos”, “Feiticeiras”, “Bruxas”, “Espiritistas”; designados também como “Curandeiros”; foram homens e mulheres indígenas, negros, mestiços e descendentes de migrantes europeus na sua maior parte. Todos aconselhavam, receitavam e conheciam as doenças, tanto de ordem material ou física, como as de ordem imaterial ou espiritual.

Um aspecto importante para ser destacado na análise é o relacionado ao lugar da liderança do Curandeiro dentro do grupo social e cultural dado. Geralmente é líder, e não no sentido político do termo, mas sim como o agente social de uma comunidade que por possuir um conhecimento empírico e popular, permitia-lhe se apropriar de componentes imaginários e ideológicos que lhes conferia poder e prestígio e que legitimavam sua função e lugar dentro do grupo ou sociedade. Ele é um elemento de equilíbrio social e cultural que realiza compromissos irrealizáveis na ordem física e natural, ao ser capaz de conseguir acordos com deuses, espíritos antepassados, santos e outros, através de rituais efetivos que asseguram sua ancoragem na esfera sagrada.

Segundo as informações coletadas na pesquisa, a procura pelos serviços das benzedeiras, ervateiros, curandeiros e profissionais da medicina popular em geral, era bastante significativa, como se pode constatar nas fontes e gráficos (ver anexos).

Com isso, os curandeiros foram muitas vezes afastados do centro de Curitiba por ameaçar diretamente esse monopólio científico dos profissionais da medicina e da saúde oficial. Contra eles uniram-se policiais, boticários e farmacêuticos, jornalistas, humanistas,



médicos e juristas, com ideais progressistas que tentaram promover a perseguição, marginalização, condenação e controle sobre suas práticas, o que proporcionou uma clara amostra do pensamento e da representação social que se tinha das práticas médicas populares.

Compreendeu-se que a polêmica surgida nos jornais e especificamente no jornal *Diário da Tarde*, sobre o Curandeirismo e os Curandeiros, refletia o embate que se travava no período entre a cultura dominante que tentava-se impor à população e a cultura popular. Este tipo de fonte impressa e que representou o “discurso oficial autorizado”, permitiu acompanhar esse intenso debate que se realizava na sociedade curitibana sobre a questão, e sobre e as diversas ações estatais de reeducação e repressão às práticas populares de medicina, tão enraizadas desde as origens da população brasileira.

Neste contexto, a característica básica da representação social do curandeiro e de suas práticas médicas mágico-religiosas, poderá ser encontrada nos artigos e notícias utilizadas como fonte principal desta pesquisa.

Identificou-se no discurso jornalístico do *Diário da Tarde*, que as práticas de curandeirismo eram comumente associadas às de feitiçaria de forma geral englobando-as em um conceito mais amplo da medicina popular mágico-religiosa.

De modo que partiu-se da idéia de que a medicina popular mágico-religiosa esta apoiada não só em critérios científicos -orgânicos e biológicos- senão também sobre critérios que remetiam a crenças e práticas culturais, que operava com outro tipo de racionalidade. Por isso insistiu-se na importância da sua significação simbólica em relação à cultura.

Intentou-se também dar respostas a questões como: teve os fatores culturais algum significado terapêutico?. Quais eram os métodos e técnicas, meios e valores culturais operativos, sobre os que se fundaram os seus sistemas médicos mágico-religioso?. Eram eficazes esses meios dentro da medicina popular e de seus agentes?. Quais eram os mecanismos para sua eficácia?. Embora todas estas questões não fossem colocadas como objetivos iniciais, não deixaram de ser úteis como linhas norteadoras para uma reflexão mais ampla da problemática.

Considerou-se o fenômeno médico mágico-religioso como um fato social, cultural, coletivo formal, ritual e tradicional, que supôs uma solidariedade de crenças e sentimentos, e cuja eficácia foi reconhecida socialmente pelo grupo ou sociedade em geral. Então, nesta análise foi considerado o Curandeirismo como uma prática médica, mágica e religiosa com lógica própria e com um valor simbólico carregado de válidas significações.

Se as práticas do curandeiro existem ainda hoje foi devido –entre outros fatores- a sua eficácia simbólica no grupo social e contexto histórico no qual funcionaram. No ato mágico-religioso a eficácia se manifestou com o curandeiro no sentido de que ele mesmo acreditava na eficácia de seu saber. Em segundo lugar, o paciente acreditava no poder do curandeiro e por último, no reconhecimento social e culturalmente compartilhado da eficácia de seus procedimentos. A crença nessa eficácia foi reforçada reciprocamente. Assim, a confiança do curandeiro na sua sabedoria e no seu conhecimento estimula a fé do paciente no seu procedimento terapêutico e vice-versa.

Em fim, as atividades do curandeirismo como práticas médicas, mágicas e religiosas constituíram-se um fenômeno essencialmente histórico e cultural, cujo aparecimento e desenvolvimento estão condicionados pela relação tempo-espço. Dentro de cada coletividade, estas desempenharam uma função específica.

Mas os elementos de crenças e práticas mágico-religiosas da população curitibana, apesar de toda essa pressão sofrida, não desapareceram. As práticas do Curandeirismo permaneceram no tempo e conservaram-se às crendices, superstições e a sabedoria popular paralelamente ao desenvolvimento tecnológico.

Curas milagrosas, ritos catárticos, palavras cabalísticas, ervas e raízes, crenças construídas sobre a base de um imaginário que atou e pelo mesmo foi vivido como real. Aonde a medicina foi insuficiente ou fracassa, apareceu a esperança de uma outra resposta. Uma soma de diagnósticos e tratamentos que tomaram em conta a rica diversidade e complexa existência humana, entretecendo ligações até invisíveis entre o subjetivo e o objetivo, entre o consciente e o inconsciente, entre o material e o imaterial, em um universo recarregado de significações em meio do qual brotou o rico manancial do inesperado.

**REFERENCIAS DAS FONTES  
E DA BIBLIOGRAFIA**

## REFERÊNCIAS DAS FONTES E DA BIBLIOGRAFIA

### 1. FONTES

#### 1.1 JORNAIS

DIÁRIO DA TARDE (1899-1912)

DEZENOVE DE DEZEMBRO (1899)

#### 1.2 REVISTAS

OLHO DA RUA

REVISTA ESFINGE (1900)

#### 1.3 DOCUMENTOS OFICIAIS

OMS. **Organização Mundial da Saúde. Informe de Reunión: Promoción y desarrollo de la medicina popular.** Ginebra. Serie de Informes Técnicos. 1978. p. 8.

SINDICATO MEDICO DO PARANA. **Estatutos.** Curitiba. s/d.

#### 1.4 PUBLICAÇÕES DO PERÍODO

GUZMÃO, Antonio C. **Liberdade Profissional.** Curitiba. Imprensa Oficial. 1901. p. 65

#### 1.5 DICIONÁRIOS

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** São Paulo: Ed. Cultrix, 1954.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Diccionario de Símbolos.** São Paulo: Ed. Moraes, 1984.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS OCULTAS. São Paulo: Ed. Três, 1973.

DICIONÁRIO ENCICLOPEDICO HISPANO-AMERICANO DE LITERATURA, CIENCIAS y ARTES. Tomo 5. España: Montaner y Simón Editores, 1890. p. 1588

ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEO AMERICANA. Tomo XV. España: Edit. Espasa Calpe, S.A, 1930. p 1196.

FERREIRA, Aurélio B. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1975.

GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA e BRASILEIRA. Vol. VIII. Lisboa: Edit. Lisboa, 1940. p. 290-291.

MORAES S., A et alii. **Diccionario de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Litho-Typographia Fulminense, 1922.

## 2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 2.1 LIVROS E TESES

ALVARENGA, Oneyda. **Catimbó**. São Paulo: Discoteca Pública Municipal, 1949.

BALHANA, Carlos. **Idéias em Confronto**. Curitiba: Graficar, 1981

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso**. Fundamentos Semióticos. São Paulo: Ed. Atual, 1988

BASTOS, Abguar. **Os cultos mágico-religiosos no Brasil**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1979.

BERTIN, Jacques. **A Neográfica e o Tratamento Gráfico da Informação**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1986.

BLOCH, Marc. **Introdução á história**. Lisboa: Ed. Europa-América/Mem-Martins, 1976.

BOURDÈ, Guy. E H. MARTIN. **As Escolas Históricas**. Portugal: Publicações Europa-América, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.

----- **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996

BRANDÃO, Helena. **Introdução à Análise do Discurso**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.

BRUCKNER, D. **O Médico homeopata da família**. Rio de Janeiro: Ed. Almeida Cardoso e Cia, 1927.

BURKE, P. **A Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1989.

CABALLERO, Oscar. **Las medicinas marginadas**. Madrid: Ed. Guadarrama, 1975.

CAMARGO, Maria. **Medicina Popular**. São Paulo: Cadernos do Folclore 8, 1976

CAMPOS, Eduardo. **Medicina Popular, Superstições, Crendices e Mezinhas**. Rio de Janeiro: Ed. Casa do Estudante, 1955.

CARVALHO, Antonio C. Duarte. **Curandeirismo e Medicina**. Londrina: Ed. UEL, 1999.

CARDOSO, Jayme & C. WESTPHALEN. **Atlas Histórico do Paraná**. Curitiba: Curitiba Projeto, 1981.

CARDOSO, Ciro e H. PEREZ. **Os Métodos da História**. Rio Janeiro: Graal, 1983.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Superstição no Brasil**. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1985.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim – O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro DA Belle Époque**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

COSTA, Jurandir F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio Janeiro: Ed. Graal, 1979.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: Uma Introdução a Antropologia Social**. São Paulo:

DAUMARD, A **Cinco aulas de História Social**. Salvador: Universidade Federal de Bahia, 1978.

----- et alii. **História Social do Brasil: Teoria e metodologia**. Curitiba: Ed. Universidade Federal do Paraná, 1984.

DENIS, León. **Depois da morte**. Rio de Janeiro: FEB, s/d. p. 157.

DUBY, Georges. **A História Continua**. Rio Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

ELIADE, Mircea. **Shamanism, archaic techniques of ecstasy**. Princeton: Princeton University Press, 1974

----- . **Imagens e Símbolos**. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

FIELDING, William. **Estranhas superstições e práticas de magia**. São Paulo: Ed. Assunção, s/d.

FOUCAULT, M. **O Nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1980.

----- **As Palavras e as coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1987.

----- **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1971.

----- **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996

FREYRE, Gilberto. **Vida social no Brasil nos meados do S. XIX** Rio Janeiro: Ed. Artemora, 1977.

----- **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros de S. XIX**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

FREYRE, G. et alli. **A Imprensa como objeto de estudo das ciências sociais**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP, 1970

GANZ, Ângela L. **Vozes do diálogo: mães e médicos na Curitiba de 1910-1935**. Dissertação de Mestrado do Departamento de História. Curitiba: UFPR, 1996.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio Janeiro: Zahar, 1978.

GRAF, Márcia Elisa . **Imprensa periódica e escravidão no Paraná**. Curitiba: Secretaria do estado da Cultura e do Esporte, 1979.

GREIMAS & LANDOWSKI (Eds). **Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales**. Paris: Ed. Hachette, 1979.

GUIMARÃES, R. (org) **Saúde e Medicina no Brasil: Contribuição para um Debate**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HAINING, Peter. **Magia negra e feitiçaria**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1971.

HERSCHMANN, M. **A Invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Editorial Rocco, 1994.

- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KENNY, M. e J. MIGUEL (Org.) **La Antropología Médica en España**. Barcelona-España: Editorial Anagrama, 1980.
- LANGER, Johnni. **Feitiçaria em Curitiba (1899-1945)**. Monografia apresentada na UFPR de Curitiba: Universidade Federal de Paraná, 1992. (mimeo)
- LAPLATINE, François e P. RABEYRON. **Medicinas paralelas**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Ed. Martins Fontes,
- LYNN, Hunt. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LYONS, A e PETRUCCELLI, J. **Historia de la medicina**. Barcelona-Espanha: Ediciones Doyma, 1987
- LOYOLA, Andréa. **Médicos e Curandeiros (conflito social e saúde)**. São Paulo: DIFEL, 1984.
- LUZ, Madel. **Medicina e ordem política brasileira**. Rio Janeiro: Ed. Graal, 1982.
- MACHADO, Roberto et alii. **A danação da norma**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1978.
- MANDROU, Robert. **Magistrados e feitiçeiros na França do séc. XVIII**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.
- MARCHESINI, Marcia M. **Os Inimigos do Rei Clero: A Imprensa Anticlerical Anarquista Paranaense (1890-1920)**. Curitiba: Dissertação apresentada no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 1992. (mimeo)
- MARTIN, Gustavo. **Teoria de la Magia y la Religión**. Caracas: EIDEA, Artes Gráficas. 1983.
- MARTINS, Romário. **História do Paraná**. São Paulo: Ed. Rumo, 1993.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Madrid: Edit. Tecnos, 1971.
- MONTERO, P. **Magia e Pensamento mágico**. São Paulo: Editora Atica, 1986.



----- **Medicina Popular e Relações de Poder.** S/d. (mimeo)

MORAES PAZ, F. **Na poética da história na realização da utopia oitocentista.** Tese de Doutorado em História. Curitiba: Universidade Federal de Paraná, 1995. (mimeo)

MORIN, Edgar. **Le vif du Sujet.** Paris: Ed. Du Seuil, 1969.

NOGUEIRA, Carlos R. **Bruxaria e História.** São Paulo: Editora Atica, 1991.  
OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é a medicina popular.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. (org). **Palavra, fé e poder.** Campinas: Ed. Pontes, 1987.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do obvio.** São Paulo: Editora da Unicamp, 1988.

PILOTTO, Osvaldo. **Cem anos de Imprensa no Paraná.** Curitiba: Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1976

PIMENTA, Tânia S. **‘Artes de curar: um estudo a partir dos documentos da Fisicatura-mor no Brasil do começo do século XIX’.** Unicamp: Dissertação de Mestrado. Campinas, 1997. (mimeo)

QUINTAS, Amaro. **Noticias e anúncios de jornal.** Recife: Prefeitura Municipal. Departamento de Documentação e Cultura, 1953.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias.** Rio Janeiro: Francisco Alves Ed, 1977.

RUSSELL, Jeffrey B. **História da Feitiçaria.** São Paulo: Serie e Somma, s/d.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo Central das Representações Sociais.** Petrópolis: Editora VOZES, 1996.

SANTOS FILHO, L. **História geral da medicina brasileira. Vol. 1 y 2.** São Paulo: HUCITEC, 1991.

SCHWARCZ, L. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

----- **O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870-1930).** São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SIGOLO, Renata P. **A Saúde em frascos: concepções de saúde, doença e cura (1930-1945)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

SIQUEIRA, Márcia D. **A Saúde e Doença na Província do Paraná (1853-1889)**. Tese de Doutorado em História. Curitiba: UFPR.

----- **Associação Médica do Paraná (60 anos de história)** Curitiba: AMP, 1993.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1986.

----- **A feitiçaria na Europa Moderna**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

SPINK, Mary J. (org.) **O Conhecimento no Cotidiano: As representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1995.

STEPAN, Nancy. **Gênese e evolução da Ciência Brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1976.

TRINDADE, Etelvina M. **Clotildes ou Marias: Mulheres de Curitiba na Primeria República**. Curitiba: Farol do Saber, 1996.

VERVLOET, A e O ORLANDI. **Homeopatia ou alopattia?**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

WEINHARDT, Marilene. **Mesmos crimes, outros discursos?: algumas narrativas sobre o Contestado**. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2000.

WESTPHALEN, C. M., BALHANA et alii. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.

## 2.2 ARTIGOS

BARZ, Elton. *Curitiba e planejamento urbano*. In: **A cidade e o meio ambiente**. Curitiba: Pref. Municipal, 1992. p. 07.

CESAR, Getulio. *Curandeiros e rezadores*. In: **Crendices do Nordeste**. Fortaleza: Ed. Pongetti, 1940. p. 169

CHARTIER, Roger. *O Mundo como Representação*. In **Estudos Avançados** 11(5). 1991.

CORDIOLLI, M.A *O Olhar de um ponto diverso. As gênese de um idílio: A trajetória de Dario Vellozo (1890-1909)*. In: **O viver em uma sociedade**

**urbana – Curitiba 1890-1920.** Boletim do Departamento de História da UFPR. Curitiba: Imprensa Universitária, 1989.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa.* In: **Os Pensadores.** São Paulo: Abril Cultural, 1968.

FÁVERO, Flaminio. “*O exercício ilícito de Medicina no Novo Código Penal*”. In: **Medicina Social.** N.4. vol 1, julho/agosto de 1947, p. 227.

FENELON, Dea R. *Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa.* In: **Projeto História.** São Paulo: (10). Dez, 1993.

FERREIRA, J.M. *Rituais mágicos do campo.* In: **Magia.** 1(9) São Paulo: Ed. Três, s/d.

FIGUEIREDO, B. G. *Barbeiros e cirurgiões: atuação dos práticos ao longo do século XIX.* In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos** VI(2): 277-291, jul.-out. RJ: 1999.

FORTES, M. *Foreword.* In: **London, J. B. (org.) Social Anthropology and Medicine.** . Londres: London Academic Press, 1976.

FOSTER, George. *Relaciones entre la Medicina Popular Española y Latinoamericana.* In: **La Antropología Médica en España** (Org. M. Kenny e J. Miguel). Barcelona: Edit. Anagrama, 1980.

GOUBERT, Jean-Pierre. ‘*L’arte de guérir. Médecine savante et médecine populaire dans La France de 1790*’ . In **Annales –économies, sociétés, civilisations.** Francia: 1977

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Botica da natureza.* In: **Caminhos e fronteiras.** Rio de Janeiro: Livraria J. Olympio, 1957.

JODELET, Denise. *Representations sociales: phénomènes, concept e theories.* In: **Moscovici, S. (org) Psychologie sociale.** Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

LÉVI-STRAUSS, C. *Magia e Religião.* In **Antropologia Estrutural 1.** Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1970.

MARTINS, Romário. *Catálogo dos jornais publicados no Paraná (1854-1907).* In: **Boletín Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense.** Curitiba: 23:107-248, dez, 1974.

MEROLA, Giovanna. *Interés actual por la medicina popular*. In **Plantas Medicinales para la mujer**. Caracas: Vadell Hnos Editores, 1986.

MOSCOVICI, Serge. *Prefácio*. In: **Guareschi, Pedrinho, Jouchelovitch, Sandra: Textos em representações sociais**. Rio Janeiro: Vozes, 1994.

NUNES, E. *As Ciências Sociais em Saúde: reflexões sobre as origens e a construção de um campo de conhecimento*. In **Saúde e Sociedade**. 1 (1):59-84. São Paulo: 1992.

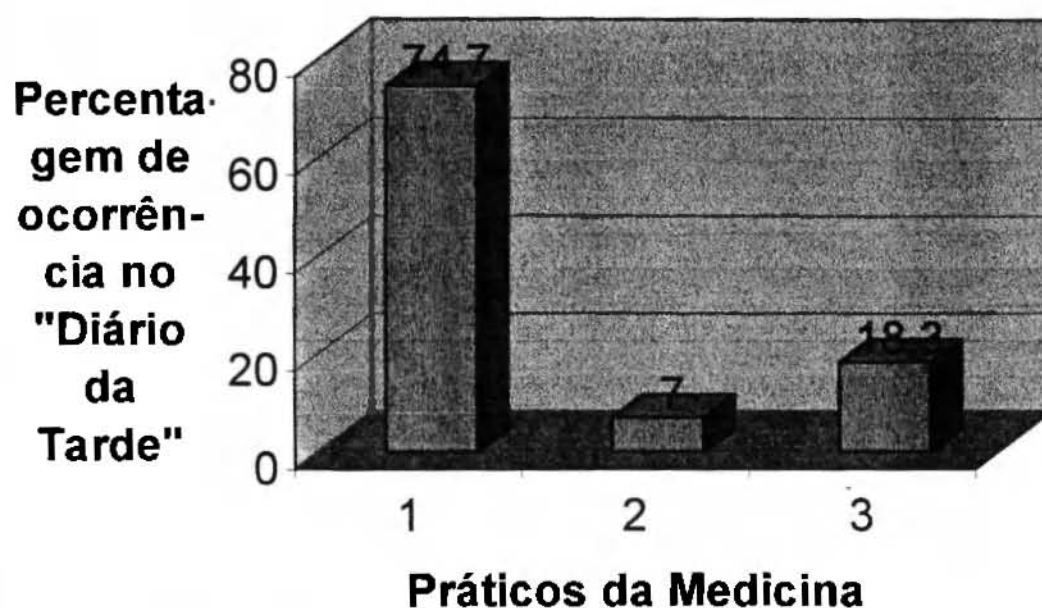
PONTY, M. *De Mauss a Claude Levi-Strauss*. In **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PRESS, Irwin. *The urban curandero*. In **American Anthropologist**. U.S.A: pp 73:741-756. 1971.

SPINK, Mary Jane. *O Estudo empírico das representações sociais*. In (Org) **O conhecimento cotidiano, as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

## **ANEXOS**

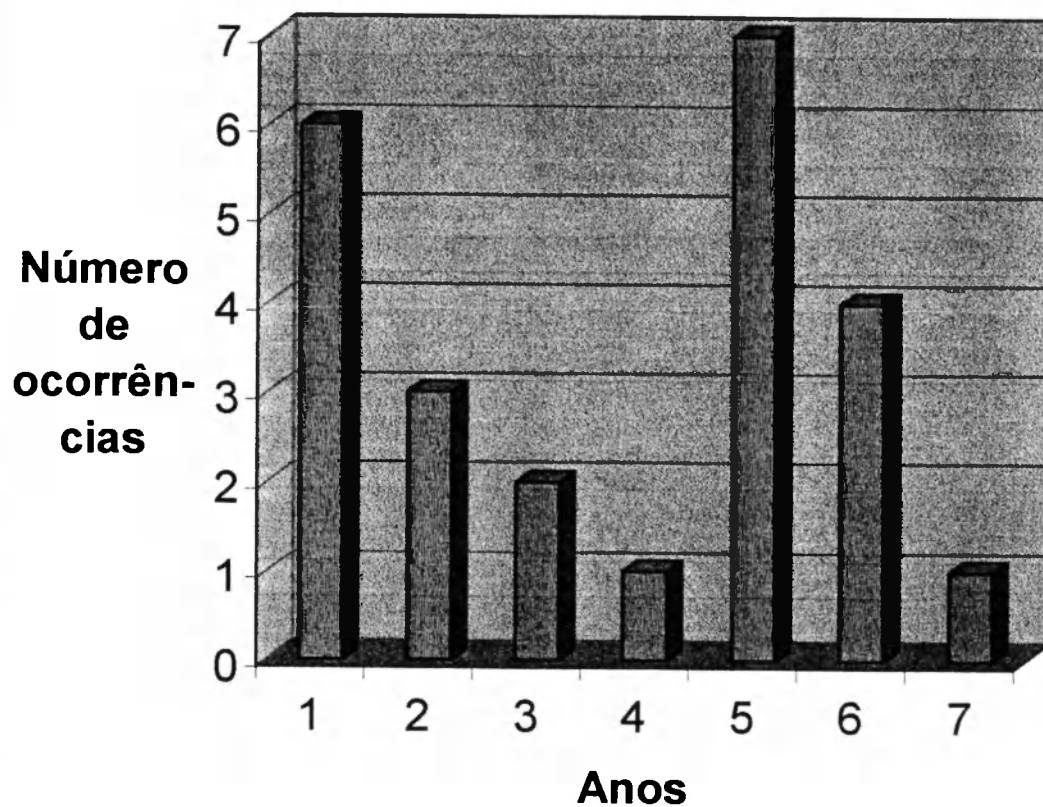
### Sistema de Saúde em Curitiba (1899-1912)



**Legenda:**

- 1- Curandeiros (as), Benzedeiras, Feiticeiras, Bruxas e Espiritas.
- 2- Parteiras diplomadas.
- 3- Médicos e Boticários

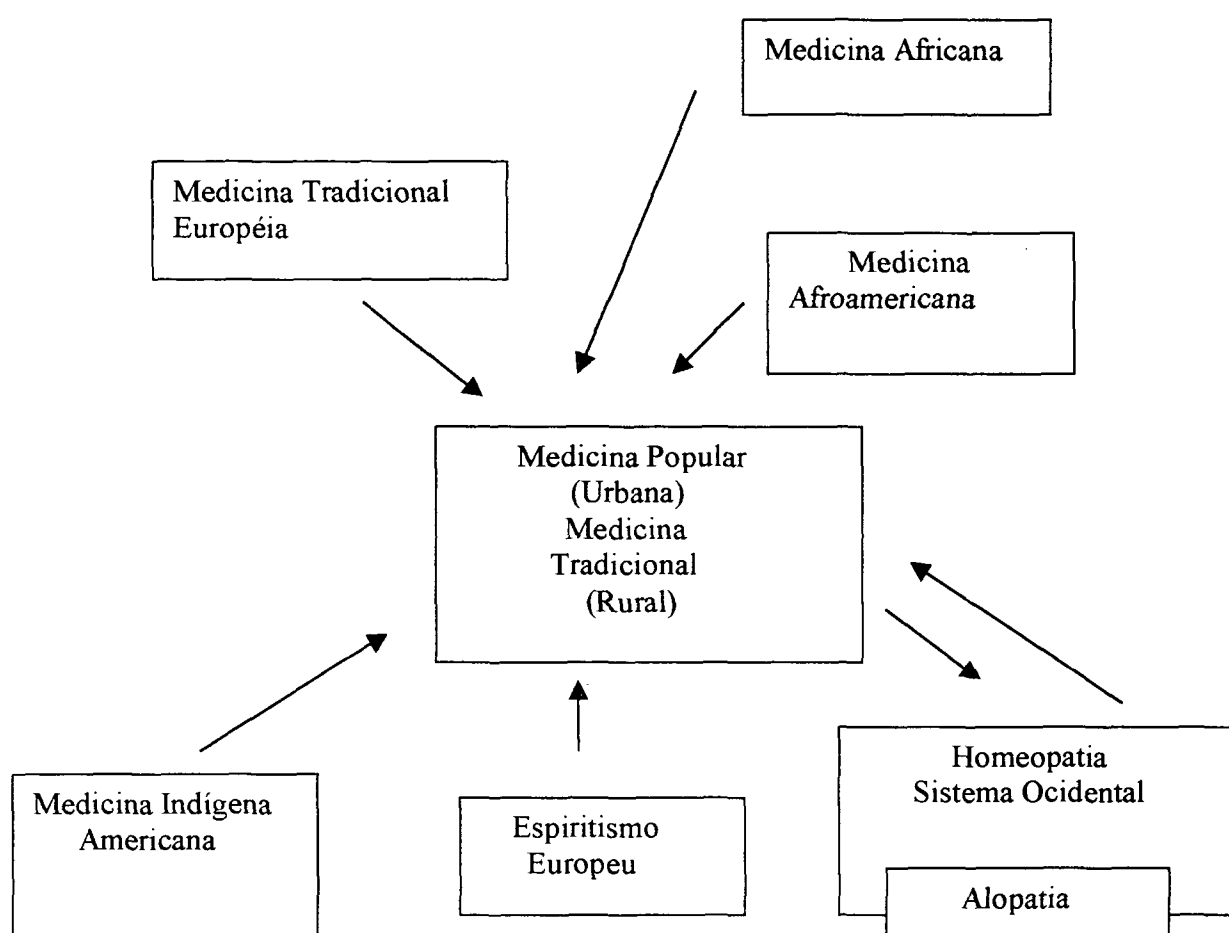
### Curandeirismo em Curitiba (1899-1912)



Legenda:

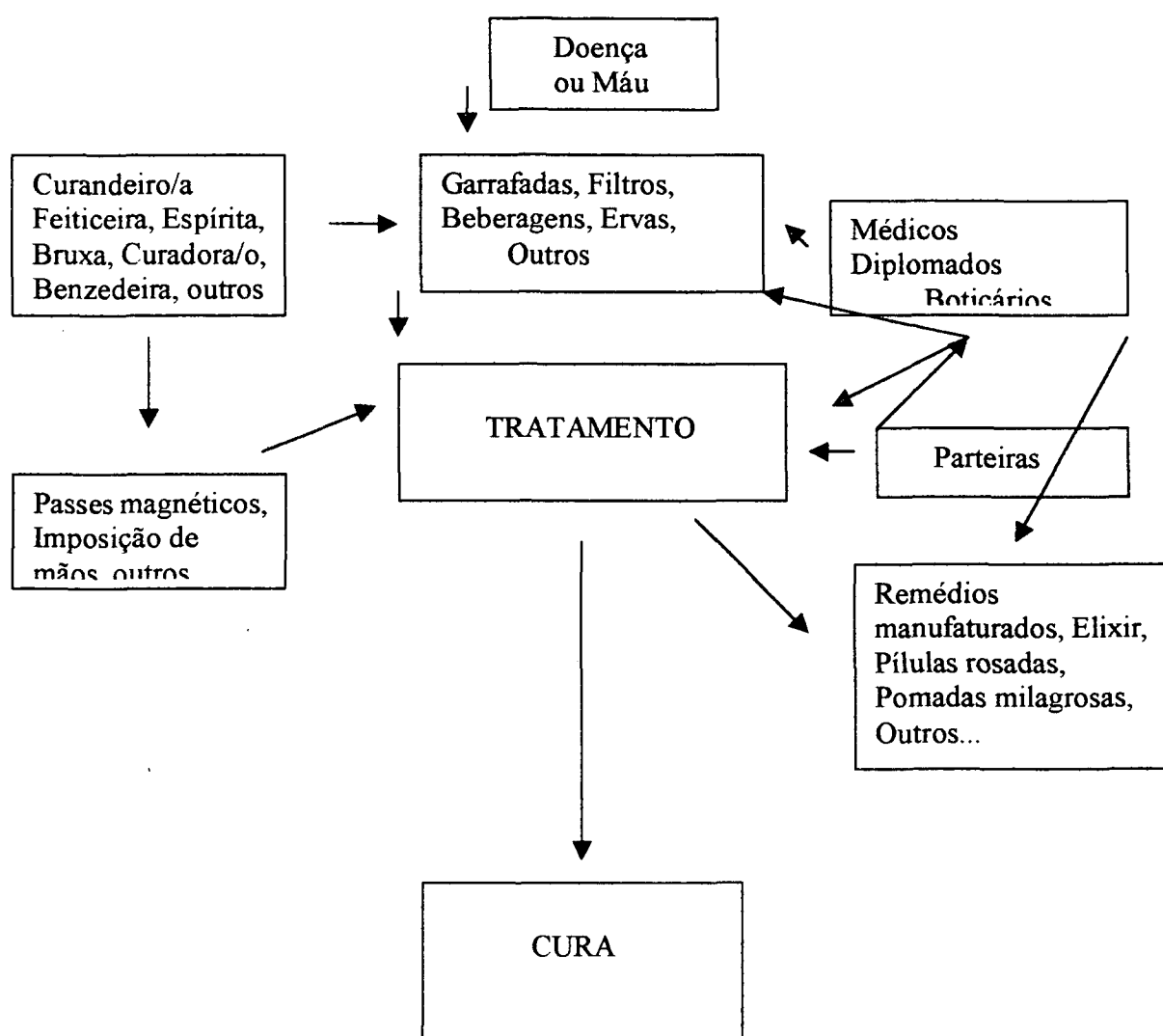
- 1- ano de 1899
- 2- ano de 1900
- 3- ano de 1901
- 4- ano de 1902
- 5- ano de 1903
- 6- ano de 1906
- 7- ano de 1907

**RECONSTRUÇÃO HISTÓRICO-ANTROPOLOGICA  
DAS RAIZES DO CURANDEIRISMO EM CURITIBA  
ENTRE OS ANOS 1899-1912:**





## RECONSTRUÇÃO DO SISTEMA DE SAÚDE DE CURITIBA ENTRE OS ANOS 1899-1912



**RELAÇÃO DE DOENÇAS MENCIONADAS NO “DIÁRIO DA TARDE”  
(1899-1912) RELACIONADAS AO CURANDEIRISMO  
(MANTEVE-SE A GRAFIA ORIGINAL)**

<b>DOENÇA</b>	<b>PERÍODO</b>
1. Dor de dentes	1899
	1903
2. Enguiço	1900
3. Cobreiro	1900
4. Cephalalgia	1900
5. Hemophyse	1900
6. Syphiles	1900
7. Edema Pulmonar	1901
8. Inflamação dos olhos	1901
9. Tuberculose	1901
10. Paralisia	1903
11. Barriga de água	1903

## Secção alheia

### Praga de curandeiros

Sofria eu, uma pobre mulher, de uma molestia e levado por maos conselhos me mandaram consultar com um curandeiro Cavalcanti, que anda por ahi se inculcando medice e sacrificando os pobres doentes.

Como eu não melhorava, me indicarão uma velha que mora na praça Tiradentes, a qual me cobrava trinta mil reis por cada garrafa de remedio que me dava e dizia que minha duença era de natureza que nenhum medico era capaz de me curar.

Depois de ter gasto muito dinheiro inutilmente com essa feliceira, que devia ser chamada á policia, me indicarão uma outra que mora na rua Dr. Pedrosa, que me cobrava sete mil reis por garrafa.

Tendo gasto muito sem resultado, a ponto de quasi ser preciso vender minha casa para pagar esses exploradores da ignorancia do proximo, fui consultar um medico que em poucos dias me curou.

Perdi meu dinheiro, mas gahel experiencia. Torno isto publico para prevenir as simples como eu, e para pedir providencias á policia e ao governo contra essa sucia de curandeiros, exploradores da desgraça do proximo.

B. M.

## UM CURANDEIRO

Já parece passado nesta cidade o tempo dos cartomantes, ainda não passou porém o das bruxarias. A prova vai ver o leitor. Pedro—o curandeiro, assim é conhecido um velho herbolario que nos dizem residir numa casinhola para as bandas do alto de S. Francisco. Trata de todas as doenças por meio de medicamentos que sabe preparar e dos quaes, com cautella, guarda os segredos.

De todas as bandas accorrem doentes á casa de Pedro e á todos, em troca de qualquer 100 reis, vai elle prestando o auxilio da sua *sciencia*.

A verdade, porém, é que hontem foi á sua residencia um individuo atacado de fortes dores de dente e o curandeiro deu-lhe para cura sal e aguardente misturados numa plasta de ortigas.

Ao ser, porém, collocado o remedio no *vao* do dente, tal foi a dor sentida pelo paciente que desatou este num berreiro capaz de acordar uma sphynge. O facto chamou muita curiosidade e, se o curandeiro não soffreu uma roda de pau, deve

## O século XX

Conquistas da Sciencia

(Continuação)

Tem antecedentes e correlações physiologicas necessarias os actos psychicos, que muitas pessoas pretendem ainda attribuir a motivos mysteriosos.

O professor Henry Maudsley foi uma das autoridades scientificas, que melhor precisaram essa questão de Physiologia do Espirito.

A influencia observada experimentalmente dos centros nervosos sobre os actos do espirito, e vice-versa, a reacção d'este sobre o cerebro, que tem de transmittir, mediante outros nervos que vão á peripherie do corpo, taes impressões psychicas sob a forma de movimentos,— dão lugar a que em certos casos, como diz o escriptor acima: os movimentos tendo por motor uma idéa podem ter lugar sem a intervenção, não só da vontade, mas também da consciencia; se executão automaticamente, como as acções do somnambulo, sob a influencia d'uma idéa ou d'uma série de idéas, de que a consciencia do individuo não está activamente affectada.

mento dos sentidos, nos phenomenos citados, por quanto a regra d'aquelles que evocam os espiritos d'um mundo desconhecido, é de estarem dominados por uma idéa preconcebida. Tal foi o modo de proceder de todos os mercadores de milagres, em todas as épocas. Tanto para ver um milagre, como para ver um espirito, é preciso estar-se bem persuadido de ante-mão de que se hade vê-lo.

Detivemos-nos, n'esse assumpto de Physiologia Cerebral, mais do que não desejaramos, por ser do real opportunitado a intervenção da sciencia no mesmo, pois que na entrada já do século XX acaba-se de ver reunir-se em Paris um grande Congresso de espiritismo!

E' opportuno arredar a invasão de taes pretensões ultra-metaphysicas dos dominios da Physiologia Cerebral, porquanto é justamente esse ramo das sciencias biologicas que dá accesso à ultima sciencia positiva, a Sociologia, cujos progressos dependem ainda das novas investigações a effectuar durante o século XX, e que porisso quiz-se também avocar para a categoria dos conhecimentos mysteriosos.

## Fallecimento

SEM ATTESTADO MEDICO

CURANDEIRO

AUTOPSIA

Relativamente a noticia que damos hontem, sob as epigraphes acima, o sr. capitão Paulo Assumpção, commissario da 1.ª circumscripção, enviou hoje ao sr. dr. chefe de policia a seguinte parte:

Hontem pela manhã, apresentou-se no commissariado da 1.ª circumscripção um individuo de nacionalidade italiana, dizendo ter fallecido no dia anterior um

seu cunhado de nome Clavio Molinari, com a declaração de não ter tido assistencia medica.

Dirigi-me logo ao sr. dr. Loyola, medico legista, afim de providenciar a respeito.

Mais tarde apresentou-se-me um outro cunhado de Molinari o qual, exhibindo uma receita do sr. dr. Espindola e avariada na pharmacia An Iré, declarou ter sido o morto medicado nos ultimos dias por esse facultativo, mas que lho fôra pelo mesmo recusado attestado de obito.

De accordo com os Drs. Lemos e Loyola, medicos legistas da policia mandei convidar o sr. dr. Espindola a comparecer na repartição central afim de explicar-se sobre o caso.

Declarou então o sr. dr. Espindola que apesar de ter receitado para o doente que julgou affectado de tubercu se pulmonar, não se achou habilitado a attestar o obito, visto como o doente tinha sido anteriormente tratado por um curandeiro, sendo só chamado a ver o doente *in extremis*.

## FEITIÇO

Uma cruz  
HOMEM ATERRORISADO

Na rua Cabral

Na rua Cabral, em horas mortas da madrugada, Benedicto Ribas, ouviu o portão da casa onde reside abrir-se com leve rumor, sentindo em seguida passos no terreiro, bem como um farfalhar de ramos violentamente sacudidos.

Ao abrir uma janella para ver que nova era aquella, viu um vulto correr, fechando o portão.

Indo lá fora scientificar-se do facto: Benedicto encontrou jogada no portal, junto á uma escada, uma cruz feita de ramagema, tendo uma pedra branca no centro.

Assombrado com o occorrido, o inquilino daquella casa despertou a vizinhança para mostrar aquellas artes do diabo.

Benedicto acha-se profundamente abatido e impressionado com o facto, julgando que foi victimado de uma forte feitiçaria.

A sua residencia fica junto ao sobrado que o sr. Joaquim Queiroz tem naquella rua.

## Espiritismo

Escrevem-nos o seguinte:

«Em Campo Largo tem se desenvolvido de um modo mal entendido esta doutrina perigosa afastada dos seus principios.

Existe naquella cidade uma mulher que serve de *medium* e nas suas sessões revela o pensamento dos espiritos de accordo com os seus interesses, e a proveita o fanatismo e a credulidade de uns, dando pasto a perversidade e aos máus instinctos de outros, trazendo porisso como consequencia a separação de familias. Estes factos são attestados pelos desenlace que alli se deram ultimamente.

Pedimos ao Sr. Dr. Chefe de Policia que se digne providenciar no sentido cohibir o abuso que dia a dia vai ferindo a sociedade e destruindo a paz no seio da familia.»



# Sensacional

## PHENOMENOS ESPIRITAS

Encontramos no ultimo numero da *Doutreina*, que se publica nesta capital:

«O nosso Estado tem sido firmemente theatro de muitos factos reveladores das relações do mundo material com o espirital, factos esses que, competentemente examinados e comprovados por pessoas de nossa inteira confiança, hão sido publicados nas columnas do nosso modesto periodico. Agora, para augmentar a lista dos phenomenos psychicos operados em nosso meio, cumpre-nos relatar as occurrencias da casa do sr. capitão do exercito Domingos do Nascimento, á rua 13 de Maio, occurrencias essas que, nesta capital, já estão nãis ou menos no dominio do conhecimento publico.

Eis como se têm dado os factos a que alludimos:

De algum tempo a esta parte, as pessoas da familia do referido militar começaram a observar que uma influencia occulta vive como que a burlar as suas lides e occupações domesticas, transportando, invisivelmente, de um logar para outro os objectos de uso familiar, desarrumando as roupas das camas, etc.

## Curandeiro famoso

### CURAS MARAVILHOSAS

#### Na rua S. José

Para cumprimento da promessa que fizemos aos leitores do *Diário*, destacamos um dos nossos repórteres para colher pormenores sobre o curandeiro, que tanto preocupa a atenção de grande parte da população curitybana.

Eram 5 horas da tarde, quando saltamos hontem do bond em frente á casa do sr. Joaquim de Souza Oliveira, onde se acha hospedado Sebastião Mariano da Silva, nome do curandeiro.

Varios carros achavam-se parados á porta e grande numero de pessoas ali se encontravam.

O sr. Joaquim de Oliveira recebeu-nos amavelmente; disse-nos, porem, que Sebastião achava-se ausente n'aquelle momento, pois fôra chamado para ver um enfermo; mas certamente pouco demorar-se-ia porque ha muito havia saído.

Emquanto Sebastião não chegava, o reporter do *Diário* resolveu, por estar perto da residencia da celebre cartomante Palmyra, fazer uma visita a esta, uma vez que estava em pleno terreno da feliçaria.

Batemos á porta e appareceu de prompto uma moça, que reconhece-mos ser a cartomante.

Infelizmente não nos foi dado colher informações, porque Palmyra, desconfiando talvez da nossa

o homem não tem mãos a medir; carros postados á porta para que vá até a casa de doentes; chamados de toda a parte, consultas á todo momento. E' um verdadeiro rosario de povo.

Procuramos informar-nos das curas, e pessoas de conceito que ali se achavam relataram-nos estas :

A joven Julia Muron, residente a rua Silva Jardim n.º 68, soffria ha anno e meio de uma doença nas pernas que não lhe permittia andar senão apolada em outra pessoa.

Arrimada ao braço de sua irmã andando com os pés arrastados, Julia foi consultar o curandeiro.

Este concentrou toda a sua força magnetica sobre a parte enferma e depois de algum tempo, disse resolutamente para a joven :

—Ande sosinha.

Ella teve recelo de cahir, mas qual não foi o seu espanto quando caminhou firmemente.

A irmã começou então a chorar de alegria, tão grande foi a emoção que recebeu.

Julia foi sosinha para casa, tendo descido um degrao sem embaraço.

Outra cura alcançou Sebastião na pessoa da mulher de Adriano Joaquim da Silva, servente da repartição dos Correios.

A esposa do sr. Adriano ha dous annos estava no fundo de uma cama, soffrendo de paralyisia.

Sebastião tem deixado-a muito melhor, pois ja conseguiu fazel-a andar.

## Fallecimento

*Sem atestado medico*

**Curandeiro**

### AUTOPSIA

Flavio Mulinari era morador à rua da Graciosa e pai de 9 filhos.

Achando-se seriamente enfermo, recorreu hontem a um distincto clinico, que o encontrou em estado de extraordinaria gravidade.

Soube então alli o referido clinico, que o enfermo estava sendo ha muito tempo tratado por um dos tantos curandeiros, que avultam nesta cidade.

Mulinari falleceu hontem, recusando-se o medico a dar o atestado de obito, o sr. dr. chefe de policia ordenou ao sr. dr. Loyola, medico legista, para proceder autopsia no cadaver, o que será feito amanhã.

## O occulto entre os aborígenes (Brasil)

9. Os aborígenes consultavam-nos em suas enfermidades, para que lhe lhes explicassem os sonhos, para o confeccionar de amuletos e talismãs; iam pedir-lhes os philtres secretos que davam aos vivos a faculdade de subir à mansão dos mortos, em longos sonhos lucidos e mysteriosos.

Os grandes actos da vida eram determinados pelos sonhos. Não se moviam para a guerra, não iam à caça ou à pesca, ou a excursões, não mudavam de *tuba*, sem que fossem avisados em sonho.

Algunhas de suas festividades se realisavam após a *canção divina*, dada em sonho.

Os espiritos, intermediarios entre *Monum* e o indigena, transmitiam-lhe a vontade suprema, cuja interpretação o *pagé* explicava.

10. Seus oráculos eram conseguidos de diversos modos.

Usam alguns de um cabaco a modo do caboco do homem fugida, com cabollos, orelhas, narizes, olhos e bocca; estriba esta sobre uma fraza, como sobre pedreira, e, quando querem dar seus oráculos, fazem fumo dentro deste cabaco com folhas secas de tabaco queimadas; e do fumo que sae pelas orelhas, ouvidos, e bocca da fugida caboca, recebem pelos narizes tanto, até que com elle ficam perturbados... (1)

13. O conhecimento de praticas do magnotismo era geral entre os sacerdotes, empregando os *pagés*, ainda hoje, a *insufflação*, como agente therapeutico.

Produziam phisnomonias sorprendentes com o emprego de certos vegetaes, de propriedades occultas.

14. Algunhas plantas gozavam de virtudes miraculosas.

O *cumaci* era o fetiche da liberdade. Preso um guerreiro, por mais forte que fossem as ligaduras, acreditavam que, em se lhe soprando nas cordas o *cumaci* pulverizado, affrouxavam os laços e se desprendia o prisioneiro.

O *fujá* era o fetiche das peccarias; possuia a propriedade de attrahir os peixes.

15. Mythes celestes enriqueciam a Theogonia: muitas constellações recebiam nomes particulares: A *estrella da alva* (Venus) chamavam *Piru-punem* (piloto da manha).

Entre as constellações distinguiam:

*Urgno umoren* (o caranguejo);

*Issuten* (uma ave);

*Canomi munipoeré uard* (o rapaz que como *manipoi*);

*Iun:ulsen* (o avestruz branco);

*Pniand* (o homem velho);

*Tupili* (a lobro);

*Gnoputon* (o forno da mandioca);

*Ianard* (*iagnurá*) — (a onça; — o grande cão).

# Envenenamento

Em Campo Largo

## Um curandeiro

### BEBERAGEM FATAL

## Exumação

## Autopsia

### Pormenores

O *Diário* de ante-hontem noticiou que o sr. dr. Costa Carvalho, chefe de policia, recebera um despacho telegraphico de Campo Largo, communicando-lhe ter sido inhumado no cemiterio daquella localidade o cadaver da esposa do sr. Sergio Campos, cuja morte se suppunha resultado de envenenamento praticado pelo curandeiro Antonio Machado.

Hontem, ás 6 horas da manhã, o dr. Moura Brito, medico legista da policia, acompanhado do escrivão Olivier Costa Lima, foi a Campo Largo, afim de proceder a exumação e autopsia do cadaver.

A 1 hora da tarde, na presença das testemunhas e autoridades locais foi aberta a sepultura indicada pelo zelador do cemiterio e retirado um caixão forrado exteriormente de setineta preta e interiormente de morim branco, vio-se o cadaver de uma mulher que pelas pessoas presentes foi reconhecido como o de Anna Ferreira Xavier Ribeiro, branca, com 40 annos de idade, residente em Ouro Fino, daquelle districto.

O corpo estava em decubitus dorsal, com as mãos cruzadas sobre o peito e usava saia e camisa de morim branco, vestido e paletot de setineta azul marinho, meias pretas e sapatos de couro de bezerro.

Achavam-se presentemente ao exame os srs. Francisco Portugal, representante da justiça publica e José de Paiva Vidal, commissario de policia.

A inspecção geral do cadaver deixou revelar estado de putrefacção iniciada. O rosto e pescoço tinham uma cor esverdeada. Os labios entumecidos e inflamados.

Chamou a attenção dos peritos o facto dos cabellos, conjunctamente com o couro despregarem-se com uma facilidade extraordinaria

O minucioso exame do tubo gastrico-intestinal, deixou revelar uma desorganisação dos tecidos, que se achavam ulcerados, o que autorizou os peritos a affirmarem que a morte fôra occasionada pela propinação de uma substancia irritante e caustica, cuja natureza não podiam determinar.

Agora alguns pormenores sobre o facto.

No dia 28 do mez passado, Antonio Machado foi á casa de seu compadre Sergio de Campos, levando numa garrafa uma beberagem de cor duvidosa.

Alli chegado, depois de alguns momentos de palestra com Sergio e sua mulher Anna, disse que aquella estava *enfeitada* e que era preciso tirar-lhe o *feitico*.

Para isso tinha naquella garrafa um santo remedio.

Sergio e sua mulher, crentes na *sciencia* do curandeiro que já havia traido, tempos atraz, do primeiro, acreditaram no que elle lhes dizia, premtificando-se a mulher a tomar o remedio.

Antonio Machado então derramou em uma caneca certa quantidade daquella beberagem e fez com que Anna a ingerisse.

Acto continuo a mulher cabiu sobre uma cadeira, os dentes cerrados, sem pronunciar mais uma unica palavra.

A dose era pouca e o curandeiro lançando mão de um freio de cavallo, com elle abriu os dentes de sua comadre e despejou-lhe garganta abaixo outra dose da fatal garrafada.

Os efeitos intoxicadores da bebida, que logo após ingerida se fizeram sentir, foram augmentando, vindo a infeliz Anna a fallecer horas depois.

Depois o fatal desfecho, Machado que se ausentara da casa de Sergio, mandou buscar a garrafa que ali tinha deixado e o viuvo, ingenuamente, restituiu-a.

Anna Feareira Xavier Ribeiro que residia em Ouro Fino, districto de Campo Largo, entregava-se á profissão domestica, tendo sido creada de servir em varias casas daquella localidade.

Era ha muitos annos casada com Sergio de Campos e deixa na orphandade 9 filhos, entre os quaes um de 5 mezes apenas.

O sr. dr. Costa Carvalho vae remetter ao commissario de policia de Campo Largo o auto da autopsia, afim de que ella tome as necessarias providencias para a captura do curandeiro Antonio Machado.

## Mortalidade infantil

O illustre dr. Reinaldo Machado responde ao nosso questionário na seguinte carta :

"Sr. Redactor do *Diário da Tarde*—Attendendo ao vosso convite para dar minha opinião sobre a exagerada desproporção da mortalidade infantil no obituario geral da nossa capital nestes ultimos tempos, com satisfação venho ao vosso encontro, embora minhas palavras pouco possam ter, attendendo aos meus exiguos conhecimentos da especialidade e à falta dos elementos modernos para o diagnostico bacteriologico das moléstias reinantes.

Apenas seremos guiados em nossa singela opinião pela observação minuciosa de todos os dias e pelo grande defeito que nutrimos de sempre nos collocar ao lado de todos aquelles que se preocupam seriamente de bem estar do povo, como acontece com o *Diário da Tarde*.

Basta olharmos para a lista semanal dos mortos que vosso jornal publica todos os sabbados, para verificarmos que nestes ultimos tempos tem predominado como factores da mortalidade infantil as moléstias do aparelho digestivo e realmente os clinicos desta capital sabem que todos os annos, por esta epocha, o nosso quadro nosologico se apresenta com esta feição especial e diariamente somos chamados para attender aos pequenos doentes atacados desde do simples embaraço gastrico até das mais graves e complicadas infeções gastro-intestinaes, que muitas vezes, apesar de todos os esforços, e de qualquer terapêutica, levam os pequenos seres à sepultura.

Não creio que reine epidemia nesta capital a não ser a do sarampão e parotidite e estas com caracter benigno.

As infeções intestinaes, enterocolites, algumas vezes desynteriformes, são communs todos os annos nestes meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, tendo este anno, devido a circumstancias varias, attingido extraordinario e mortifero desenvolvimento que attrahiu a attenção de todos que se preocupam como o *Diário*, de assumpto desta ordem, de elevada relevancia social

Não creio que reine epidemia nesta capital a não ser a do sarampão e parotidite e estas com caracter benigno.

As infeções intestinaes, enterocolites, algumas vezes desynteriformes, são communs todos os annos nestes meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, tendo este anno, devido a circumstancias varias, attingido extraordinario e mortifero desenvolvimento que attrahiu a attenção de todos que se preocupam como o *Diário*, de assumpto desta ordem, de elevada relevancia social.

De muito tempo que se procura determinar com exactidão as causas que agem na catástrofe estival, augmentando a mortalidade infantil e tem-se chegado à conclusão de que as crianças são victimas da viciada alimentação, que actua como verdadeiro toxico sobre o fragil organismo infantil.

Os calores do estio favorecem a poluição bacteriana nos alimentos, as fermentações e as decomposições dos mesmos, as auto-intoxicações e basta esta lista para explicar a generalisação das moléstias do aparelho digestivo nesta estação.

Tanto é isso verdadeiro que raramente vemos uma criança amamentada ao seio, attingida pelo mal e quando isso acontece podemos encontrar a causa no abuser e prejudicial uso da chupeta, vehiculado por excellencia de verdadeiras toxinas microbianas.